

EST-ÉTICA

Ensaio filosófico

Régis Alain Barbier

EST-ÉTICA

Ensaio filosófico

Literatura – aplicação do *eixo de perspectiva metafísica cosmo-existencial*,
fundamento profundo do essencialismo como movimento filosófico.

Pré-publicação. Reproduzir com permissão. Citar como:

BARBIER, Régis Alain: EST-ÉTICA - 2008: livro internet –
www.essencialismo.org.br

EST-ÉTICA

Ensaio filosófico:

A palavra ética procede do grego ethos que significava morada, lugar em que vivemos, posteriormente, passou a significar o caráter e modo de ser que uma pessoa, ou grupo, vai adquirindo ao longo da vida. *Ética – Adela Cortina y Emilio Martínez Navarro – Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2005 - O termo ético: pág. 20.*

O termo “estético”, derivado do grego “aisthesis”, “aistheton” refere-se à percepção pelos sentidos, ou conhecimento sensível-sensorial: o conhecimento primeiro, básico, muitas vezes relegado à categoria de “gnoseologia inferior”.

DEDICATÓRIA:

A todos que procuram cultivar no cotidiano a arte
presencial do Belo.

EST-ÉTICA

Ensaio filosófico:

INTRODUÇÃO À ARTE FILOSÓFICA

E ao lerem os meus versos pensem

Que sou qualquer cousa natural

Por exemplo, a árvore antiga

Eu Nunca Guardei Rebanhos - Escrito por Alberto Caeiro

DA INICIAÇÃO ESTÉTICA

O nascimento integra e atualiza todas as coexistências e concretiza a vida, é a reafirmação do *Kósmos*. Fecundado, o corpo se forma devagar, instalando mais vida, continente aberto de bilhões de células inter-relacionadas configurando um imenso sistema unitário, regido nas batidas de um coração propulsando fluidos e solutos universais, nos movimentos alternos de um fole minerando atmosfera; uma animação sincronizada em compassos cíclicos, nos giros do planeta e sistema solar, nos elos das épocas e na pauta dos dias. O estado-de-ser se desenvolve incorporando impressões e sentimentos polares, estruturas

simétricas; do lado interno, tensões e relaxamentos, plenitudes e saciedade; vindo do exterior, frio e calor, umidade e secura, conforto e desconforto, suavidade e dureza, satisfações e insatisfações, serenidade e ansiedade, prazer e dor. Um foco interativo emanando na trama universal, uma ciência que não cessa de ampliar espaço, nexos e coerências, uma vida que acena estabelecendo referências em ondas e fases, pontuando sínteses e valores; nasce um mundo novo, posicionamentos e conquistas existenciais.

A fundação parece segura e bem coordenada, a trama sensorial evolve do ponto central, de origem, fundação da percepção, prolonga-se nos eixos decorrentes em todas as direções, irradiando até o infinito! No início, algumas perspectivas e distinções, como redes lançadas em busca de confirmar objetos sensoriais, depois, agregando mais elementos, chega o dia, meses depois do parto, em que se forma uma pessoa dizendo o nome, anunciando a sua individualidade junto às coisas do mundo.

Eventualmente, em uma alvorada florida de orvalho, inopinada, a umidade diamantina abrilhanta campinas e montes, a teia das sensações parece ondular, um arco-íris de consciência resplandece, acordando junto com as radiações mil dos azimutes, é a juventude que reconhece e confirma sua originação cósmica.

Se, num capricho, algum gênio espirituoso cortasse todas as amarras e ligações, radicalmente extirpando o núcleo mnemônico e experiencial do ser da sua trama formativa, do seu estado – uma extrusão provisória do enredo existencial por meio de algum tipo de anestesia, traumatismo, elixir ou feitiço -, o imenso sentido circunstanciado, referido ao estado-de-ser posicionado, desfaria se por completo.

Resultaria algo caótico como fragmentos de coisas levadas pelo vento; um ser girovagando num nimbo semiconsciente, sem delimitações claras ou rumos, desorientado, sonambulando no ritmo das batidas inquietas do coração e ciclos respiratórios.

Como narrar, em retrospectiva, uma experiência tão estranha juntando no mesmo enredo reminiscências de despertares, alumbramentos, dúvidas e encantamentos? Algo que, talvez, pudesse ser contado como história de morte e renascimento:

Da dissolução como abstração rigorosa:

Caindo dissociado e dissolvido num lugar informe, não havia ponto de apoio, base ou direção, começo ou fim, não havia tempo. Era apenas um fato, algo imenso, repleto, delimitado por instâncias binárias sem terminações. Não havia mais nome nem referências próprias, nenhuma apreciação estável: tudo era dissolvido, consciência impessoal, sentimento indefinido, conceitos ambivalentes, tudo circulando, rodopiando, num carrossel sem ponto fixo, multipolar - não havia mais fechar de olhos, nem abertura, inspirar nem expirar, ânimos ou desânimos, alegrias ou tristezas, acordar ou dormir, noites ou dias, bem ou mal, bom ou ruim, antes ou depois, em cima ou embaixo, indisposição ou disposição, saúde ou doença, velhice ou juventude, chão ou céu. Tudo era ao mesmo tempo, sem passado ou futuro, uma vivência dissolvida, desconecta, lançada num giro ilimitado de impressões dúbias, acessadas simultaneamente, em alternâncias insondáveis: ausência de lados e de limites. Não parecia haver opções físicas ou metafísicas, alternativas como “ser ou não ser”: existir parecia

irrevogável, necessitando ser assim mesmo - só podia ser assim. Todas as virtudes e falta delas: amor e aversão, alegria e tristeza, beleza e feiura, dia e noite, tudo estava presente, magnífico e horrível; mas, logo, girando em antinomia quando acessado especificamente; até mesmo a consciência rimava e dançava com a inconsciência, como os dois lados de uma moeda sem espessura, paralelas simultâneas. Polaridade complementar, reversibilidade opositiva em todas as categorias e perspectivas - criatura infinda, sem começo e sem fim, invertendo-se e nulificando-se, circulando o tamanho do universo, envolvendo tudo, integrando uma fita estranha, mobiusiana, sem tamanho, multiplicada por milhares, mas uma só - um eterno infinito sem estabilidade formal nem sentido algum: chuva, mar, nuvens e rios nas batidas bicamerais de um coração ansioso.

Da individuação como abstração branda:

Eu percebi que havia uma maneira de renascer ou morrer, coordenar o indefinido enredando-me num sentido real, como antes; precisava nascer, ou, *in totum*, retornar dessa ausência de estado – estancar o inestado. Era necessário ficar absolutamente sincronizado no silêncio e na quietude, no intervalo entre os lados equívocos das visões e pensamentos; na suspensão do respirar parecia haver uma brecha, um canal, um fio: havia um caminho por onde, talvez, sair daquela situação labiríntica - matando o minotauro. Nascer ou morrer, quem sabe, para a realidade ou ilusão, ao menos para algo concreto e firme, para um ser formado e ciente, delimitado e cristalizado, como antes. Ficando absolutamente imóvel, silencioso, comprimindo o movimento, agarrei

esse tênue ponto e raio de luz. Tentava e tentava firmar atenção, imóvel, bem na brecha, no intervalo entre os mundos, represando o fluxo, estancando o ar e o movimento. Será que perdi a consciência por um tempo, evaporado no vazio? Encontrei alguma textura, formas reduzidas e estáveis de sensações; no fim de um lapso, percebi estar principiando um renascimento. Acelerando, afunilei na luz-túnel, compactado e modulado num canal, pressenti um parto acontecendo – pausei recém-nascido, me vi bebê, resgatando a história, reatando os fios, recuperando a ciência e a memória da minha formação. Percebia, no agora e na lembrança, algumas pessoas me aparando e sentando no chão. Via-me crescer, adquirindo configuração e sentido, rápido como num cinema acelerado. Voltei a recuperar a minha sensibilidade e personalidade, ser uma pessoa definida, uma identidade precisa, delimitada: voltei a ser “eu”, acordei desperto, ciente na minha formação, no meu cenário e estado de vida habitual, recontatei o meu mundo – de ilusão ou realidade – com todo o prazer e sensação de ser! Que alívio estar de volta, aqui agora, pousado no chão, sentado no terraço de uma casa, numa hora específica, momento preciso, definido, em um dia marcado no calendário de uma vida, num tempo-espaco vivo, esteticamente lúcido, sensível, sólido e firme, de verdade, como agora, lendo esta frase.

Onde locar e tracejar dicotomias radicais nesse conjunto integrado? Grande e conexa é a natureza; tudo se alinha, ajunta e conspira para fazer da experiência um evento unitário. Como - a não ser ofuscado, apavorado – não perceber essa trama para imaginar fraturas rigorosas? A razão dos antigos, o ânimo dos primeiros acadêmicos, o espírito dos escolásticos, a consciência dos modernos, o *Logos*, os princípios, as leis,

o Verbo, tudo interage e correlata sem distinções rigorosas: insights enigmáticos, termos intercambiáveis à mercê das preferências, imprecisões, incertezas, rigidezes e hábitos culturais dos pensadores.

DA CIRCUNSTÂNCIA PRIMA DO ESTADO-DE-SER

O homo sapiens é uma criatura simbólica per si, origem de todos os mitos, estrutura continente de todos os significados: uma ambiguidade implícita é o estado basilar de ser.

No centro, no ponto focal da atenção, na abertura e irradiação desse estado-de-ser, no espargir dessa consciência, as sensações se especificam e discriminam em escalas de antíteses, quente, frio; claro, escuro; grave e agudo (...), numa intensidade oscilando nas voltagens da busca e nos limites do discernimento, da faixa mais sutil a mais intensa; esplendor infinito, além, só inconsciência, imponderabilidade, ou sono letárgico, repouso.

O significado surge enlaçado nas sinestésias que se estabelecem, uma vivência progressiva, amadurecendo na consciência, na densidade existencial. Nessa espessura, o significado se modifica e recria ao sabor das associações, dos encontros, das memórias e fascinações. As sensações proprioceptivas iniciais, o toque, o tato, as sensações viscerais e somáticas harmonizam-se com as cores e os sons.

Os conceitos se estabelecem como metáforas construídas a partir das sinestésias formadoras de sentido. As sensações internas, proprioceptivas, viscerceptivas, o sentir corporal associam-se a outras

percepções exteroceptivas como tátil, luminosa, acústica - à textura, ao som, à luz, às cores. O som se torna o som das cores, das formas e dos sentimentos. Cores cristalinas agudas e finas, alegres, tintilantes; formas luminosas, harmoniosas, melódicas, ondulantes como o sopro suave da brisa nos galhos da acácia; sentimentos claros e precisos, bem contrastados, alegria semelhante à nota sol brilhando no cantar do rouxinol.

Dessas “onomatopeias sinestésicas”, o som das cores, das formas, das sensações e sentimentos, a música dos perceptíveis surgem e nascem palavras em virtude do compartilhamento comunitário, das vocalizações e das sensações: nasce a linguagem, apta a expressar a verdade do estado-de-ser, a verdade ética do bom senso eco-humanista. A explicitação do ser é o mundo: ele só pode ser no mundo, presente, ativo, ciente, volitivo e imediato; a efetividade do ser são os entes. O pensamento é o reflexo em claro obscuro, a sombra evocatória do que é. O ente é a realidade do ser, o ser se realiza no ente. É essa a verdade, a beleza, o perfeito, o justo e o bom apontando o Belo: a unidade permitindo a escolha de cultivar um bom estado-de-ser existencial. A identidade silente do estado-de-ser, inscrita nos pontos neutros locados nos intervalos dos ruídos e sensações definidas, pode ser recolhida e vivenciada na arte da contemplação, como presença ampla e imediata, selando, no repouso da consciência e estrutura, a unicidade e verdade do ser-sujeito e objeto (eu-sou) sendo o estrato-pensamento epifenômeno reflexivo, integrador e característico; veículo das verdades relativas de todos e de cada um.

A identidade universal do estado-de-ser sela hermeticamente, em consciência e estrutura, a unicidade e verdade do ser-sujeito e objeto –

o que fazer e como agir, a que dedicar o ato e estado-de-ser, a densidão e a vontade que se consomem na pauta da vida?

A circunstância existencial mais luminosa e sensata e devidamente observada, com intensa possibilidade de se reconhecer e definir, procede do caráter imediato, primevo e precursor da experiência, embasada na unicidade estrutural como dada a ser e afunila: a) em simples reconhecimento, aceitação e confirmação do estado-de-ser como é, unitário, integrado e fluido; b) na afirmação processual do fenômeno existencial, a partir da consciência de assim ser. Acompanhar o exercício da razão natural partindo desse posicionamento existencial é descortinar a ética. A prática da veracidade, justiça e bondade é ética assentada no ethos, cujo reconhecimento e locação são tributos da apreciação estética, devidamente valorada à luz da razão.

O exercício da ética decorre, inicialmente, em poder reconhecer como sendo bom o que é dado a ser – bondade como reconhecimento, aceitação e afirmação processual, é arte demonstrando a verdadeira filosofia, amadurecendo e florando na Arte Magna da civítica. Um processo cujo princípio fundamental reside em penetrar até o centro do estado-de-ser e do imo, concordar – superar o que houver: enfrentando, dissolvendo, perdoando, transmutando – e, no fim, sossegando, achar bom estar caminhando na espessura do vir-a-ser em busca do Belo, da virtude, do cultivo sereno do estado de ser-amoroso na dança de roda da comunidade.

O finito se reveste de infinito à luz natural da razão atenta, abstrata e imaginativa, a trama do conhecimento se dissolve no horizonte - no jardim, flores brilhando como diamantes, é o reflexo substancial do

domo celestial. O ser existe e realiza-se no ente, qualifica-se no sentimento, expande-se no pensamento criativo, até o infinito. A existência, contingente e mutável, ocorre a partir de um estado-de-ser cuja verdade, o que para se ver-é-dado, é, na parte que nos condiz, o que se pensa, se afirma e conduz. Na ética, não há predominância, nem dominância alguma nas discriminações qualitativas; na estética - na ética-que-é, est-ética – há apenas o ato intencional de escolher harmonizar a vontade e razão com o ethos, a natureza, o senso compreendido de bom, de belo e de bem. Ética, no sentido profundo acima definido, como melhor boa vontade e inteligência no contexto do estado-de-ser, é autointegração coerente ao seu próprio compromisso, meditado e livre, à sua escolha de ser: i.e., à sua vontade. Manter-se íntegro, uno, verdadeiro, é manter-se fiel a si mesmo, quando bem se entende, acolhe e ampara o essencial nos braços da sabedoria.

DA ESTRUTURA SIMBÓLICA DO ESTADO-DE-SER

Como as ninfeáceas de flores encantadoras e rizomas presos ao lodo dos igarapés, o ser humano, de constituição física bem acomodada ao chão, emana um mundo imponderável de ideias, crenças e fantasias: é a estrutura simbólica por excelência, genésica e viva. O homo sapiens é per si, um fenômeno bipolar, continente e fonte psicofísica de todos os mitos e lendas: essa ambiguidade, implícita, mas essencial, é o estado fundamental de ser. Anuindo com a vida, torna-se necessário afirmar-se como se é: estrutura mítica e viva, assentada nos mistérios do sem fim.

O questionamento filosófico não se limita ao estudo ansioso dos signos das instâncias gramaticais e matematismos; um ânimo filosófico justo não pode resultar numa afiguração metódica e artificial extrapolando o estado-de-ser fora dos seus limites existenciais em busca de um transcendentalismo vertical, como o da teologia medieval, ou reduzindo-o a fato atômico, instrumental.

Estado-de-ser é *estado* [nome] junto com *ser* [verbo]: isto é “*eu sou*”. *Eu sou* e por isso não posso ser nem representação, nem robótica. O que é filosófico, estético e ético, não pode ser entendido como imaterial, “espiritual”, nem como análise de linguagem, ou objeto científico: nesses questionamentos fracionários só se encontram definições limitadas, coisas provisionais – o que não significa que o estado-de-ser não possa ser conhecido, afinal eu sou! O estado-de-ser em si, confrontado na sua plenitude, com coragem, sem objetivar ou vaporizar – é, evidentemente reconhecido *inefável*. Do começo ao fim, é o silêncio imediato da presença simples que recolhe e manifesta a experiência viva: coisa evidente aos “atenienses”¹ que sabem nada poder conhecer de essencial desdobrando o que é uno, analisando. O artista existencial, como uma ave migratória, sabe o seu rumo filosófico: romper a tensão dualista em busca de integração e unidade. Antes de derivar em peculiaridades metodologicamente e academicamente tuteladas, distorcidas e envoltas em sofismas, existe

¹ “Atenienses”: como metonímia apontando os filósofos em geral, mais especificamente os que percebem Sócrates como um cético, fascinado pela potência e grandeza do mistério do estado de ser e divinizando o mistério em-si, sem extrapolações: não arquitetando um mundo improvável de ideias como seu discípulo Platão. Como diz K. Jaspers em *Os Mestres da Humanidade*, no capítulo dedicado a Sócrates, parágrafo 8, “o modo como cada um vivencia Sócrates atua como um traço fundamental do seu pensamento”.

no plano cognitivo uma grande circunstância comum, universal, primordial, mas radicalmente evitada, ocultada; certamente, o conhecimento frontal dessa infinitude deve ser traumático, afigurar-se tão apavorante quanto a perspectiva da morte.

Em todas as praças e lugares, o ímpeto criativo só consegue transgredir os balizamentos enganosos e a multiplicidade distrativa das circunstâncias culturais, exercitando intensa atenção impossível de ser desconsiderada na busca filosófica honesta e autêntica. Em uma retrospectiva, contemplando uma ampla amostragem de intentos, os resultados da busca filosófica assemelham-se a rastros: as pesquisas, artes e projetos, transmitem evidências férteis, comunicam alguns sinais, porém não manifestam os âmbitos sugeridos à luz das indagações, como testemunhados pelos autores.

Toda indagação determina uma curva, onde cada ponto, ou passo, faz sentido ao lado dos outros, como mapas, ou trilhas. Os símbolos desenham conceitos e apontam direções, não trazem conhecimento imediato - a viagem é única, de cada um.

DA VIA ESTÉTICA E FILOSÓFICA

No arco estendido entre o esteticismo do poeta e a reflexão intuitiva, surge o Belo; imanência e acontecimento típico de um âmbito cognitivo ainda próximo do nimbo fundamental, em sintonia com um naturalismo filosofante e profundo em que o cosmos e seus elementos integram os mitos refletindo a essência, o sublime.

Na Grécia antiga, demais nações indígenas e pagãs, os eventos, as tradições e fenômenos culturais delineavam uma tendência circular, uma narrativa que integrava acontecimentos telúricos, históricos e culturais num horizonte de perspectivas míticas e políticas, linhas mestras inevitáveis das configurações comunitárias. Essas perspectivas eram estruturadas numa noção de diversa de tempo, visionava-se um momento integrado nidificando um processo de transformação ordenado de acordo com a natureza; formas panteísticas atuantes, antitéticas ao esquema civilizacional hoje dominante. Eis a essência e o ânimo das culturas nativas. A filosofia exuberava radiante na arte existencial dos jônicos, na peripécia natural dos dias, nos encantos poéticos; sublime, ainda cintilava nos gestos dos estoicos e epicúreos nos primeiros séculos da nossa era, mesmo se já delimitada em pátios e escolas, resíduos esparsos do tecido cultural grego, tênues filigranas de serena alegria enredados nas tramas dos crescentes poderes sacerdotais e sectários. A racionalidade ainda não havia hipertrofiado em direção às esferas mais reflexíveis do pensamento a ponto de romper, na pressão do fenômeno analítico, as fortes conexões entre razão, intuições e significados simbólicos, até o fracionamento e redução da cognição nos acordos do dualismo metafísico, sustentáculos do teísmo dogmático e da *episteme representativa*², seus desdobramentos teológicos, políticos, científicos e pluralistas.

2 A plena compreensão da *episteme* que denomino “*representativa*” e que arrima a totalidade do processo civilizatório vigente exige a descrição prévia de diversos fenômenos referentes a “intuição metafísica”, “eixos de perspectivas metafísicas” e “coordenadas metafísicas secundárias”, com decorrentes formações teológicas sobrenaturalistas, políticas de eleitos, economia fiduciária e sem lastro: formas societárias estruturadas por intermédio dessa *episteme*.

A cultura comunitário-naturalista começou a ser rigorosamente subjugada no compasso da nossa civilização, na superestratificação monolítica e uniformização cultural dualista imposta a partir das invasões da Jônia, por intermédio das conquistas pérsicas, divulgando um tipo de orfismo radical estruturado nos conceitos metafísicos, sacerdotais e políticos, do masdeísmo.

Pálida, a primordial arte-filosófica de viver, pertencer e ser, ainda se reflete como curiosidade como os animais exóticos e os indígenas que se exibiam na velha Europa, trazidos das “Índias Orientais” - nos enredos de algumas danças, no brilho de alguns estandartes, em adereços, frontispícios e cantos, nos encadeamentos de certas cerimônias e gestos rituais. No Renascimento, essa arte existencial brilhou um momento e se foi como uma baleia mítica vindo respirar, deixando rastros claros, vivificantes, para os dotados de alento e capazes de reconhecer, nos intervalos do estado-de-ser, a unidade fundadora e transmutativa nas junções fecundas e criativas,. Hoje, embora velada, a cosmovisão fundamental permanece ativa, transmitindo alguns saberes nos arredores e nas margens do sistema societário.

Saber trilhar a via estética e sustentar no cotidiano a presença do Belo, afirmando a arte de ver, olhar, pensar, verbalizar, tocar e viver juntos na natureza-real, é como um sorriso adequado, um dito de verdade, uma simples presença por inteiro, um bom dia. Irradiar a belezadessa via conectando a estética com a ética numa conduta apreciadora da

O estudo desses fenômenos pervaga os meus escritos e faz jus a um ensaio específico – “A metafísica como experiência e manifestação, epistemes decorrentes” – no momento, apresentado em colóquios reservados.

belezaem busca do Belo e do enigma unitário, expressar essa consciência atuante em palavras e atos magistrais: é Filosofar em busca de civítica.

Faltando filosofia ou arte nas expressividades, será por carência acidental, imperfeição contextual, desatenção e fragilidade pessoal; quando bem lembrado de si, focado, desperto, dando valor ao essencial, sabendo como nasce e se forma essa ciência existencial, não há dicotomia entre o estado-de-ser, a comunidade, a arte e a filosofia. Bem pensada, a Filosofia da Arte é uma epistemologia vivida com lucidez e na plena força do confronto criativo, na vanguarda do estado-de-ser. Busca altaneira e firme, sem receio, consolo ou fuga, sem suporte nem subvenção; enfrentando a arte de infinitamente criar, testar, provar e experimentar, cocriando o mundo, descobrindo as harmonias do bom gosto e bom senso existencial, cultuando um estado-de-ser diretamente apreendido.

A estética da vida bem examinada, bem vivida e justificada, é o caminho filosófico; estética e filosofia aderem porque surgem no berço da criação e da vida como ela se dá à existência no fenômeno humano, como uma flor nascendo, vindo da semente, demonstrando belezaformal, harmonia, irradiando perfume e cor, tudo em sintonia com a totalidade do jardim; movimento integrador ampliando de dentro para fora, em supino.

Coisas aparentemente complexas exigem com frequência definições radicais, apontando a raiz dos fenômenos: Belo é a essência unitária, aquilo que quase se toca e claramente entende, mas, espantosa afasia, permanece inefável! Riquíssimo silêncio indeclinável apontado ao longo da via filosófica dos estetas.

Os *cogitos* do intelecto sensível e racional afirmam infinitos pontos de vista, mas uma só grã-verdade, embora misteriosa: conceitos estéticos e éticos, em busca do justo e seus encantos, o Belo³ – casando Dionísio com Atena, Afrodite com Apolo, um lado com outro, como sujeito e objeto integrados, sem subordinações prepositivas⁴.

Entende-se, comumente, a *ética* como um sistema de orientação, um conjunto de prescrições; talvez, mas, de modo secundário, como um rio pode ser dito “via fluvial”, sendo, antes de tudo, um leito natural por onde flui a água numa das fases do seu ciclo. Responder à questão - “em que consiste a moral, a ética?” -, afirmando: - “é um sistema de orientação”, além de não responder, extirpa o assunto do seu lugar natural e essencial, do *ethos*⁵, como *lugar*, para acondicioná-lo numa retórica tendenciosa, já no âmbito de um dipolo existencial, basicamente administrado por hierarcas, em oposição a um povo inerte, necessitando orientação, prescrição exógena e imposta: i.e., caminhantes sem rumos e possivelmente desterrados dos seus lugares naturais e lançados em rumos imaginários tidos como essenciais e ontológicos. Um estranho e crônico deslocamento do *ethos*, inserido

3 Uso o maiúsculo para “Belo” sempre que se configurar na frase como um nome, numa evocação direta, e não adjetivando uma forma.

4 Como escrevem TACHIZAWA, Takeshi/MENDES, Gildásio – Como Fazer Monografia na Prática. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999 – pág. 35: “o objeto é o tema propriamente dito - no sentido gramatical, é o complemento que integra a significação do verbo sem auxílio de preposição”.

5 *Ethos* como: estar no lugar “ser-humano”, unicidade estrutural dada a ser: estado-de-ser-humano é o *ethos* que nos compete.

como contexto e âmbito valorativo, falseia a colocação, ou enquadramento, do questionamento ético.

Desde o início da filosofia, a *razão* define a propriedade característica, o apanágio da natureza humana: realizar a sua própria natureza, encontrar o seu rumo, é agir de acordo com a *razão* - alicerce da *ciência-de-si*⁶. Quando o ser humano adquire a plenitude ou maturidade da razão, a consciência clara da sua especificidade e lugar, um curso de ação mais sensato e harmonioso tende a evidenciar-se naturalmente, expressando-se na forma de código, ou lei – normatiza-se o antigo preceito de “lei natural”. Um conceito hoje pouco usado, velado, como se, tacitamente, removido das academias oficiais: na atual época subjetivista, historicista, culturalista e relativista, “lei natural”, é termo inquietante, confrontando o constructo cultural, as reservas e domínios políticos, os interesses societários e sectários.

A complexidade decorre de que a humanidade apresenta os potenciais naturais para tal maturidade, mas poucos indivíduos realizam esse potencial a contento. As circunstâncias ideais, para que tal amadurecimento se realize com plenitude, são: liberdade, respeito e

6 O termo *ciência-de-si*, autoevidente em momentos pretéritos da filosofia, justifica uma definição, principalmente, a partir da modernidade, quando a filosofia deixou de ser considerada “uma ciência”, na prevalência das novas epistemologias e do positivismo. *Ciência-de-si* refere-se a um conhecimento próprio, operante e sistematizado, intermediado por uma autoinvestigação, suprarracional, porque levada a termo através dos diversos intelectos – ou inteligências – e, necessariamente, considerando, em afiliação os saberes e determinantes advindos de: 1) uma época histórico-filosófica, ou cultura; de 2) uma perspectiva filosófica; 3) do reconhecimento de que a circunstância magna do *homo sapiens* é o Universo, a Natureza. Portanto, *ciência-de-si* representa e expressa uma forma filosófica, entendida como fundamento apto e capaz de sustentar e configurar uma experiência da vida ética. Uma definição mais completa e precisa é discutida nesse texto: PARTE IV, parágrafo AUTOCONHECIMENTO E RELATIVISMO MORAL.

amizade - condições pertinentes ao âmbito de comunidades, historicamente, não dominadas ou deformadas por relações de subjugações geradoras de prepotência, ressentimentos, mágoas, infelicidades e desconfianças. As antigas escolas de filosofia, destinadas a cuidar da formação humana, referiam-se ao *Logos* como uma ponte operante elevando o entendimento humano mais prosaico ao conhecimento atinente às amplas perspectivas, revelando-se no processo: *a lei à luz da razão natural* - a ordem universal, a essência da estética e da ética. Nos aglomerados societários, resultantes de manobras de conquista, com embasamentos e fundamentos filosóficos precários⁷, grupos em relações desumanas e ignorantes entram em permanentes conflitos: circunstâncias adversas ao amadurecimento dos potenciais da razão plena, qualificada⁸.

O ser humano é um processo maturando no espaço-tempo e a ética é a sua expressão fundamental e genuína. Os históricos poemas conceituais, exaltando e descrevendo o lugar de ser pleno, esse ethos, não manam do senso vulgar, de revelação, ou de mandantes autoritários: esse lirismo apenas sinaliza que alguns seres humanos

7 Como necessariamente acontece nos estados superestratificados – o termo superestratificação, a instalação hereditária da iniquidade, é muito bem definido em Rustow Alexander; *Freedom and domination*; Princeton University Press; 1980 – introduction.

8 Razão qualificada: é fundamentada na realidade existencial do estado-de-ser pleno, dotado de intelecto criativo, e circunstanciado no mundo, na vida. Ela revela uma unicidade universal cuja presença não escapa à inteligência aguçada, ao coração intuitivo: é a razão mais típica dos filósofos, encontra-se ao alcance da cognição, por inteiro - intuição e sentido. Razão qualificada transcende claramente os limites do intelecto racional, mecanismos lógicos aptos a serem aprisionados em máquinas de calcular e computadores. É a razão mais intensa, profunda, natural, do bom-senso e senso-comum, aguçados pela meditação, pelo apurado estudo e observação: é a razão consciente da verdade que se revela em virtude, confirmando-se no reconhecimento, encanto e fascínio pela beleza e grandeza da natureza.

chegaram a esse grau de maturidade, deixando as suas marcas, a harmonia dos seus cantos, lendas, epopeias e mitos, nas culturas onde viveram.

Os antigos filósofos, como os estoicos⁹ (das colunas mais antigas, gregas, romanas e das atuais), os epicuristas, os céticos, os cínicos e outros, são considerados *filósofos naturalistas*, muitas vezes denominados - pelos adeptos das religiosidades sobrenaturalistas ou teístas - de materialistas, sendo os pontos de vistas neoplatônicos, com frequência, apontados como aquém do “ideal” vislumbrado pelas elites sacerdotais. A vocação desses antigos, como expresso magistralmente no *Manual* de Epíteto, assim como nas *Epístolas* de Sêneca, nas *Meditações* de Marco Aurélio, nos fragmentos e aforismos de Epicuro, alguns trechos de Plotino, representam uma sabedoria coletada com cuidado, inspirando mais alento e excelência, suscitando cogitar e viver de acordo, em busca de manter o inteligível, eficiente e funcional, em todos os momentos, apesar das distrações e desequilíbrios: trata-se de um esforço próprio de atenção, sustentado e livre, exequível aos predispostos, de boa vontade e bom gosto, aos eutímicos.

À ética, como âmbito de liberdade, realização magna e de excelência, não se chega pela imposição e prescrição, mas sim, pelo ensino adequado, demonstrado e construído no convívio; ao mesmo tempo

9 Estóicos, do grego “stoikós”, de “stoa”, ou “coluna”- estoicos: os que filosofavam ao ar livre, ao pé das colunas dos edifícios, como templos, mercados, ginásios, etc. que foram, desde o tempo do fundador, Zenão de Cício (340-264) denominados os filósofos das colunas. São referidos, na sequência do movimento, como filósofos das antigas colunas - Zenão, e seus seguidores imediatos, Cleanto (séc. III a.C.), Crisipo (280-208); e das colunas tardias, como os romanos, Epictetus, Cícero, Sêneca, Musonius Rufus, etc., ou ainda da primeira col., segunda col. e terceira coluna.

respeitando o outro, a comunidade, num patamar humanista de igualdade, sem cartas marcadas ou agendas ocultas, dialogando com atenção e sem reservas. Uma práxis libertária, impossível em condições sociais de subjugação, de injustiça, desrespeito explícito, gritando em cada rua; o esquema societário contemporâneo, grosseiramente superestratificado, está muito distante desse lugar: da ética, do ethos.

Não há, nessas buscas, nada semelhante aos imperativos kantianos, sejam *hipotéticos* ou *categóricos*. O conceito de natureza como *coisa-em-si* é antitético à estética e à ética como aqui referidas a um ambiente incorporável, ao ethos natural do ser humano, bem posto e unido, inteiro, no seu lugar.

O estado *ser-humano* bem vivido, disposto e ciente, não pode ser “categórico” nem “hipotético”, mas, livre e responsável, escolhendo do cerne da consciência própria, a atualização da sua natureza, com vontade, sem impulsividade irracional - liberdade. O caminho é estreito, atual, vivo e cambiante; apenas sentindo, sem receio, vivendo com coragem a harmonia interposta entre a “ordem natural”, como um lado do estado-de-ser (o rizoma), e a *razão qualificada*, como o outro lado (a flor), progride-se, equilibrando os humores em tempo real, vivendo bem no ethos, em harmonia.

Não há antagonismo essencial entre a ética dita “hedonista”, com forte embasamento estético, e a eudaimonista, mais deôntica: esses termos referem-se a métodos e práxis, não aos fundamentos manifestos à luz da razão natural, ao ethos - o evidente prevalece em todas as escolas de sabedoria. As diferenças repousam no estatuto, preferências e condicionamentos sociais, ou veio filosófico, de cada linha. Aristóteles é preceptor de imperadores e reis, especializado em ensinar, pesquisar,

estudar com toda a folga e facilidades conferidas pelo cargo; Epicuro é um cidadão compartilhando uma vida simples, às margens das excitações da polis, cultivando o seu jardim filosófico; Marco Aurélio é Imperador-Romano; Epíteto, escravo alforriado, sem nome ou tradição familiar.

A “eutímia”¹⁰ combina com uma vivência prudente e sem fausto com o sossego amigo e sereno; é a base mais eficaz, terreno fértil, para se cultivar a *luz da razão* em busca de “reconhecer” e viver os princípios da *lei natural*. Para Epicuro, tornar-se abastoso e fecundo é combater as carências, junto com os amigos filósofos com quem convive e dialoga, renunciar ao desnecessário e não natural (como cargos e honrarias empenhadoras), buscar a plenitude interior à luz da razão, esclarecer o status natural do ser humano, eventualmente codificável.

Como imaginar possível, sem preconceções opositivas, igualar essa legítima e digna dedicação filosófica, incidindo no cerne e ânimo universal do ser, à categoria de certos “utilitarismos” no sentido mais prosaico? Como comparar essa antiga busca filosófica, eutímica, com um pragmatismo sem grandeza de ânimo; mera consecução de metas e progressos, empreendidos nos desígnios de uma vida útil, produtiva, uma existência entendida como sistema de trocas e intercâmbios de valores, em busca de benefícios, vantagens e lucros?

Não se pode compreender o que vem a ser ética, como advém do reconhecimento do ethos, sem pôr o conceito na escala que merece; reduzir a essência-filosófica a uma norma de convívio, ou a uma ordem

10 Do gr. Euthumía: coragem, confiança, alegria: de “eu”- bom, bem + “thumós-oû” - sopro; princípio vital, ânimo.

sobrenatural instrumentaliza a humanidade. Estamos muito distantes - um desvio superior a dois mil anos históricos - do ethos central, intenso, como entendido e bem reconhecido pelos antigos.

Escrever, pensar e filosofar não se reduz à organização de assuntos já explicitados; trata-se de desbravar conceitos e pensamentos partindo de uma demanda proveniente da intimidade da existência, ou a ela se referindo, com forte sentimento; envolvendo a si e ao mundo na consciência das relações, numa percepção de unidade. Para um transeunte desavisado lendo ensaios filosóficos como se fossem relatórios teóricos, jornais ou escrituras, o filósofo poderá parecer estar trazendo assuntos dominados, como se fossem do além ou das agências de notícias. Na realidade, o filosofante está esboçando e trilhando compreensões, descobrimentos.

Ortega y Gasset demonstra lucidez quando escreve: “(...) moral é o próprio ser do homem quando está em seu próprio curso e eficácia vital”¹¹. Ética é dar-se à vida como é, de acordo com a “lei-natural”, sabendo que o melhor curso de ação é sossegar e fazer amizades verdadeiras; dar valor ao que está no seu poder, não se iludir imaginando-se procedente de uma natureza essencialmente diversa, outra, diferente do que se é. Caso o que se viva realmente, divirja, radicalmente, do que se imagina dever ser, é, certamente, que se carece de visões e práxis alinhadas aos seus melhores potenciais. Tendo boa vontade, há de despertar o ethos próprio do ser humano, vislumbrado pelos filósofos: é lugar de quem sabe de si mesmo ser senhor, escolhendo, querendo, fortalecendo-se. Trata-se de uma busca e de

11 Citado em CORTINA, A. Ética. São Paulo: Edições Loyola, 2005 – pág. 35.

uma construção crítica, movidas por um desafio existencial; confronto no qual, a cada curva, o estado-de-ser evolui; uma transformação ativa no mundo dos conceitos, dos sentimentos e do real. Definições aparecem no processo, às vezes mais justas e ponderadas, outras vezes estranhas, mas sempre recolocando o acervo já definido em questão, aprimorando e testando a via estético-ética em busca de bom senso existencial e criativo, gerador das antigas virtudes. É uma aventura buscar repor o estado-de-ser no rumo basilar, no fluir da linha estético-ética, porém em configurações renovadas, alargando o *campo do ser*, que é o “ser” e o “campo”, cravando novas e melhores circunstâncias em harmonia com o *Logos*, refletindo mais liberdade e bom senso, até quando existir for dessa forma e maneira.

Escolher uma direção geral não implica desenhar previamente as etapas do caminho. O pensar filosófico, agindo do interior livre, verdadeiro e atual, não parece ter projetos predefinidos: não há coisas desfeitas, para reconstruir, como se fossem mecanismos. Existem desafios, intuições a descobrir, escrever, meditar, pensar e ordenar depois de pensadas. No fim, talvez, vivencie-se o que se tentava expressar - a busca se relaciona com o problema existencial (bem ou mal cogitados) e o contexto no qual se dá a aventura. Depois de frutificado, em retrospectiva, é que poderão constatar-se esses ou aqueles eventos como veículos capazes de apontar algo do Belo: no arremate, imaginar um nome, desenhar ou esquematizar uma anatomia, determinando um caminho em busca de conhecer o estado-de-ser. É semelhante à história de uma criança concretizando o encontro com a vida, uma biografia construída passo a passo, o cultivo de uma relação sentimental, de um namoro intelectual: aproximação e

diálogo abertos, como acontecido na praça pública, em Atenas; à gestação da sabedoria, uma maiêutica lúcida, o início e o fim de uma via rica de esteticismos e razões.

O sujeito desta escrita é a *busca do Belo*, não ambiciono apostar pontos finais em nada, nem destruir o sempiterno espanto! O objeto é: a busca da beleza como direcionamento ético, movimento induzindo uma postura sensível, racional e criadora, revelando e configurando o Belo na esfera real. Então o tema será a beleza como direcionamento ético, em busca do Belo; apontando que a intenção estética¹² configura uma aspiração ética, em conceitos traduzíveis nas formas do intelecto integrado, e com fortes repercussões práticas na esfera dos projetos individuais, sociais, artísticos e comunitários, por sua vez suscitando maior beleza, configurando-se um círculo-virtuoso eco-humanista.

O universo essencial de referência é o Belo entendido como um estado unitário, foco de absoluta atração, para o qual convergem as virtudes, todas as verdades, o bom e o bem. Um universo paradoxal, absoluto, em potência e qualidade, ao mesmo tempo, imensamente focado, constituindo um mistério que se aponta, simplesmente, com facilidade, até mesmo num verso, num gesto: *a ti elevo uma flor*.

A beleza é entendida como mensageira inspiradora, como as musas das antigas tradições¹³. Ela leva o artista, o amante da vida plena, o filósofo, o místico, ao encontro do Belo. O Belo é o divino, o cósmico. Encontra-se o ânimo, a liberdade, para bem apreciar e captar a beleza, livrando-

12 Intenção estética, ou tensão-estética, como correlativa aos movimentos naturais do intelecto sensível (lembrando Aristóteles), e do “intelecto mítico” (denominação própria).

13 As musas são instâncias filosóficas ativas, como enzimas, coligando partes em uniões reveladoras.

se da discórdia, anuindo com a vida sem preocupações – é que o ponto de partida, ou ponto de vista estético, só emana do centro, dos corações tranquilos, em concórdia e harmonia, serenos.

A beleza é a forma sensível e manifesta que expõe o sentimento do Belo; e o Belo é a potência una e criadora, manifestando-se em forma de virtude, podendo denominar-se, genericamente, de ser-amoroso. Ser sensível à beleza é reconhecer e sentir o ser-amoroso, que, cultivado como uma obra de arte, pela educação estética, afirma-se e amplia-se, confundindo-se com o Belo, em um estado especial de conexão e apreciação jubilosa, extática. O conhecimento desse caminho possibilita a apreensão imediata, profunda, de que a beleza balanceia e suaviza o pensamento; abre-se para um oceano intuitivo, lúcido e criativo; um plano humano e universal onde, mergulhado, compreende-se que o amor é a fonte da vida, a fonte da humanidade, a essência do ser humano. Dedicar-se ao cultivo do *ser amoroso* é ser artista no sentido filosófico, dedicação configurando uma ética central, de natureza estética, orientada em busca do Belo, pela via da beleza.

DAS RAÍZES HISTÓRICAS E CULTURAIS

*Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.*

Há Metafísica Bastante em Não Pensar em Nada
Escrito por Alberto Caeiro

BUSCANDO FUNDAMENTO À LUZ DA RAZÃO NATURAL

A ordem natural, como se reflete e se configura à luz da razão, parece acontecer e ecoar, clamando de dentro do sem fim: “para sempre e de novo: criar, renovar e sustentar! Criar, renovar e sustentar!”.

O ser humano almeja superar os desafios existenciais atinentes aos contextos onde se encontra envolvido, de acordo com o seu domínio ou âmbito perceptivo e semântico. Aspirando poder encontrar um sentido profundo, que seja igualmente um ponto conectivo e de possível concórdia, presumo ser sensato definir uma abordagem compreensiva, centrada na pessoa, lugar onde estamos pensando e existindo: i.e., uma aproximação naturalista, eco-humanista. Não querendo ser vago, impreciso ou pré-conceituado, não há como recorrer a uma discutível figura-estatística-ideal, representando as possíveis aspirações de um inexistente homem-padrão, tampouco permanecer acrítico, sob a

ascendência de alguma tradição ou dogma; finalmente, não encontrando um agente-sapiente-universal com quem interagir: faz-se necessário conhecer a realidade a partir de si, das suas inscrições no contexto e cultura, por meio de um cuidadoso autoexame. Ponderar e meditar de acordo com a experiência, o bom senso, a razão e o saber filosófico, operando, tipicamente, dentro de uma percepção e semântica inconclusa, em construção, desenhará uma obra filosófico-criativa, uma autodescoberta.

Apreendendo como objeto de reflexão a própria faculdade de compreender, verifico, de acordo com as assimilações culturais vigentes, ser possível conjecturar duas possibilidades, sejam: 1) elucubrar uma consciência racional dissociada, como se fosse apartada, e independente da circunstância; ou 2) imaginar nada ser capaz de compreender sem a participação significativa do meio e dos aportes culturais, uma linguagem a partir de onde pensar a respeito de mim mesmo e do mundo. Posso elucubrar existir uma inteligência, como linguagem transcendente, a Palavra, o Verbo, hierarquicamente acima e afastada do ambiente sensorial; ou, cogitar a inteligência como um Logos, resultante progressiva de interações ambientais e culturais, dimanando de indivíduos naturalmente interativos.

Sem abusar das fantasias e pressuposições, aplicando a Navalha de Ockham¹⁴ para prevenir complexidades desnecessárias, constato e

14 Doutrina de Guilherme de Ockham (c. 1285-1349) caracterizada principalmente pelo empirismo, nominalismo, terminismo e pelo ceticismo quanto à possibilidade de se demonstrar, racionalmente, as verdades da fé – especificamente o princípio, segundo o qual, para explicar os fatos, não devemos multiplicar desnecessariamente as entidades.

comprovo, não apenas a consciência racional e sensível, mas, sim, essa razão qualificada de sentimento, ou, simplesmente, essa *razão-filosofante*, como um fenômeno oriundo da natureza e cultura. A inteligência é um potencial progressivamente ativado por intermédio da perceptividade natural, exercitada e desenvolvida, com vontade e esforço, nas interações interpessoais, comunitárias e ambientais. Experimento e constato que os significados assim descobertos, apreendidos e explanados, ecoam nas pessoas; uma similaridade que permite identificações aptas a gerarem acordos, movimentos socioculturais e até mesmo embasamentos filosóficos; um movimento humanista e naturalista, um saber crescente, aperfeiçoando-se em parceria, com um fundamento confiável de veracidade.

A palavra grega *ethos* - etos ou ethos em português - sugere um modo de ser e uma maneira de ocupar um espaço definido, ou habitar: os usos e costumes referentes a um lugar e a um modo de ser. Meditando sobre o significado da palavra *ética* - conexas com o termo *ethos* - somos levados a conjecturar *um modo de ser, locado num lugar definido*, antes de derivar em outros sentidos, como características regionais e peculiaridades exteriores. O termo *ethos* refere-se, inicialmente, à origem de onde verte, ao *locus* central interior e privado: ao estado genérico de ser humano. O conhecimento imediato, ecumênico, universal, de experienciar, existir e agir, no lugar próprio de ser humano, é primordial à compreensão refletida do que vem a ser *ethos* e *ética*.

Ser humano, no grau mais típico e nítido, é exercitar vocação específica: deliberar escolhas cognitivas e comportamentais. Vivenciar e exercitar essa natureza é estar no lugar (*ethos*) de ser humano, é o

cerne, o fundamento e assentamento da estética e da ética. A compreensão adequada do que vem a ser a inteligência típica e taxológica do *H. sapiens*, denominada *luz da razão natural* pelos antigos, é determinante para genuinamente se entender a *ética*, seus modos e maneiras. O foco, ou a luz, espontânea da razão é uma interatividade natural, razoável, ponderada, adequada e equidistante de todas as funções cognitivas dadas a ser - racionalidade, sensibilidade, intuição, imaginação, memória -, em prol a um conhecer sentido e compartilhado, universal. Portanto, um conhecimento centrado, associado, discriminador e sensível. Numa metáfora visual e poética: *a luz do sol brilha clareando e irradiando através dos olhos, da visão atenta, prudente e curiosa de cada ser – cujo campo visual é esférico*: explicando bem, desde o início, *ética* é igualmente *estética*.

Não se trata de imaginar ou acreditar numa luz externa, dissociada, transmitindo a partir de planos sobrenaturais, centelhas de inteligência descendo de alhures, imbuídas de moralismos inatos; seria uma extrapolação, uma extrusão abusiva do ethos (lugar), selando a impossibilidade de poder se exercitar a ética típica do ser humano; seria uma ética das luzes celestiais, processada de forma indireta pelos seres humanos, uma ética excêntrica, sem lastro, sem fundamento humanista centrado e ecológico. Não se trata de reduzir o foco da inteligência, ou razão, sumarizar a cognição a um extrato elaborado para fins específicos tais como o raciocínio metódico típico da atividade científica: seria instrumentalizar uma maneira de ser artificial, reduzir o ethos a um compartimento arquitetado, a uma ética-estética parcial, sofisticada e subgenérica de lastro adulterado e objetificado.

UNICIDADE E VERACIDADE

Bem assentado, no foco e lugar típico, à luz da razão natural e equilibrada, no seu grau mais qualificado, reconhece-se uma situação, um estado-de-ser específico e sensato, configurando o fundamento substancial da ética e estética. Mas, que situação, que modo e maneira de ser? Um modo oriundo da raiz, da unicidade; o que cada um parece conhecer diretamente sendo o que é. É a experiência de ser que todo homo sapiens conhece e experiencia em algum grau. O estado-de-ser, antes de se espelhar no pensamento para exame intelectual, brota diretamente da existência. A experiência do estado-de-ser sela em união um processo de vida e consciência de si; um estatuto conhecedor da verdade existencial, da atualidade e realidade de ser-vivo. É essa a expressão mais direta e simples da verdade explicitada e sentida na espessura do estado-de-ser, perdurando da sua origem até ao fim, transmitindo-se e renovando-se transpessoalmente em atos de amor.

Os conceitos emanam desse fundamento imediato de unicidade e verdade; até mesmo o conceito de divino. A unidade se realiza como um despertar, um nascimento progressivo; primeiro, uma impressão de grandiosidade, depois, refletindo-se no intelecto, como imagens míticas e figuras de heróis, deus-cosmo, deus-ser, indivíduo, no momento impregnado de valor pleno, mas efêmero nas suas estruturas; leve e perfeito, na justa medida. A unicidade vivenciado na presença imediata e silenciosa, sela, em consciência e estrutura, a identidade e verdade do estado-de-ser. Nesse sistema integrado, tentar delimitar onde começa e

termina o indivíduo, a partir de diversos questionamentos como “*quem sou eu?*” ou “*o que sou?*” propende em direção ao complexo, ao indefinido, ao metafísico e universal. A partir dessa visão compacta e complexa, descortina-se a dialógica existencial, em construção, na confluência das antinomias: a unidade se estabelece em intercâmbio com a multiplicidade e o diverso, o individual no universal. Um pouco como nos mitos, tragédias e dramas gregos, ou cenas de Shakespeare, nas curvas das nossas vidas singulares, revela-se a realidade inelutável de movimentos paradoxais conectados em ligações imprecisas e enigmáticas. Nesse imenso, potente e infinito fluxo de causação, nossas vidas não parecem ser mais do que padrões mutantes; um acontecimento, um *criativo-momento-infinito*, suportando a consciência que oscila nos dias e nas noites, entre sono e vigília, transmutando e reconstruindo saber na alvorada de cada dia.

Nascemos e originamos, assim como as ideias, do contato, do atrito e fusão, das atrações entre elementos e conjuntos. Os encontros generativos se realizam em acordo com a natureza do sistema, das forças que gravitam orquestrando tudo, dos astros até os impulsos e desejos selando uniões, engendrando novos seres. Essa torrente energética, mil vezes desdobrada, verte princípios universais em infinitude e diversidade, um evento se transformando em autociência na ínfima e diminuta parte e medida que nos pertence e convém.

Autoconsciência simples e grandiosa, não necessitando abusos nem adereços, já do domínio dos antigos; trazendo o reconhecimento prístino da afinidade e identidade sempiterna, selando os nossos estados de ser ao todo. Afinidades convertendo-se em considerações empáticas; refletindo que somos seres formados e nascidos, indivíduos

singulares brotados do universal – filhos desse estatuto ontoteleológico misterioso, bivalente e uno, como dia e noite, sol e lua, únicos. Elementos delimitados no conjunto unitário e universal, pressupondo a operação de algo paradoxal, ao mesmo tempo unitário e polar, uma unidade complexa, “uni-verso”, com atmosfera de absoluto.

No cerne da busca filosófica (na sua fase decisória, contemplativa e meditativa), o silêncio e grandiosidade que se experienciam sentindo o pulsar íntimo da vida, manifestam a objetividade suprema, plena, imediata, transbordante de verdade indiscutível; é o campo existencial e cognitivo universal, bruto e selvagem, berço histórico da filosofia - ontológico, filogenético e ontogenético. Uma realidade basilar mais bem denotada no silêncio, no canto do ser poético, na ambiguidade das metáforas, dos mitos, das histórias fabulosas que incluem e integram o estado-de-ser em todos os graus, inteligíveis e sensoriais. A linguagem mais primeva e exata é a estética, é a poesia mítica, superando e incorporando essa coisa-em-si, de Kant, entendida como separada do intelecto, coisa subseciva e distante, intocável e afastada. A “subjetividade”, elevada ao ponto de vista filosófico, dissociada, desprovida de existencialidade, à margem da experiência, não é um fenômeno original.

Trata-se de um fenômeno cultural, lapidado pelos filósofos modernos a partir de uma apreensão metafísica já reduzida: a divisão teísta e maniqueísta do campo existencial-cognitivo unificado, bruto e universal, em “esfera celestial” e “esfera telúrica”. O âmbito teísta, sobrenaturalista, onde o sagrado, antes, naturalmente, enraizado e florindo no domínio experiencial, da estética, posteriormente, banido do campo original, passou a não ser mais naturalmente vivenciado, mas

referido e representado por especialistas e eleitos. A definição e elevação da subjetividade, de uma interatividade corriqueira, relacionada com a obtenção e a utilização ciente dos recursos materiais necessários ao bem-estar (aprimoramento evolutivo das respostas pragmáticas ao meio ambiente), à categoria de padrão gnosiológico-filosófico oficial da academia efetivou uma brilhante via de saída das influências deletérias da teologia antes elevada a estatuto filosófico. O subjetivismo como padrão gnosiológico-filosófico – ou ainda: modo de inclinar-se existencialmente e cognitivamente sobre o mundo e suas próprias inserções nele – reintroduz o uso da razão, temperando, emergencialmente, o desvario do lema medievalista “creio no absurdo”, mas não recupera a cosmovisão perdida, consistindo em reconhecer e experienciar o Universo em si, apresentando-se ao sensório e imaginação criativa logo ao despertar, como o grande e sempiterno estado-de-ser de que somos células.

Significar a si mesmo e ao mundo, a partir de si, integrando percepção e semântica, ambas originadas na trindade cultura, natureza-em-si e contexto de busca, exige começar da origem; sair, para retornar do portal basilar e percorrer de novo, mas, consciente, a passagem de entrada e saída da nossa civilização. O portal, ou “punku”¹⁵ na

15 No mundo andino, dos sacerdotes incas, a existência humana transcorre em três realidades paralelas: Hanan-Pacha é um mundo de sentimentos sutis, o sol brilhando no ânimo; Kay-Pacha é a dimensão tangível da existência; Uju-Pacha é um mundo escuro de forças desgovernadas, caóticas, e infra-humanas. Do plano Kay-Pacha, temos a faculdade de conduzir o destino em direção a Hanan-Pacha mediante o exercício da coragem, força e atenção ou então em direção a Uju-Pacha mediante o descaso e apego. Condições especiais, como: o topo das montanhas, matas e sertões, beira dos mares e rios, músicas, poesias, até mesmo pensamentos e o silêncio, podem funcionar como Punkus, ou portas para Hanan-Pacha. Outras, como quebradas escuras, áreas poluídas e ruidosas, lixeiras, podem abrir as portas de Uju-Pacha - os distraídos,

linguagem dos andinos, está locado no alinhamento indo dos pré-socráticos a Sócrates, mestre do silêncio, até terminar no santuário do seu próprio silêncio.

NO PORTAL DA CIVILIZAÇÃO¹⁶

Viajar na direção pré-socrática requer um veículo sofisticado: *o engenho do tempo-mítico*. O deslocamento não é um movimento linear: o entendimento deverá ser reposicionado em outras coordenadas. O encontro exige imaginação, autonomia e confiança: distanciar-se dos seus prejuízos e âncoras batismais exige método. No portal da civilização, ornado de um cruzeiro grego esculpido em baixo-relevo, despeça-se de Platão e Aristóteles, filósofos basilares. O rito de passagem será oficiado por Sócrates - sugiro acompanhar essas instruções: - “fricciono os pés nessas cinzas de acácias; a brisa levará o pó. Lave mãos e rosto com lavanda; deixe secar a pele ao sol; oferte teus haveres: livros, anéis e medalhas. Veste essa túnica”, falava o homem mais sábio de Atena, “e agora, ô filósofo, inicia a travessia!”. Receoso do desconhecido, sentirás um calafrio inquietante. A história retrocederá; num átimo, as iluminuras medievais, as imagens do Oriente, como pergaminhos e tapetes, dobrar-se-ão em rolos; as do Egito serão vislumbradas e se afastarão. Um cruzeiro grego, como uma rosa dos

aproximando-se desses lugares, por ingenuidade ou interesses grosseiros, arriscam perder a liberdade e saúde.

16 Reprodução reformulada do artigo “Os pré-socráticos” - Barbier R.A.; publicado na revista Filosofia, Ciência & Vida Especial, Editora Escala Ltda (filiada a ANER), Ano 01, nº 1, 2007.

ventos, orientará o horizonte simbólico. A luminosidade dos azuis volatilizará a trama da causalidade e a criatividade soprará a poeira e o peso da memória.

Demeter, mãe terra, envolta de céu e mar, povoada de vales e montes titânicos, agora resplandece; revela-se a beleza do ambiente. O momento portentoso desata o entendimento metrificado em correntezas de saber-imediate, convertendo os mitos em evidências. Depois de Demeter e Poseidon, Eros e Afrodite, vem Apolo, rei da luz solar; Artemis, lua no horizonte; Hermes o mensageiro: a inteireza do panteão. Nessa comunidade, vivendo à luz dos seus mitos e saberes, em aldeias irmanadas ao longo de um litoral labiríntico, um sereno naturalismo comprova o seu império.

Tudo havia começado eras atrás. Dos Bálcãs, vieram os Aqueus, ramo antigo dos gregos - a cultura da espada, do homem a cavalo: invadiram o litoral, território da civilização cretense; cultura descrita por Aristóteles séculos depois, como “amável e benévola, onde os servos desfrutavam privilégios de cidadãos”¹⁷. Os cretenses eram descontraídos, de ritos matrimoniais cortesões, desfrutavam de considerável liberdade - a cultura do cálice, ou, da mulher e do touro. Desses encontros, na Idade do Bronze, procederam os Micenas, povo, que por intermédio de contatos seculares com fenícios¹⁸, da vitalidade da sua própria herança cultural, do aporte de Creta, irradiaram séculos de rica influência nas praias do Adriático e Egeu. Outro grupo, desalojado e migrante, irrompeu, rachando a civilização micênica entre

17 Aristóteles – Política – Livre 2 – V

18 Os marinheiros do mediterrâneo: comerciantes, divulgadores da arte, lendas e saberes da Ásia, África e Europa.

áticos e jônicos. Os áticos integrariam a cultura da península, um dia destinada a se polarizar entre Esparta e Atenas. Mais independente, os “jônicos” rumaram na direção oeste: mar Egeu. Na Jônia (agora Turquia) encontrariam um litoral e uma geografia favorecendo as viagens marítimas e os contatos comerciais; a formação de *pólis* como Mileto e Éfeso - circunstâncias propícias à boa convivência, à independência e ao consenso.

Um sentimento de gratidão, por viver nessa região, propendia a uma consciência descontraída permitindo se reconhecer descendente da mãe terra, Demeter, e do manto celestial. Para o nativo dessa cultura, o Kósmos - objetivo e mítico – configurava uma família de seres fascinantes; “sagrado” era um sentimento cotidiano, encantando como a luz do mar. Conta-se que Héstia, deusa do lar, e Hera, protetora das mulheres, ainda habitam o Monte Olimpo, entidade natural e surreal, assim como a morada de cada um: o lar, e o coração que ama. Um vínculo mítico unitário e imediato; a beleza dirigida pelo mito e a poesia, sugerindo o Belo, tornando-se razoável em segunda intenção, quando pensado e descrito em versos e prosa, nessa ordem. Trata-se de uma harmonia causal e necessária, não acidental. A Jônia, ou a Iônia, é o berço onde a poesia uniu-se à razão, aprimorando o gênio humano: a razão conhecendo a beleza, dialogando em união com os versos de Homero e Hesíodo.

A formação mítica desses gregos antigos - possivelmente, dos cretenses e outras tribos do mediterrâneo – tendia a ser naturalista e integradora. Tratava-se de um monismo espontâneo, apreendido em boa terra e circunstâncias culturais, nas quais: *as distinções genésicas justificam a criação sem dicotomizar; delimitando, como fonte criadora, o ato da*

distinção per si. As distinções delimitadoras são genésicas; geram a origem. Distinguir é: 1) o ato da natureza se desdobrando em coisas distintas; simultaneamente, no mesmo e idêntico compasso, 2) o ato da cognição reconhecendo a distinção; uma cosmovisão cuja dimensão mítica é parte do discernimento cotidiano. Tudo está presente, originalmente, nada é representado. O reconhecimento, fascinante e atual, dessa criatividade renovada a cada ato de percepção, é vanguarda participativa, confirmando o mundo nas curvaturas simbólicas da imaginação poética - imaginação adaptada a reconhecer a beleza e a deslizar nos braços do Belo; experiência imediata e sensata, fundamentada no sensorio e coroada de um entendimento simbólico, capaz de integrar o ser humano ao universal. O cultivo do mito monístico sela a unidade das dimensões cognitivas (sensoriais e intelectivas) do “in-divíduo”, motivando expressões poéticas, artísticas e técnicas, modelando uma comunidade. Na Jônia, essa fundação permitiu o surgimento de um gosto, uma aposição de valores, de um bom senso existencial, integrando a comunidade ao contexto, estabelecendo uma estética e ética horizontal, natural - em decorrência, uma política comunitária, de conselhos: uma civítica¹⁹.

O forte sentimento de unidade (monismo), presente desde a concepção, própria e civilizacional, impresso tanto na biologia quanto na imaginação surreal, ou mitológica, motiva um realismo capaz de

19 Crio e uso a palavra “civítica” em vez de “política” para diferenciar o sentido: habilidade no trato das relações humanas, civilidade e cortesia; do outro sentido, ciência dos fenômenos referentes ao Estado.

sustentar um conhecimento imediato, sensato e natural²⁰. Um assentamento na realidade, permitindo divagações e abstracionismos simbólicos, até os contextos e as circunstâncias de limiares mais fluidos, abertos e criativos, mas não extrapolando a esfera cognitiva sensorial, as balizas da inteligência estética, não deixando o *Logos* ser raptado e se perder nos labirintos sobrenaturalistas, dogmáticos e corruptores dos esoterismos e racionalismos. No berço da filosofia, há harmonia entre a esfera mítica e pragmático-lógica: como duas mãos unidas, prevenindo sectarismos e dogmatismos. Na direção das ontologias, nos limites micro e macrocósmicos, interior e exterior, em prosa e em verso, sabemos não poder conceituar o essencial de forma lógica. Espantado e indagador, o sentimento primeiro de união existencial, permite belas percepções criativas e renovadas, delineamentos provisionais de diferentes matrizes arquetípicas, todos apontando o fundamento ou princípio unitário *arché*, o Belo, jacente na natureza *physis*: ambos unidos no enigma do *estado-de-ser*.

20 Muitos imaginam que “a Filosofia superou historicamente o mito, não tendo nascido em harmonia com ele”, o que é claramente falso: a teologia, em plena harmonia com o mito da salvação, do retorno, da ressurreição, da vida eterno em “corpo e espírito”, é, estranhamente, ainda considerada “filosofia”, erigindo-se um mito específico num fundamento tão bem mitificado que não mais se percebe, ao ponto de imaginar uma “bolha de filosofismo”, condicionada a uma crença, configurar “Filosofia”. A filosofia não pode caracterizar-se, nem por uma impossibilidade - a superação da esfera mítica -, nem por uma redução - fazer de um mito regional, contingente, “a filosofia” - mas, por um domínio fenomênico da esfera mítica: a aptidão de adentrar, sem apego, nem fascinação constrangedora, com liberdade, na esfera mítica, com lucidez escolhendo os mitos geradores de vida e serenidade. A tecnologia, como aplicação, não supera tampouco a esfera mítica, ela opera independente, mas, contida na existencialidade. A esfera mítica, como o lobo frontal faz parte do cérebro humano, é parte plena e inalienável do âmbito cognitivo, podendo ser auto ou hetero-tutelado, sendo o sábio ciente das suas crenças; mas, o homem comum, sujeito.

A ANTIGA ESCOLA E SEU SABER

Citações de autores posteriores, como Platão, Aristóteles, Heródoto, Diógenes Laércio, Hipólito e outros, muitas vezes repetidas e diversamente entendidas, servem de janelas e portas de acesso aos pensadores da antiguidade – aliadas às intuições compassadas na mesma sincronia, descortinando o mesmo mar, céu e sol.

Tales (625-558 a.C.) sabe aritmética e astronomia, possui capacidade para prever o eclipse solar de 585 a.C. De longe, mede distâncias separando navios no horizonte; a altura de pirâmides; relaciona as proporções a partir de um bastão pré-mensurado e da sua sombra. Ele triangula criatividade à luz da matemática e dos mitos. “O Sangue derramado de Urano originou e gerou o grandioso; da espuma formada no mar nasceu Afrodite”, canta o mito. Ele escolhe a substância-água para teorizar e triangular uma demonstração dos princípios: “Quando afirmo a natureza úmida; digo que a água é para a natureza, próxima, e nossa, como aquele que é, na correta proporção, para todo o Cosmo, i.e., fluidez, solvência e ânimo; vida!”. Para Tales, o princípio de todas as coisas é água. “O morto resseca; de água, até o fogo necessita; cheias de deuses estão todas as coisas”. “A água é o princípio; a terra, o Cosmos inteiro flutua”.

Anaximandro (610-545 a.C.), vinte e cinco anos, e Tales, com quarenta anos, observam juntos o eclipse de 586 a.C. Aluno de Tales, conhecido pelos seus gnômons (dispositivos indicando equinócio, solstício e meridiano) ele intui a evolução das coisas e das espécies: “os animais nasceram do mar, e o homem se formou, no princípio, dentro de peixes, onde se desenvolveu e donde foi expulso logo que se tornou suficiente

para bastar-se a si próprio”. Para Anaximandro, o *princípio aquoso* de Tales “sinaliza” a fonte. As *essências* das substâncias (água, ar, terra e fogo) ainda não são, para ele, simples o suficiente para justificar *arché*, o conceito unitário, o Belo. Imagine essa quaternidade sublimando-se numa quintessência criativa: um silencioso vazio, “*arché propriamente dito*”, ou “*to ápeiron*”: o infinito. Cogitar o infinito sem rodear é desposar o núcleo criativo e caótico no clímax da poesia mítica e da razão, no centro do estado-de-ser unido, amoroso: é *ser natureza-cósmica*, gerando a partir dessa fonte, sem sofismar, ética, moral e saber humanista. “Ápeiron não é nenhum dos elementos, mas uma natureza infinita, da qual nascem todos os céus e os mundos; mas é, de onde mesmo provém toda geração para os seres, que ocorre toda destruição, segundo o que deve ser; pois eles se fazem mútua justiça (...)”. “Justiça”, para ele, é o reencontro com o que inteira e completa; o ciclo da vida, por si, se justifica – e por nós se qualifica. Anaximandro faz-nos recordar o conceito dos naturalistas chineses; o Tao (*Tao: Caminho*), princípio criador, sintetizador e harmonizador.

Décadas depois, podemos imaginar os três reunidos em Mileto: Tales, sessenta anos de idade; Anaximandro quarenta e cinco anos; e Anaxímenes, vinte anos (585-525 a.C.). É dito que Anaxímenes, como os demais, escreveu um livro que deverá também se perder. Dedicava-se ao estudo da meteorologia e astrologia; cogitava a lua como refletindo o sol. Com ele, o princípio passou a ser um processo: um vir a ser. A fluência e o ânimo de Tales revestem-se de infinito alento: *pneuma áperion*. O princípio aeróide transmuta a fluidez infinita da natureza, *physis*, num dinamismo de ar a fogo até éter e infinito; e de ar a vento, nuvem, água, sais e terra.

O discurso dos pré-socráticos é focado, associado e presente, não volteia além, em brumas periféricas, onde a razão perde prumo, autonomia e responsabilidade, não analisa a silogística de *ser ou não ser*. A razão humana, qualificada, intensa e intuitiva, transporta a cognição em prosa e verso, em arte, ciência e consenso, num ato de ser e de fala universal, ciente, estético e virtuoso. Trata-se da aplicação existencial do mito unitário vertendo água, ar, alento e infinito respeito, na comunidade e cultura.

O SABER DESAFIADO

Na Pérsia, reinava Cirus II (580-529 a.C.) aliado à hierarquia zoroástrica - seita órfica recém-fundada preceituando a antítese “mal-bem” como princípio absoluto e determinante; anunciando a vitória final do bem, mas condicionada à obediência as normas e prescrições reveladas. Cirus iniciou um grande movimento de conquista: através da Lídia derrotada (em 546 a.C.) controlava a Jônia, colocando tiranos pró-persas na liderança das cidades. Uma tentativa de revolta, iniciada pelos milésios, resultou em invasão formal. Embora considerado um “ditador condescendente”, a cidade de Mileto sofreu fortes represálias: incêndios, massacres, escravizações e deportações. Iniciou-se um lento expurgo, almejando adequar usos e costumes às normas da religião de estado: foi o começo histórico de um crônico combate à lucidez e razão, às escolas de Filosofia.

Nesse momento preciso, a cultura grega de origem sofre uma profunda e drástica modificação de consciência mítico-ideológica, marcada pela

passagem da denominada “Escola Jônica Antiga”, ou de Mileto, para as novas escolas, *Eleática e Itálica* (ou *Pitagórica*).

Compreendemos que os mais antigos percebiam-se presentes na natureza em conjunção unitária, viva e atual, em essência e por inteiro, como expresso e refletido nos mitos.

A mudança impositiva abalou a congruência do mito original, desafiando a sua força integradora, estética, pragmática e prescritível. Esse é a diferença entre o ambiente ideológico-mítico das *escolas novas* em relação à *escola antiga*. Antes da invasão, vivia-se com uma congruidade adequadamente expressa em palavras e atos - isso é a razão própria orientada pela apreciação do Belo na regência do *Logos*. *Logos* como razão manando poesia e prosa, em sintonia com *arché* e *physis*, em meio a uma comunidade abundante e fundamentalmente confiante, amiga, ética no sentido de bem posta no seu lugar e contexto, na sua circunstância, estruturada à luz do bom senso existencial. Os pensadores e sábios das novas escolas ainda lutavam em defensiva, tentando superar as imposições, superpondo extensões racionais, metafísicas e filosóficas às perspectivas teológicas invasoras, jamais admitindo subordinar – como, genericamente, na Idade Média - a luz natural da razão natural à fé cega estimulando a crença no absurdo (*credo quia absurdum; creio porque é absurdo*); mas sim, tentando, criativamente, cobrir abusos e dogmas com os ditames da crítica.

A filosofia, na sua fase pré-pérsica, arquiteta sabedoria à luz da razão natural; mas, na sua fase pérsica e pré-socrática, tenta consolidar e afirmar o saber desafiado. A questão converge na primeira distinção mítico-genésica na qual: 1) a distinção primeira, justifica a criação sem dicotomizar, delimitando o ato da distinção como fonte criadora

absoluta, em si; ou então 2) a distinção é imaginada como resultante dos atos e intenções de uma entidade sobrenatural determinando a criação por razões divinas - o deus dos teístas.

Na mitológica filosófica, panteísta, a distinção justifica a criação sem separar, ou dicotomizar, o princípio (*arché*) é incluso, compartilhado nas relações e apreendido de imediato na apreciação da beleza, deixando o estado-de-ser orientado na via estético-filosófica, suscitando atos criativos, centrados, em harmonia com a natureza.

Na mitologia órfica radical, teísta, a distinção separa criador e criatura, o princípio (*arché*) é excluído, convertido em algo incompreensível e inalcançável, deixando o existente sem integração imediata com o seu ethos, sem rumo próprio, nem evidente apreensão estética do caminho em busca do Belo e do ser amoroso – o culto dualista suscita irrealismo sectário, irracional, idealismo dogmático.

As duas compreensões perspectivas metafísicas configuram estruturas míticas férteis de poesia, de imaginação fantástica e surrealismos: a *compreensão naturalista* fertiliza o fenômeno jônico inicial; o início da modernidade; o renascimento; a criatividade do iluminismo e do romantismo.

A *compreensão supranatural* amanha a Idade Média, as cruzadas; as missões; a conquista da América; os fundamentalismos e sectarismos; e, de forma geral, os bastidores dos vinte séculos dessa civilização com um século XX apocalíptico.

A *compreensão naturalista*, especificamente, jônica, por ser mais original, antiga, unitária, sóbria, enraizada na visão mítica humanista, por isso aberta à razão filosófica, reclama um respeito silencioso aos mistérios do estado-de-ser.

A compreensão supranatural – o mito órfico radicalizado em teísmo - irracionalmente hipotética, transborda fantasias e esoterismos dogmáticos, reclama fé absoluta e desaprova, rigorosamente, o uso pleno e qualificado da razão.

A REFORMULAÇÃO DO SABER ANTIGO

Nesse espaço restrito, supervisaremos os filósofos que reagiram à revolução cultural pérsica: Heráclito de Éfeso (544-484 a.C.), integrante da *Escola Jônica Nova*; Parmênides, da *Escola Eleática*, e Pitágoras, da *Escola Itálica* - esses dois últimos integrando um movimento de exílio.

Tales havia falecido na década anterior; Anaximandro, no período da invasão de Cirus II (545 a.C.). Anaxímenes viveria ainda vinte anos: por isso, denota-se nele, repensado em termos mais naturalistas, transcrições de influências religiosas orientais, onde o princípio central é a “respiração cósmica” – como na doutrina mais idealista de *Atmã*.

Heráclito (540-480 a.C.), da linhagem dos antigos fundadores de Éfeso, renuncia ao título honorífico de rei, preferindo, nesse tempo de ocupação, dedicar-se à meditação e filosofia. Para ele, o princípio (*archê*) da natureza (*physis*) configura um fluxo transmutativo: uma conciliação e um equilíbrio dinâmico entre polos. Um processo refletindo-se em todas as dimensões, um fluir envolvendo a natureza e o ser na totalidade das formas, de acordo com um ritmo. No ordenamento próprio, a montanha é destinada a ser vale, e o vale, montanha; o céu a ser terra, e a terra, céu: movimento inalcançável à visão mais limitada. Com tenacidade, afirma: “ser-deserto é igualmente

não-ser deserto; ou ser oposto, isto é ser-mar”; esse mar azul e branco, da Grécia jônica. Na sua formulação mais essencial: “o ser é não-ser”. Heráclito sabe transcender as definições redutoras do zoroastrismo, que demonstram apenas um dos lados e momentos da Grande Arquitetura Unitária e completude. Com fogo, ele tritura e dissolve a razão ordenada do momento histórico e a entrega ao rio cósmico, reencontrando e reafirmando dessa forma a unidade e a origem. O rei abnegado, vivendo, simplesmente, junto à fonte de um rio, anuncia a realidade do fluxo, declamando em tábuas de ouro depositadas aos pés da deusa natureza: “o ser é unidade, a unidade é a identidade dos contrários e os contrários são os que se excluem e complementam, mutuamente, transmutando”. Muitos compreendem o filósofo; mas, inaptos a viverem longe dos afazeres e praticidade da polis, abrigados abaixo da tutela dos vencedores, consideram a palavra do filósofo como visão surreal, mais apropriada para deuses.

Parmênides nasceu em Eléia, sul da Itália atual. Possível aluno de Anaximandro e Xenófanes, outro emigrado vindo da Pérsia. Para ele, nessa busca do princípio unitário, três mundos se intersectam: a esfera natural (*physis*); a esfera política (*polis*); a esfera da razão lógica e poética onde o princípio se define (*arché*). Flutuando no ânimo aquoso descrito por Tales; inspirando o ar de Anaxímenes, Parmênides, régio como uma torre de marfim, austero como um mosteiro, ascético, guiado pelas etéreas Virgens do Sol, afasta-se do mundo em busca do infinito de Anaximandro. Já na redoma, meditando e contemplando *physis* (metafisicismos), ele se descobre, e se imagina, como uma estátua de mármore branco, no centro uno da esfera, ou da pirâmide absoluta, com os movimentos da vida, como reflexos, acontecendo além

da translucidez. Parmênides vapora o mundo sensorial num tecido uniforme e diáfano, com o qual constrói um balão; transforma-se no ar translúcido, e, finalmente assentado no ponto central da insuflação intuitiva essencial, declara com firmeza: “é preciso dizer e pensar o que é o ser; pois, existe sim, um ser absoluto e imutável”. A seguir, segue declamando o seu poema, parecendo um despique endereçado à ortodoxia zoroástrica: “Jamais poderá existir força de constrangimento que faça ser aquilo que nada é!”.

Na mesma época, Pitágoras (570 - 496 a.C.), nascido em Samos, uma das ilhas da Jônia, exila-se em Crotona, na Calábria, e funda a *Escola Itálica*; é o pensador que mais diverge da tradição filosófica, trazendo elementos típicos das escolas sacerdotais do Oriente - ritos e disciplinas caracterizam sua comunidade. Conhecedor dos ritos dualistas persas, do orfismo radical (considerado como rumo, finalidade existencial), faz jus à tradição estético-filosófica e Jônica, elaborando uma doutrina, na qual os princípios matemáticos se tornam os agentes criadores, destronando assim as divindades transcendentais²¹. Para ele, as coisas se revelam e se realizam como transcrição dos números; os números, delimitando o indefinido, agem transcrevendo coisas - como hoje se entende a função do RNA mensageiro: *ímpar* era considerado limitado e perfeito; *par* ilimitado e imperfeito nos seus potenciais. Para Pitágoras, os números – em conjunto, espírito surreal do *Logos* – necessariamente transcrevem infinito em finito. Mais ainda: o pensador, aprendendo a dominar a arte de calcular, atribuindo

21 As suas pesquisas astronômicas e matemáticas resultam também em conhecimentos práticos (como o Teorema de Pitágoras).

substância surreal às suas abstrações, reveste-se da força de um *magomessageiro do divino*. Decorrendo, o filósofo dotado de vontade, razão, harmonia, conhecimento matemático e geométrico, é quem pode fazer de si o mensageiro dos deuses (quicá um esboço precursor do positivismo wittgesteiniano).

Meditando os despojos da antiguidade filosófica, somos levados a concluir - junto aos exegetas que destacam o monismo dos antigos jônicos e dos seus herdeiros distantes como os estóicos e os epicuristas, que não havia dualidade metafísico-teológica no início da filosofia. Não havia essa dualidade central, típica do nosso arco civilizacional, minando, como estalactites pendurados de uma abóbada sobrenatural, esses numerosos binários tão criticados na modernidade como: a esfera das emoções versus a do pensamento; o espaço racional-metafísico-lógico versus o campo da observação empírica; o sujeito versus o objeto, etc. A fratura dualista não era o pivô do debate cultural, histórico e civilizacional.

O PANTEÃO CÓSMICO

De uma maneira geral, no tempo dos mitos politeístas e panteístas, os deuses e as deusas, com as suas emoções, paixões, ciúmes e invejas, poderes e saberes, assim como os considerados semideuses, todos, habitavam entre nós - viviam na esfera natural, cognitiva e psicossocial, cultural. Para os poetas, como Hesíodo, eles possuíam, claramente,

realidade simbólica e operante²². Eram seres simbólicos, próximos, atuando no palco da vida cotidiana; embora inefáveis, invisíveis, eram presentes, influenciando, diretamente, na vida dos indivíduos. O ocasional heroísmo das pessoas era a manifestação dos deuses - assim como qualquer configuração de virtude mais intensa.

Para alguns poetas - entre os da tradição oral; os autores das tragédias e comédias - os seres divinos eram figuras míticas, parcialmente projetadas pela fantasia, surgindo dessa membrana, ou fenda, essencialmente ambígua e de difícil definição, o mistério da distinção existencial, locado nas profundezas geradoras entre o que é próprio, versus a alteridade; surrealidade, minando ou vindo do incompreensível, do místico. Um entendimento próximo do modo contemporâneo de significar, em graus diversos de apreensões e aproximações; metáforas na forma, símbolos na função, intuições na intensidade psíquica: uma perspicácia complexa, na sua inerente ambiguidade, como o conceito de arquétipos de Jung. A esfera mítica, em referência a esse período, não prescrevia algo severamente demarcado, organizado em separações rígidas. O mito não se apartava da indiscutível unidade do mundo, da ideia magna de *Kósmos*. O conceito “cosmos” significava o conjunto operante fundamental da existência, cheio de *Logos*, substância viva e sábia; tudo integrava um

22 Citando Werner Jaeger – em *Paideia, A formação do Homem Grego* (ver bibliografia) – pág. 96: “O mito é como um organismo: desenvolve-se e renova-se sem cessar. É o poeta que realiza essa transformação. Mas não a realiza em obediência a um simples desejo arbitrário. O poeta estrutura uma nova forma de vida para o seu tempo e interpreta o mito de acordo com as suas novas evidências interiores. O mito só se mantém vivo por meio da contínua metamorfose da sua ideia”.

tecido único, abrangente: terra, céus, elementos, seres, humanos; não havia definições ontológicas, metafísicas e lógicas precisas desses seres, mas sim um leque integrado de representações e funções. Isto é, não se debatia e não se aplicava, amplamente, obsessivamente, como no zoroastrismo, esquemas e posicionamentos hierarquizados com rigores, partindo de uma fonte entendida divergente, separada, e, essencialmente, acima do âmbito humano.

O intelecto aprendendo por separação, i.e., desmontando e classificando, apostando conceitos rígidos; lendas ou mitos, verdadeiro ou falso, coisas do deus-criador versus coisas materiais, ainda não havia dominado e rompido a visão unitária e integrada para refundar esses níveis, sulcando desdobramentos. As vertentes conceituais da metafísica não haviam sido separadas em dois planos, para nós inevitáveis; o plano substancial, real, natural, e o plano divino, sobrenatural; separação ampla com todos os desenvolvimentos dogmáticos, correlatos e normativos; as regências rigorosas e os canônicos procedimentos sacerdotais. Acontecia que de uma inerente ambiguidade aceita e confrontada entendia-se o fenômeno do surgimento simplesmente: a distinção existencial como misterioso aparecimento, surgidouro existencial ou surgessência cósmica. Nessa originalidade filosófica, não havia compartimentos organizados em degraus hierarquicamente separados, ordenamentos rígidos e rigorosos; nada era entendido desse modo maniqueísta: de um lado, mito, lendas e histórias reinventadas; do outro, coisas religiosas radicalmente transcendentais, verdades fixas reveladas por vias excelsas e oficiais. O mundo do mito não havia sido politizado ou regido; não havia o que, hoje, os adeptos das crenças religiosas entendem como

deus-criador transcendente absoluto versus universo-criado, as criaturas em geral – sendo, nesse confronto, rompida a integralidade da esfera cósmica. O dualismo, como fundação generalizada do ponto de vista político, religioso e cultural, ainda não havia acontecido; uma disposição cognitiva dicotômica dessa magnitude, ocupando com abrangência máxima os planos da consciência geral, exige para a sua instalação e manutenção a atuação acalorada de uma forte uniformização cultural e social: uma revolução cultural, evento associado a violentos movimentos de conquistas, atividades de domínio e messianismo.

Uma “auréola mítica” vigora, necessariamente, nas sociedades e civilizações, configurando uma estrutura psicofísica modeladora sobre a qual se sustenta a ordem político-religiosa, como um edifício, que antes de assentar em suas fundações históricas, é, primeiramente, um projeto, uma visão arquitetônica. Eis, portanto, o argumento: não havia dualidade teológica como fratura intensa e centralmente politizada nos confins da nossa civilização, pela forte presença no imaginário, de *molinetes* metafísico-míticos cuja ambiguidade e paradoxalismo incorporavam os inefáveis enigmas existenciais à intuição poética, em ritmo e sintonia com a fluidez e criatividade do momento. Predominava uma estrutura consciencial ativa, integrada e participativa, não impedindo o natural surgimento de lideranças, mas inibindo e desfavorecendo, a sua consagração, isolamento e transformação em elitismos verticais, alienados dos conselhos e círculos dialógicos.

Destaco tendências, sugiro vocações históricas e aponto a presença de arquétipos, ou modelos psíquicos, possibilitando o delineamento de diferenciações socioculturais, esboçando a formação de comunidades

dialógicas e participativas (cívica circular) em vez de esquemas societários escalonados em hierarquismos (política escalar). Enfatizo e descrevo a presença de intenções e circunstâncias favoráveis a esses desdobramentos. Não se pode negar a existência pretérita de potenciais pré-configurando inclinações circunstanciais para formas sociais e culturais libertárias, dialógicas e participativas por não acharem-se exemplificações realizadas, plenas e maduras, em investigações retrospectivas a partir do nosso momento histórico.

EM BUSCA DE CONFIANÇA

*Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.*

Há Metafísica Bastante em Não Pensar em Nada - Escrito por Alberto Caeiro

AMBIGUIDADES GNOSIOLÓGICAS

Uma ética universal só pode ser naturalista: o universo é a natureza.

O infante passa por um batismo iniciatório: conta-se uma história, uma palavra forte, estruturante e fecunda como o terreno de uma casa. Finca-se como um marco zero, um bastão de ouro, na dimensão metafísica, no centro existencial - como na Cuzco lendária, talvez, no coração mais sutil do estado-de-ser. Entre o que se configura e o que se imagina, no ethos, na morada de origem e para onde tende o desfeito, um marco central cognitivo, um sinal, é instalado, oficialmente, preenchendo a função de eco do incognoscível. Uma história entranhada, gravando um sentido absoluto nos referenciais, uma

definição orgânica, formadora, ou deformadora, no qual as inquietudes de todos os sentidos amarram linhas orientadoras, alimentando, como seiva, todos os valores-de-verdade.

Um mundo de peso existencial profundo e fundamental, considerado absoluto, revelado por lendas com raízes míticas, mas, frutificando na atualidade. Fenômeno adequadamente exemplificado na mitologia dos Incas sobre a origem dos filhos e filhas do sol:

“Há milhares de anos, nas montanhas majestosas das cordilheiras, homens viviam em grutas, selvagens como os pumas. O Sol, na sua diurna clareza, observando a humanidade vivendo neste estado, sem conhecimentos, e, incapaz de cultivar a terra, compadeceu-se enviando seus filhos Mama Occlo e Manco Capac. Chegaram a uma ilha hoje dita a Ilha do Sol - uma ilha do lago Titicaca - para ensinar as artes de uma vida civilizada e o reconhecimento da grandeza da luz solar. Carregavam um bastão de ouro a ser plantado no solo: no lugar onde o bastão penetrasse na terra, por inteiro, reconhecer-se-ia o centro da civilização sagrada do Sol. Após uma longa jornada e numerosas tentativas, foi no vale de Cuzco que o bastão encontrou uma terra receptiva. O irmão indo ao Norte e a irmã ao Sul, trouxeram o povo para a cidade ensinando a todos como bem viver em comunidade: os homens cultivando, irrigando e plantando, as mulheres semeando, colhendo e cozinhando, todos, cantando um hino ao sol - assim surgiu, iluminado e feliz, o império dos Incas”.

O enaltecimento da humanidade, da criação, do mundo, a conectividade pródiga entre os mundos, configura uma diferença extrema com a visão típica do teísmo, como se exemplifica no apogeu do cristianismo

medieval pregado por São Bernardo: *“Somos feridos desde nossa entrada no mundo, enquanto vivemos nele, até que saíamos dele; da planta dos pés ao alto de nossas cabeças, nada é são em nós”*²³.

É algo grave, estrutural, alicerçando civilizações, marcando com ferro incandescente os humanos recém-formados. Boas histórias batismais, ou mapas; boas aventuras, boas casas e cidades; histórias mal contadas, fragmentadas, desleixadas: as fundações se deformam em fundamentalismos, projetando desordens, escassez, descasos e terrores.

Outra história, mais recente, irrompendo, vinda do Oriente, sublinha e formata uma estrutura e programa existencial diverso:

Tu pequeno ser, és um espírito que veio do alto. Foste enviado nessa matéria por ter sido expulso do teu lugar de origem – escolhido para vir orientar e salvar os teus irmãos e a ti também. Tropeçaram, caindo do lugar original, porque erraram: terás de reconhecer e aceitar essa culpa, buscar um perdão. Um dia, com a graça do divino, que tudo vê e sabe, poderão ser salvos e voltar. Domina esse mundo, vale de lágrimas e dores e todos os teus caminhos; sê bom, perfeito e paciente, age com prudência, fé, esperança e obediência: honra o que te foi dito e serás salvo, que Deus te proteja.

²³ Os intelectuais na Idade Média/ Jacques Le Goff – Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

Depois de estabelecido o marco iniciatório, ou fundação batismal, o que se pensa e vivencia depende dessa forma mítica, vindo do silêncio, ecoando um valor de verdade guarnecido e oculto nas sombras do inconsciente. O mito batismal é como um sortilégio, uma influência magnética; é a força do verbo apoiado no silêncio e ancorado no berço, moldando a trama e o sentido de vida - como um mapa marítimo, uma constelação no céu. A aplicação de um batismo, averbando um orfismo drástico, afiado em teologismos dogmáticos, configura um golpe metafísico intenso na forma existencial natural, como se fosse um talho de espada aplicado no ser, apartando, de um lado, cabeça e ombro direito; do outro, ombro esquerdo, coração e corpo. Separado, dicotomizado, rompido, o grande estado-de-ser unitário perde a original coerência existencial; o golpe batismal condiciona um estado ontológico caduco e dúbio como areias movediças. A confiança natural²⁴, decorrente da consciência original, ciente da relação harmoniosa e de pertinência entre o estado e o ser, é rompida na impressão metafísica degradante; uma separação dramática, resultando em fragmentos: de um lado, um deus criador incognoscível, representado por teóricos, apregoando conhecer a verdade absoluta; do outro, sensações e aportes intuitivos. Textos autoritários, sofisticos, gerando e sustentando vaporosos e hipotéticos espaços teológicos, postulando definir, de uma vez e para sempre, a origem, função e metas da existência, mas rompendo o círculo dialógico comunitário para fundamentar estados societários hierarquistas e nepotísticos;

24 Aqui o conceito confiança passa a ser um termo filosófico, não expressando crença ou fé em expectativas ou probabilidades, mas significando: o estado de consciência original, ciente, na mais profunda lucidez da razão, da relação harmoniosa e de pertinência entre o estado e o ser.

desrespeitos e abusos que engendram violências, repicando sem cessar, ao longo de toda a linha causal.

A ruptura da perspectiva cosmo-existencial²⁵, típica do antigo e místico âmbito da Jônia antiga, origem da filosofia e, por extensão, do universo dos ritos naturais assentados nas culturas camponesas, aldeães ou pagãs, fomenta uma pirâmide societária déspota, aversiva ao diálogo. Hoje, após “revoluções culturais” historicamente reaplicadas em várias nuances, predomina uma estrutura civilizacional alquebrada, carente, árida como uma figueira infértil, uma via sem rumo, incoerente, que renega o corpo e a estrutura unitária, a união cósmica em busca de uma esfera metafísica hipotética e imaterial.

Em semelhante construto, a flor da esteticidade desloca-se em virtudes ectópicas, como “paz divina”, “amor supremo”, “pureza” sem representações ou descrições sensoriais. Paz, amor são termos enraizados na esfera do intelecto sensível, referem-se a sentimentos enaltecidos em abstrações, no entanto, sentimentos reais, corporais, emocionais - o único sentir possível. Paz e amor, divinos ou triviais, são devoções impregnadas de estro na raiz primeva; são sentimentos, essencialmente, indiferençáveis das emoções e anseios típicos da

25 Divergindo de Paim A. (em *Histórias das Ideias Filosóficas no Brasil*. 3 ed – São Paulo: Convívio, 1984 - capítulo inicial) que, em toda a história da filosofia, arquiteta apenas os dois pontos de vista da perspectiva Transcendente e a perspectiva Transcendental, eventos que para mim não configuram duas perspectivas, mas um único eixo de perspectiva TT. Esse eixo filosófico não é o único possível: existe igualmente o eixo da perspectiva filosófica cosmo-existencial; de um lado o cosmo, e do outro o existente, dois polos de uma unidade fenomênica. Em um dos pólos, a realização do conceito mais antigo de Kósmos e o outro, a razão qualificada do existente sensato, capaz de uma intuição igualmente intelectual e estética, confluência das funções cognitivas reflexas, emocionais, sensíveis, racionais, manifestação e realização reunindo a individualidade, como forma finita, à mais profunda e infinita dimensão cósmica - o mistério vivo da criatividade universal, a realização mística.

natureza humana. Como nos domínios de Hades, onde Perséfone é mantida refém nas profundezas, no âmbito desse dicotômico esquema-metafísico, a beleza, o Belo e o estado-de-ser encantado são aprisionados em redutos inquisitivos, para serem adulterados, deturpados e reduzidos, para funcionar como pálidas metáforas de uma condição hipotética e sofisticada, como na retórica da escolástica. No âmbito de uma civilização condicionada em tais ambiguidades, inversões e restrições, os sentimentos mais sutis são deslocados e convertidos em impossibilidades e cultismos, deixando uma sombra que induz choques escandalosos e crônicos, pressões e tensões; renitentes armadilhas cognitivas, em alternâncias simétricas com crises de fé e delírios míticos; o instintual e o hermenêutico enlaçados em armadilha, par a par. Uma busca inversiva, muitas vezes insana, almejando ordens perfeitas, ideais e futurismos virtuais, mas encontrando e incitando terríveis dores e confusões no presente atual e real - como se comprova assistindo amostras randômicas de TV, ou lendo trechos de revistas e jornais. O dualismo configura um caminho “anestético” e “anético”, trancado, fazendo uso da lógica formal, aristotélica, mas adotando o estilo sinuoso e hipostático da escolástica, agregados a fragmentos conceituais da filosofia contemporânea, na tentativa de manter uma edificação gótica e caduca, caracterizada por um embasamento estreito e irracional de enganosas e exaltadas pretensões.

Tradições culturais servem de esteio a modelos teóricos abalizados e considerados válidos por perdurarem objetificados no decurso da história, propulsados por intermédio de escritos e comentários: o que se propaga como verdade, aceito e perdurando sem razão nem

consenso, passa a ser imaginado e reputado verdade-efetiva. Nesse processo de sustentação, comodista, hierarquista e conservador, os sentimentos, a intuição, a criatividade, tudo o que é pessoal, individual, aderindo à herança universal de ser-humano, tende a ser descartado, podado e manipulado de acordo com esse modelo impositivo.

A humanidade tutelada, reduzida a instrumento de um projeto societário elitista, perde a conexão com a fluidez dos momentos, com a beleza dos sentimentos e emoções, para recolher-se, atônica, a razão obliterada em crenças e conceitos dúbios. Sentimentos mais nobres, efusivos, com claras aberturas extasiantes, sábios, transformam-se em apreciações teóricas e confusas, gestos e representações; surge um relicário ou leque de maneirismos treinado mimeticamente em expressividades verticais, modismos societários e formas geométricas, um mundo de normas, protocolos e etiquetas onde pairam densas nuvens de desconfianças e dúvidas, proporcionais às exigências de fé e esperança.

Vidas anêmicas, vicejando em metafísicas desidratadas, evaporando o prazer extático de viver em prol de um além rigorosamente hipotético e do seu decorrente e inevitável paralelo assombrado; um aquém desértico, extermínio global, hoje já prenunciado.

Sabedoria é conhecer o que se deve procurar e escolher: é reconhecer que à frente de todas as histórias e reflexões, existe o andamento da natureza, interconectividade, impermanência, causalidade e incalculabilidade. Pressupõe-se, com sobriedade ockamista, que o universo, na sua totalidade, não é causado; e se fosse, como por um “deus-geral-comandante”, um imenso *Sitting-Bull*, acampado,

separado, nos bastidores, então esse deus não seria causado; o universo, nas suas raízes mais profundas, até “divinas”, é essencial. Nesse âmbito absoluto, o poder de escolha, como exercitado na natureza humana, é fruto da complexidade: vem crescendo devagarzinho nos caminhos da evolução. A arte da escolha se apóia nas tramas e sequências ilimitadas de causalidades, antecedências e saberes (influências do conhecido e da memória) atuando nas conjunções, circunstâncias e contextos atuais; contudo, a escolha em si, é indeterminada, aberta às influências imprevisíveis e mudanças intuitivas. No topo dessa complexidade, existe o poder, exercitado e sentido como tal, de escolher, com criatividade e liberdade, entre opções que se apresentam: trata-se de uma propriedade emergente na evolução dos seres e parecendo, em potencial e realização, maximamente expressa na humanidade. O comando, a arte do saber escolher, pode ser estimulado ou subjugado, domado; tem sido oprimido e abafado. Para melhor cogitar, passando de assuntos triviais a assuntos filosóficos, crescendo na arte de escolher, haveria de se aprender uma modalidade conjuntiva e compartilhada de educação, desenhada em modelos de complexidades crescentes, que estimulasse o indivíduo a experimentar e gerar os próprios programas educativos, políticos, econômicos, religiosos, ensaiando e opinando, num ambiente que permitisse pensar em termos universais (transpessoais), comunitários e sociais; eis a “consciência cósmica”, necessita ser construída.

Poder escolher é propriedade emergindo da complexidade das redes neurais e do arco trino infinitamente reproduzido: 1) perceber; 2) cientificar; e 3) responder; possibilidade assentada no ato fundamental

da *distinção*; o evento fenomenal da *distinção* como fundamento da existencial – inexplicavelmente, enigmaticamente, algo distinto e discriminável, existe para ser distinguido²⁶. No começo, distinguiu-se o céu da terra. Exercitando a criatividade, examinando e desafiando razões e explicações, normas, filosofando como os antigos: chega-se aos princípios do saber, aos arquétipos e paradigmas regentes, o lugar fenomenal onde se desenha e projeta o fundamento da existência.

Por fim, cheguei num ponto intenso, onde já não havia mais nenhum marco oriental, nenhuma escritura ou profeta; só reinava a ambiguidade do silêncio, um jato impenetrável de vida, teimando em jorrar como uma fonte emanante de si mesmo. Erguido no topo da montanha do ser, entre a luz clara da razão filosófica natural e as ordens ardorosas e flamejantes dos abismos densos das tradições e dos dogmas: escolhi. Escolhi depositar confiança em mim mesmo, nos meus sentidos, no que se revela na via mais antiga, firme e basilar da estética e inteligência intuitiva reunidas. Resolvi fazer da existência, como em mim, no outro, e na natureza se manifesta, a minha deusa, estética e ética, procurando cultivar no mundo real a arte presencial do Belo e do ser amoroso. Desse centro imediato de conhecimento, decretei ser o paraíso um potencial locado no momento. Reconheci essenciais as virtudes cardeais dos antigos, somadas às modernas (liberdade, igualdade e fraternidade). Além das aparências ilusórias, ver e senti a água tão divina quanto a luz do sol, na exata e mesma

26 Reflexo da pergunta leibniziana – “por que algo existe em vez de nada?”.

força, luz e água, ambas fincadas na unidade: reconheci e entendi ser daqui, ser humano, cósmico, filho da Luz Solar e da Água Planetária.

MODULAÇÃO MÍTICO-METAFÍSICA DO SENTIMENTO

Existe, na Biologia, um princípio enunciado por J. H. Jackson²⁷ de que a *ontogênese* repete a *filogênese*. Ontogênese refere-se ao desenvolvimento individual, desde o óvulo fecundado até o crescimento completo. Filogênese refere-se à história evolutiva da espécie.

Um indivíduo recapitula um processo de milhões de anos ao longo do seu crescimento: um período aquático durante a gestação, um período reptiliano quando ainda rasteja, um período quadrúpede quando engatinha, até atualizar o processo evolutivo. Cada nova aquisição modifica e envolve as funções e as estruturas mais antigas, sem suprimi-las por inteiro, integrando e transformando.

Basta, como justamente enfatizado por MacLean²⁸, rever os comportamentos ligados às esferas da atividade política, da religiosidade de massa, da burocracia, dos cerimoniais (as etiquetas); lembrar as emoções e sensações despertadas por slogans, para reconhecer, na humanidade, a plena atividade desses antigos sistemas de integração.

27 John Hughlings Jackson (1835 — 1911) foi um neurologista britânico. Jackson propunha uma base anatômica e fisiológica, organizada hierarquicamente para a localização das funções cerebrais.

28 A Teoria do cérebro trino: elaborada pelo neurocientista Paul MacLean, em seu livro de 1990, “The Triune Brain in evolution: Role in paleocerebral functions”,

Não há atividades intelectivas eficazes, significantes, que não enraízem nas determinantes neurais e físicas: a capacidade de sentir e integrar sensações. A dialógica entre o perfume vindo da flor crescendo no terraço e a expressão “cheiro de jasmim”, o arco vital, aferente, integrante e eferente, permite a percepção, o conhecimento imediato, o entendimento prático e a gestação da realidade como substância-universal: a totalidade apta a ser conhecida e refletida subjaz como fundamento necessário de todos os sentidos, significados e filosofias, por mais idealísticos, espirituais ou autorreflexivos que sejam.

Tentar desenhar uma esfera metafísico-teológica, uma teleologia, sem o arco vital, ou arco reflexo-dialógico, presencial e constitutivo do ser²⁹, é um empreendimento falseado, fantasioso, pondo a realidade da existência entre parênteses, como se fosse hipótese. Por outro lado, colocar-se, cognitivamente, como agente dissociado da interatividade inelutável, isolado no parêntese virtual e provisional da metodológica científica, como se afastado, isento, ou apto a neutralizar a conectividade autopoietica e adaptativa³⁰ que enlace, impreterivelmente, todos os seres e inteligibilidades na trama natural motivará outros desdobramentos científicistas; exercício dissociativo e

29 O arco trino: perceber e sentir, provar e integrar, para responder.

30 Como apontado por Maturana e Varela, em “A árvore do Conhecimento: Editorial Psy II, 1995”: a evolução é uma deriva natural, produto de invariância da autopoiese e da adaptação. Uma organização autopoietica (ou autopoiese) implica em uma rede de transformações dinâmicas produzindo a totalidade dos seus componentes. Projetando esses dados biológicos no entendimento do caso humano: essa rede de transformação produz a realidade, todos os seres (homo sapiens inclusive), seres dotados de capacidade moduladora, no exercício do ato da discriminação: ao mesmo tempo cumprindo determinismo e direcionando a evolução, em grau progressivo de intencionalidade na escala evolutiva – revelando-se uma incorporação de criatividade; autocriatividade.

barroco similar ao do teísmo vigente desde o começo desta civilização e elevado a sagrado esquema metafísico representando a verdade.

Não há, nessa deturpação, nenhuma perspectiva válida, mas a mera instalação de um imaginativo esquema digressivo e escapista. A razão qualificada, a inteligência racional e estética, necessariamente, em relação de pertinência com a natureza e produção cultural, percebendo e sentindo, integrando e respondendo, é imaginada não existir dessa forma; uma absurda e esquizoide negação da existencialidade.

O psiquismo por inteiro enraíza em ideomotricidade, num sistema ideomotor, num arco inelutável demonstrando um estado-de-ser (a) senciante, (b) cognitivo e (c) ativo, no qual se inscreve, ao longo da evolução filogenética e maturidade ontogenética, em sequência, a totalidade dos estímulos e determinismos motivacionais, desde os mecanismos reflexos, passando pelos impulsos instintivos, até a maturação dos processos decisórios complexos, mas sempre resultantes de (a) recepção de sinais, (b) integração e (c) formulação criativa; trata-se dos conceitos diretores teóricos e abstratos, dos pensamentos e sentimentos, ontologicamente sincrônicos ao advento da existencialidade, estacada no aprimoramento progressivo da linguagem [(a) escutada, (b) integrada e (c) formulada.

À luz da razão concisa e natural, delimitando coisas extensas, ou, então, objetos-cognitivos ampliados nos infintos desdobramentos do cogito, abstrações e símbolos, a inter-relação do intelecto sensível e do racional, não aparece como efeito da coexistência entre duas “substâncias” ou intelectos alternadamente utilizados; mas sim, como polos necessários e irreduzíveis (como cabeça e pés) de um arco dialógico unitário, criador e constitutivo. Trata-se de uma unidade

perdurante e complexa, regida por categorias; as relações se configuram práticas, técnicas, estéticas, artísticas, míticas, éticas e filosóficas - eventualmente místicas. O espaço-tempo conhecido acompanha desde o começo da duração, a própria substância ideomotor, indissociável e vicejando igualmente no ânimo e no sangue, tanto nas ideias quanto nas formas; um ethos uno e central – ideomotricidade divina universal. O estado-de-ser, conjunto psicossomático, ideomotor, desdobra-se irradiando por toda a natureza, configurando uma dialógica cuja realidade criativa, adaptativa e transmutativa, assenta as suas raízes no silêncio, vazio inefável, místico e substancial, por onde brotam as distinções originais de todas as existências, percepções e teorias – o Universo nasce e evolue em união com os que nascem.

A sensorialidade possui raízes distantes, é igualmente encontrada, em graus diversos, em todos os níveis e organizações celulares; em organismos como os dos répteis e mamíferos, igualmente capazes de receber estímulos básicos, fáticos, processá-los em respostas comportamentais complexas e significativas, implicando graus de interpretações e aplicações de biovalores. Os sistemas neurais mais antigos são, possivelmente, capazes de alguma atividade sensível-subjetiva, como gerar visões e significados primitivos, talvez como representações geométricas, imagens fractais. Apesar de primitivas para processar função linguística, as estruturas neurais arcaicas, ainda incorporadas no estado-de-ser atual, são sensíveis a significados evocados por gestos, posturas, cheiros, cores e imagens, motivando respostas e atos coerentes e decorrentes. A progressiva capacidade de acompanhar a experiência de atos vocais, vocalizações, leva à

construção comunitária de palavras, como instrumentos de sinalização mediatos que permitem compactar e agregar as ordenadas estéticas imediatas em sistemas representativos, linguísticos: na atualidade, o ser ontogenético, do nascimento à idade da razão, assim como o ser filogenético, a linha evolutiva dos seres, ambos, aprendem a falar.

Na passagem do sensível ao inteligível fez-se sem dicotomia, gradualmente, nos enlaces harmoniosos das mímicas, dos gritos, dos chamamentos, dos cantos, das canções de ninar, das poesias, da prosa, através do enriquecimento progressivo dos sistemas de sinalização – o arco dialógico verbal da comunidade.

De uma descrição e observação simples, já decorre evidente, que a *via estética* é inseparável da *via filosófico-ética*, como um lado e outro de um caduceu de ouro. A sensibilidade e intelectualidade configuram unidade complementar, fenomênica e polar, como o símbolo yin e yang do taoísmo: unidade que se revela como “entidades diversas”, nas abstrações exacerbadas e redutoras, quando a unidade do real é posta entre parênteses nos jogos do imaginário. As transições evolutivas entre simples níveis de consciência, perspectivas filosóficas, ou complexas formas axiológicas, implicam crises, adaptações e transformações, sem que haja ruptura nem quebra na causalidade das relações: as rupturas são metáforas descritíveis, representações a posteriori no parto das consecuições, nos processos de mudanças e transformações. O intelecto, em especial o intelecto sensível, não apenas estrutura, mas rege, por meio da triagem polarizada *prazer-desprazer*, o trânsito atuante, indo e vindo, processado no arco vital pelos canais transmissores dos sistemas existenciais, governando as balizas estéticas compassando as sensorialidades mais extremas do

deleite jubiloso aos desgostos mais intensos, fenômenos polarizadores acompanhados de atitudes, expressões, longos comentários filosóficos e decorrências éticas.

As ideomotricidades (arcos inelutáveis e específicos de (a) sentimentos, (b) conceitos e (c) motivações) perdem no fluxo da atuação autopoietica enquanto houver vida, evocando-se, canalizando-se e transformando-se incessantemente, como o ciclo das águas - sempre o mesmo, mas gerando nuvens, climas e sulcos na terra e nos tecidos, sempre diversos e variáveis -, podendo ser moldadas, reguladas e gerenciadas, pela intermediação reunida da inteligência razoável e da estética, como o vento e a luz do sol, i.e., da *poética* vencendo o “peso da gravidade”; os hábitos, costumes, usos e tradições conservadoras. *Poética*, no seu apogeu, é a virtude magnificante e suprema dos humanos, plenamente atualizada no melhor ambiente cultural-comunitário, praticada nas artes e nos ritos, agregado refinado de sentimentos e sentidos intelectivos, simbólico-míticos e metafísicos. Em graus menores, evocações operativas, como intermediações estético-filosóficas, agem na estrutura social, através das técnicas, desenhos, artesanatos, arquiteturas, das artes em geral, igualmente, por meio dos dinamismos cívicos e políticos. Nas suas expressividades mais rasas, opera através das rotinas cotidianas – até mesmo atuando nos cerimoniais e jogos de etiquetas, como se fossem “ritos canalizadores”, “seduções societárias”, “faixas cognoscitivas de regulagens” ou convencimento, ou gerenciamentos, *mimodrama*

*biocultural*³¹, ou ainda “mimetismos socioculturais” num sentido amplo.

Mimetismos, grupos ideomotores, apreendidos em blocos, como impressões complexas, pouco conscientizadas, feitas de rotinas, automatismos, gestos, objetos, redes de significados e relações, como um espesso manto de tecido psicofísico, heterogêneo, estruturado em configurações intrincadas e determinadoras: pacotes semânticos de canais múltiplos, mas eficazes na evocação, manifestação e perpetuação dos âmbitos socioculturais mais usuais - raramente, áreas de qualidades.

São fenômenos indutores, às vezes permeados de enlaçamentos sectários e rígidos, ou delimitações imprecisas: regimentos societários contextualizados e complexos, resultantes e causadores de peculiares estados e sensos existenciais, por sua vez geradores de acaloradas confusões conceituais. Manifestações existenciais atuais, acontecendo no polimorfismo da esfera cultural e cognitiva: grafismos racionais e sensíveis do campo existencial, planos moldadores da consciência ativa; canalizações possíveis de vida, sociedades, políticas, usos e costumes – como slogans multifacetados e polivalentes.

Essas linhas, seduções *mimodramáticas bioculturais*, ou perspectivas complexas de apreensão, captação e fascinação cognitivas - porque sensíveis, simbólicas, conceituais, míticas e metafísicas - são acessadas e se refletem na esfera mental, espontaneamente, por serem ativas e intrusas nos ímpetos expansivos e conservadorismos de alguma tradição. O fenômeno opera em fluxo através das vertentes da cultura

31 Mimetismos, dramáticos, expressões de valores biológicos e culturais.

popular, ou ditames enfáticos da academia-política³², assim como nas aderências, afiliações colaborativos da vontade e desejos próprios. Esses *canais operantes de perspectivas socioculturais*³³ funcionam e imperam politicamente: 1) por configurarem os engramas marcados na substância cognitiva, tecido nervoso e formas psíquicas; 2) por domínio e aceitação não consensual; 3) impostos através de formas educacionais ou religiosas - hoje as modernas políticas nacionais e socialista-cientificistas de educação; 4) agindo como tutores político-societários, e, na sequência, por decorrência e licenciamento; 5) via configurações midiáticas - difundidas e massificadas pelos instrumentos da mídia. Podem, ainda, operar “cl clinicamente”, através de intervenções pré-conceituadas e tiranicamente elaboradas, ou seja, “terapias filosófico-societárias” construídas em círculos elitistas e midiaticamente aplicadas - antes de se generalizar adentrando o fluxo dos eventos e o jogo espontâneo das replicações populistas e mediocráticas. Podem também ser construídas, exercitadas e instaladas, com direção e domínios singulares e próprios, pelos que aprenderam os mistérios da maioria: ser de si mesmos senhores.

Se não houvesse um intrincado e subtil gerenciamento (natural, psicofísico-cultural e cognoscitivo) da ideomotricidade; padrões emocionais protoconceituais, rústicos, arrematando preconceitos populistas nas suas trilhas, pouco diferenciadas das expressões

32 A academia é necessariamente em sintonia com a estrutura político-societária vigente.

33 Desbravando um campo em estudo, não normatizado, uso as expressões: “mimodramas bioculturais”; “faixas cognoscitivas”; “canais operantes de perspectivas socioculturais”, e “mimetismos socioculturais”, como sinônimos: uso as expressões, porque trazem aspectos aptos a despertarem diversos matizes de compreensão.

emocionais e contumazes dos animais, estariam, com determinismo absoluto, atuando no destino dos humanos. Esses padrões configurariam processos funcionais semelhantes a agregados de estados de ânimo e disposições comportamentais primárias - como fadiga, excitação, pavor, tensão, automatismos, aprendizagens treinadas por repetição, em todas as referências biopsicossociais. Tais sistemas propenderiam a se constituir como fenômenos estáveis e estruturados, quase reflexos, centrados em torno da conservação determinística dos indivíduos e dos grupos nas suas interseções adaptativas. Tudo se integraria em posturas e gestos padrões e primitivos sem maiores extensões cognitivas de cunho filosófico-metafísico. Mas a humanidade é, como um gesto de força criadora, capaz de evoluir e conduzir diversos graus e qualidades de formas poéticas (roupagens, movimentos musicais, repetições e rimas, artifícios de retóricas com congruidade e dramatizações, até configurações filosóficas mais sensatas e válidas), através das quais pode se modificar os canais, como um fenômeno hermafrodita, em si mesmo, autocriativamente. Conquistas e envolvimento sustentados nas vicissitudes de inúmeras emoções poéticas, racional e irracionalmente promovidas e criadas: intensas e impulsivas, levandades, exaltações adjetivadas em rimas bombásticas, batendo como marteladas, ou macias como cetim - ocasionalmente apontando sábios destinos. No estado-de-ser, natural e cultural-societário, os sentimentos mergulham e transitam, nessas vias, ou faixas cognoscitivas de regulagens político-societárias, formando âmbitos motivacionais e geradores, transmutativos e produtivos. Desenham-se enlaces autopoiéticos significantes e condicionantes, evolutivos (ou

não), adaptativos (ou não); mas, necessariamente, em relação sintônica com os drapeados conceituais e metafísicos das distinções.

Os conceitos filosóficos raramente esquivam ou superam as primitivas formatações e emoções batismais introjetadas antes do surgimento da aptidão racional: tal consecução exige um profundo, persistente e concentrado estado contemplativo, às vezes, potencializado por intermédio de técnicas amplificadoras da consciência. Movimentos orgânicos de despolarizações neurais, mecanismos glandulares e celulares desassossegam as perscrutações e intentos metafísicos, como mosquitos irritando touros impulsivos e inquietos, revolucionam os ensejos e especificidades apregoadas nas intenções, promessas e desejos, em repercussões polares, inversivas, enfatizando as coordenadas antinômicas acompanhadas dos sentimentos alternativos e opostos, trazendo protoconceitos e tendências conceituais divergentes: como nas alternâncias dialógicas entre o ato e o ser nas diretrizes mediélicas; os conceitos e as imagens da modernidade; as estruturas e as práxis sociais; o pessoal e o transpessoal; o inconsciente e consciente nas especificações psicológicas: estímulos que revelam a variedade e dinâmica dos fenômenos existenciais, das correspondências e jogos de metáforas, das suas descrições filosóficas – a realidade, rica em opções, mutante, fluida como a arte que acompanha e guia a vida e a história. O intuito é dizer e mostrar que a natureza humana pode ser imensamente plástica, sujeita a transformações rápidas, superando o que poderiam imaginar os positivistas, fisicalistas, adeptos dos psicanalimos rígidos, conservadores, escapistas e teístas de diversos matizes: os mistérios da salvação e das quedas são contidos no imo do pensamento.

A descrição desses *canais operadores de perspectivas socioculturais* auxilia a reconhecer o plano geral, o vasto campo de influência, ação e reação, a dinâmica das relações operando em conjunto: entre as inteligências [ou intelectos - racional, sensível e mítico], nos polos da esfera social [variando entre comunitarismos e hierarquismos - cívica ou política] e na ordem estrutural-biológica [de aspectos mais naturalistas aos artificialismos mais elaborados]. Reconhecem-se as diversas interligações e conexões operativas entre a razão (como entendida pelos antigos), comunidade e natureza: especificamente, o enraizamento profundo das emoções e protoconceitos, o seu fluxo e vazão como meio regulador, e regulado, através das configurações culturais, feições míticas e filosófico-metafísicas; intui-se como tais ordenamentos e interpolações primordiais são determinantes na construção humana, social, cultural e individual. Evidencia-se que as feições míticas e filosófico-metafísicas vigentes não são instâncias apartadas, separadas, ditames de uma “razão-pura”, manando de algum espírito-divinal transcendente, ou histórico-cultural: enraízam em circunstâncias, são eventos patenteados no âmago do estado-de-ser, em processos de feedbacks autopoiéticos, coligando as várias inteligências (os intelectos) à natureza - ao corpo e à estrutura planetário-universal. Quanto melhor circunstanciadas nos princípios universais, naturalistas³⁴, mais sensatas serão as feições míticas e filosófico-metafísicas de uma civilização: uma sensatez decorrente de um convívio estreito com a natureza, que é, indubitavelmente, a nossa

34 Uma lista desses princípios é definida no livro de Habilis a Sapiens - a Anamnese de uma Crise (listado na bibliografia) e sumariamente reproduzida aqui.

magna, absoluta e suprema circunstância. Verdades óbvias, apesar dos pareceres dos culturalistas, imaginando que o progresso social decorre da historicidade e cultura – seja provindo de um velado, mas admitido estrato teológico, ou então, emanações teleológicas e gnoseológicas, historicamente acumulado e burilado, para se cristalizarem em “axiologia culturalista contemporânea”. Um enquadramento de valores equivocado, alheado, refletindo uma derrocada societária antiecológica - cibernética, tecnocrata, cientificista e virtual – por falta de escuta naturalista, indígena, antiga, original. A filosofia dos pré-socráticos, aprofundada e proposta em praça pública por Sócrates, ainda não foi superada: a ela devemos retornar para recomeçar uma nova cultura, cientes das extrapolações historicamente cometidas – exorbitâncias cujas resultantes nefastas são destinadas a corrigir os desvios.

A operosidade e supervisão das faixas cognoscitivas acima estudadas implicam a superação plena dos seus próprios condicionamentos batismais – subordinações profundamente introjetadas, íntimas, com frequência, consideradas, ou confundidas, com inatismos. Determinismos míticos tão influentes e potentes, que mesmo quando configurados como “fenômenos culturais” afastados das mais absurdas e irracionais extrapolações dualísticas, teístas e positivistas, as raízes míticas inconscientes, como tenazes heranças familiares, acríicas, recrudesçam, reafirmando-se nas entrelinhas ou nas conclusões dos

pareceres e discursos - e isso, até mesmo em pronunciamentos de autores culturalmente ilustrados como Miguel Reale, afirmando³⁵:

O mundo que "é", que se tornou realidade em junção do ser do homem, "deve ser" em razão de sua valia primordial (do homem), realizando-se ao longo do processo histórico. (...) Invariantes axiológicas (...) universal até o ponto de parecerem inatas; mas, no que tange ao mundo da cultura, transcendentais, na acepção kantiana-husserliana (...). O sistema das *invariantes axiológicas* circunscreve o universo da cultura, como os *horizontes* a que se refere Karl Jaspers, o grande envolvente que nos inspira e nos impele em busca dos valores religiosos, éticos, estéticos, políticos, econômico-sociais (...) tendo como causa o centro irradiante de nossa intocável subjetividade (...), real e não conjectura: realidade intuída como autoconsciência e comprovada ao longo do processo histórico, que é de incessante inovação e criação. (...) A objetividade das invariantes axiológicas se funde sobre a historicidade radical do ser do homem, o qual dá origem e legitimidade às demais invariantes axiológicas, que não se inferem dedutivamente e "in abstrato" da ideia de pessoa humana; mas sim, concretamente, no processo histórico. (...) Perguntará alguém se essas *invariantes axiológicas transcendentais* são expressões de um *Ser transcendente*, mas é uma questão que envolve — como

35 Em conferência proferida, no Rio de Janeiro, a 9 de julho de 1991, na instalação da VI Semana Internacional de Filosofia, promovida pela Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, que assim prestou homenagem ao autor, no ensejo de seu octogésimo aniversário.

diria Fichte — a espécie do homem que cada um de nós é (...) cada indivíduo obedece a seu irrenunciável "código genético", também todo homem se vincula à sua "estrela polar valorativa" (...). Já se nasce, em suma, com inclinação natural para esta ou aquela outra posição filosófica que, não obstante iniciais ou recorrentes vacilações, acaba por prevalecer (...). A façanha de todos os valores fundamentais que se enraízam na capacidade reveladora e nomotética do espírito.

Para Reale, e muitos outros culturalistas, depois de longos arabescos eruditos, rebuscados ensaios de explicitação, volta-se a uma forma humanizada de tomismo³⁶: “já se nasce com inclinação natural para esta ou aquela outra posição filosófica que, não obstante iniciais ou recorrentes vacilações, acaba por prevalecer: todos os valores fundamentais se enraízam na capacidade reveladora e nomotética do espírito”. A fonte magna do saber e da ética – do saber ser e viver - não pode ser reduzido a artifício cultural, espiritual, racional, transcendente ou transcendental³⁷. A esfera mítica, como o lobo frontal faz parte do

36 Conjunto dos preceitos teológicos do pensador italiano santo Tomás de Aquino (1225-1274), considerado ponto apical do pensamento escolástico, e, em geral, tentando definir, a partir de fragmentos da filosofia aristotélica (o racionalismo), inteligibilidade nas revelações tradicionais do cristianismo.

37 Utilizar-se de termo “natureza”, encerrando conceitos filosóficos desde a antiguidade, para denominar “um ato de vontade aquiescente, considerado necessário, em relação a uma ética normativa”, é usar metáforas – no caso “natureza” como “critério de valor” - como se fossem objeto descritíveis caracterizando o ente, que no ensejo torna-se igualmente metafórico, perdendo realidade: dizer que a “natureza” do homem é “o seu ser, como deve ser”, faz de quem é livre para decidir o que devenir, algo reduzido a autômato, executor de mandato. A natureza humana caracteriza-se por ser racional – no sentido pleno e qualificado – e, por ser assim, em meio a um universo ordenado e harmônico, gerador de sentidos, após exame filosófico, à luz da

cérebro humano, é parte plena e inalienável do âmbito cognitivo, auto ou hetero-tutelado. Essa fonte só pode ser o fenômeno mais pleno e complexo: a fonte da virtude é o que é in totum, objeto-sujeito cosmo-existencial ou estado-de-ser. Retorno, nesse trabalho, a alinhar a argumentação com o ponto mais distante, o monismo dos antigos – a fonte civilizacional, hoje quase esquecida, da primeira vertente grega – desenhando perspectivas mais precisas e abrangentes. O intento é esboçar uma análise do intelecto sensível e inteiro, na sua aptidão em orquestrar uma cosmovisão sana, considerando a variabilidade das influências ontogenéticas, isso é do treino cultural e educacional, de um lado, mas sem desconsiderar a filogênese, moldando no barro, em configurações estruturais, as possibilidades de maturidade.

Os diversos intelectos são conectados no plano ideomotor, reunindo todos os estratos - num hilemorfismo fundamental entre a ideia e o ato, a ideia e o músculo, ou célula, que responde. O plano real e unitário das formas e das ideias, unidas às emoções e ao mundo: é a conectividade dos intelectos e da natureza, configurando o plano existencial à luz da *razão qualificada*. A razão qualificada porque mergulhada nas suas circunstâncias e alinhamentos definidos como, em primeiríssimo lugar, naturais e sensíveis, e depois históricos e culturais. Um posicionamento, em parte, simpático ao de Ortega y Gasset, meditando num âmbito compreensivo restrito à circunstância cultural e histórica, entendida ao modo dos culturalistas: a *razão-vital* confrontando a *razão pura*, idealista, dos neokantianos – sem, contudo, incomodar as

razão natural respeitada, revela-se que “inteligente é procurar ser virtuoso”, não porque deve, mas por ser naturalmente sensato para quem sabe o que, como, escolher e conhecer.

hierarquias teológicas ainda fortemente encampadas na academia, porque não destacando como primordial os valores e fundamentos imediatamente emanados através do contato sensível do ser com seu inevitável e inelutável estado: a dinâmica da natureza, do estado-de-ser.

O ser humano poderia ter realizado outra arquitetura civilizatória, com outras relações e entendimentos entre “os intelectos”; outros potenciais poderiam ter sido desenvolvidos, por intermédio de outros conceitos estético-filosóficos. Tais concepções necessitam de definição e divulgação, no intento de estabelecer instrumentos cognitivos, capazes de reajustar os fortíssimos e perigosos desequilíbrios, resultantes dos conceitos metafísicos dualistas. O dualismo como evidente projetor e amplificador de complexos dissociativos, *aestéticos*, formadores de modos extrapolados, insanos e esquizoides de viver. O dualismo metafísico é o minadouro magno dos conflitos e sectarismos, é a origem, fonte evidente, mas, tradicionalmente acobertada, de parte considerável das dores existenciais e civilizacionais que se querem sanar: o que claramente se denota percorrendo a história. As boas ideias, os bons conceitos metafísicos são os que permitem incluir, integrar e dar vazão amiga e criativa aos sentimentos e emoções, engendrar uma nova via estética e ética, em prol ao um entendimento imediato, sem delongas; buscando um sossego enraizado no ethos pacificado dos que sabem estar bem no seu lugar, sem margens para sofridas, complexas e tensas equivocidades. Ideias capazes de gravarem e motivarem veios de ações sociais mais serenos e cordatos, substituindo manobras, condicionamentos agressivos e protecionistas antitéticos a tudo que, tradicionalmente, se apregoa sobre a caridade e

o amor, humano ou divino, nas pequenas tréguas de reconciliação suspensas nos intervalos dos conflitos e oposições.

É importante considerar as possibilidades e potenciais da educação doutrinária na sua capacidade de favorecer ou inibir – do ponto de vista epistemológico e pedagógico - o ajustamento inicial e original da cognição, interferindo no desenvolvimento natural das capacidades e aptidões intelectivas. É razoável pressupor que, a primeira impressão doutrinária, o modo iniciatório de revelar e marcar o plano metafísico situando o indivíduo na esfera de consciência universal-existencial, a qualidade e criatividade das perspetivações, ou hermenêuticas primordiais³⁸, sejam instrumentos basilares - como os sortilégios nos contos de fadas - capazes de abrir, ou inibir, lagos de inteligibilidades, regular, como portais, o acesso a aberturas conceituais vastas e produtivas, impérios e processos civilizatórios. Reunindo na forma, tanto a esfera e domínio do sensível, as emoções em si, quanto as esferas racional, conceitual e mítica, o dínamo ideomotor pode manifestar-se imbuído de funcionalidades, quantitativas e qualitativas, diversamente operantes: 1) um tônus funcional mais ou menos ativo, ou até mesmo atrofiado, em desuso, fragmentado e sem conexões, de acordo com a abertura, criatividade, vitalidade dinâmica e integrada do sistema; possibilidades, por sua vez, controladas pelos 2) modos batismais registrados no início da vida inteligente, e, posteriormente, configurados em 3) políticas ou civílicas educacionais ou culturais diversas, sejam: a) eutímicas, inteligentes, integradoras; ou b)

38 O que pode ser denominado de “sistemas de crenças batismais” - i.e., as ordens e sentidos cognitivos introjetados por vias independentes de uma monitorização e escolha conscientes.

distímicas, obtusas e sectárias. Trata-se de um círculo operante, apto a ser modulado com consciência pelos navegadores destemidos, ousando projetar-se e lançar-se no vazio, além e acima das nuvens míticas, um círculo modulando a vida como uma onda barracuda.

FORTALEZA ATEMPORAL

*E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?).
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora.*

Há Metafísica Bastante em Não Pensar em Nada - Escrito por Alberto Caeiro

DA FORÇA DAS IMAGENS

A primeira liberdade e coragem dos que ousam ponderar a sua própria natureza é exercitar a primeira circunstância universal como escolha: anuir com o estado-de-ser, sem extrapolações nem consolos, e, frontalmente, enfrentar a vida.

Enquanto estiver por aqui, estarei junto ao tempo “vivido”, literalmente.

Estamos desvelando como os relatos míticos se harmonizam, ao longo dos séculos, com âmbitos experienciais em congruidades com as perspectivas que desenham. O que, existencialmente, antecede e sucede combina e cômgrua com um âmbito mítico definido, acompanhando, modelando, induzindo as circunstâncias em dimensões manifestas, mas incalculáveis. No processo civilizacional, o sucedimento ocasiona fenômenos, gerando épocas e estilos, como a Idade Média, as Cruzadas e as várias revoluções, como o Modernismo, o Renascimento e o Iluminismo. Mais tardiamente, após centenas de anos de atuação renitente, em uma intensidade a ser ponderada, eventos correlatos se revelam: são as decorrências geográficas de origem humana, as mudanças climáticas e ecológicas já em andamento - a terra dominada, abusada, tratada sem respeito e como recurso por uma humanidade insensata, olhando acima do horizonte, mirando metas espiritualistas, mas tropeçando em desflorestamentos e desertificações.

Neste escrito, frases como “no tempo da verdade, a vida acontecia lastrada em valores reais” intencionam revelar congruidades surreais, ou “mitos realísticos”, caracterizar e caricaturar momentos, vias existenciais, mais que descrever ou quantificar eventos. Depois do triunfo do mito monoteísta-dualista, coroado na inquisitividade mediévia e no crepitar das fogueiras, estamos, progressivamente, denotando uma forte recuperação e ressurgimento do mito panteísta-monista. Descrevem-se fenômenos gerais e peculiares - episódios, tendências e possibilidades - no intuito de revelar embates épicos longos e perdurantes, confrontos observáveis no compasso histórico, acontecendo entre Gestalts com extensões surreais: o mito panteísta-monista versus o mito monoteísta-dualista.

VALOR RESIDENTE E VALOR ALIENADO

No tempo da verdade, a vida acontecia lastrada em valores reais. Não havia dicotomia entre o valor existencial ostentado e o real valor do indivíduo: a postura, a simples presença, já era um cartão de visita, atestado. O apreço associado a si mesmo, como o de uma moeda de metal – ou de um bilhete com valor nominal lastrado em ouro - apresentava-se tintinando claro, brilhando na forma de uma prática de vida honrada, na qual a palavra empenhada, os afazeres, a postura, combinavam com a visão de mundo e a praxe. O que se dizia, de patente e latente, combinava com um projeto de vida bem delineado, até os limites do horizonte, no escopo do seu poder e potenciais - realidade. A capacidade geral, o bom senso comunitário, a apreciação simples da vida favorecia a solidez dos acordos, a transparência dos projetos. Os mitos afirmavam o valor da vida, dos recursos e das pessoas; o imaginário era realista nas suas aspirações, graças a uma mitologia humanista, de trocas e compartilhamentos: a vida acontecia lastrada em valores de verdade. O universo prodigaliza atributos diversos: os que se testemunham à luz da razão natural e os que transbordam as fronteiras do saber, por isso fugidios, espantosos. Contudo, essa magnitude não necessita assentar além, encontra-se no centro, renova-se e sustenta-se no lugar onde a razão não alcança; a natureza se origina e se alimenta de si, estruturando a realidade da existência dessa forma, apesar das hipóteses vãs, sujeito-e-objeto unidos, agregados.

Para relatar bem as epopeias, equivalente circular das histórias lineares, haveria a necessidade de novo tempo verbal, como um gerúndio universal: nesse tempo não linear; mas sim, circular e espiralando, passado e futuro seriam presentes. Feita essa ressalva, dado esse aviso, posso coligar os verbos de modo estranho, mas confiante de ser compreendido: no princípio, a seiva da minha consciência de ser adentra a experiência progressivamente; primeiro, sentindo os contatos celulares, tocando as coisas com as membranas e a pele, depois, ouvindo e vendo. Na conjunção viva e real do nome e do verbo, fumaça inefável da vida, fonte sempiterna jorrando do sem-tempo um princípio misterioso, é onde reside e se constrói o campo conectivo imbuído de sentidos. É nessa morada, ethos, lugar sem nome, limites ou tempo, velado e silencioso, que nascem e despertam, fundamentando-se universalmente, a estética e a ética.

Ser humano é ser verbo-e-nome; “sou” é verbo, “eu”, pronome: eu sou. Singular, nascido e batizado, apresentado: é nome. Eu-sou-indivíduo de modo primário, inelutável e inefável. Impossível é demarcar-se, nesse ambíguo e misterioso estado-de-ser, o intervalo, a relação precisa, ou natureza da relação, entre as substâncias *cogitans* e *extensa* de Descartes e Espinosa: um espanto antigo, crônico e atemporal, sempre se atualizando em cada filósofo, digno dessa tradição³⁹. Enigma que se resolve vivenciando, não a vacuidade de um silêncio incapaz,

39 A bipolaridade caracteriza e marca a natureza - aspecto em lugar algum melhor expresso de que no conceito taoísta do Yin e do Yang. Optando por entender o enigma como enraizado em nós mesmo e no ignoto universal, talvez como um Yin, e o lúcido cristalizado nas coisas sensoriais (o sol, a lua, o vento, a terra, o corpo) como um yang: pertence-se por inteiro ao que vem sendo e ao que é.

mas a plenitude de um silêncio ciente, como demonstrado por Sócrates, um silêncio de sentido unitário, reverencioso como uma oração de louvor a um firmamento perenal. Desperto, reconheço-me como ponto enigmático de junção do verbo ser e do objeto eu. Não um “eu sou eu”, semelhante ao de Fichte, ambicionando uma construção espiritual privilegiada, embasada em conceitos de pureza, missões transcendentais, ou elitismos nacionalistas. Sem extrapolações eu-sou, simplesmente; sou espaço-tempo oriundo dos meus pais, do céu e da terra, massa una a quem pertencço, densidão rica, inefável fonte das formas sempre recicladas, recriadas.

No ceticismo grego, o silêncio filosófico era, com frequência, mais de que uma consciente abstenção de juízo’; tratava-se da realização de um ponto de silêncio dignificando o Belo, o grande enigma unitário, inspirador de profundo respeito. O espanto filosófico, intrinsecamente silencioso, é florescimento dedicado, realização expressa no núcleo do estado-de-ser, comprovando o reconhecimento pleno e lúcido de que o cultivo do bom-senso existencial e o consentimento profundo, concordante e amoroso, é a conduta mais sensata, inteligente e suprema; a postura sábia e filosófica, por excelência, superando todas as contendas, envolvendo, como num manto cósmico de paz, quaisquer afiliações partidárias ou dogmáticas. Esse antigo espanto filosófico é o sinal comprovando recolhimento e reverência no confronto numinoso com o saber da ignorância essencial. O espanto sinaliza que a transcendência das possibilidades racionais do intelecto, no vácuo aberto da razão, é a confirmação viva da união da estética e da ética na glória luminosa do sempiterno.

Na cruel revolução cultural, decretada por Constantino o Grande⁴⁰, décadas depois, simbolizada pelo dramático assassinato de Hypatia⁴¹, emudeceram os usos e costumes relacionados às vias filosóficas tradicionais da apreensão imediata, os caminhos éticos sensoriais e extáticos, apontando a realidade do ser-presente. Baniu-se a via estético-filosófica, a faculdade de receber em si o abraço do Belo, através da prática da arte, de reconhecer a beleza e cultivar, *in natura*, o ser ciente e amoroso. Antes, senhor de si, ajustado e vivendo nos seus domínios, agora deportado, o vivente passou a ser um devedor existencial, como se vivesse numa terra alienada a um poder estranho; uma vida acontecendo em valores e critérios idealísticos, sem lastros naturais. Estabeleceu-se uma grave dicotomia entre a virtude existencial, pessoal e real, e o valor-critério de representação dos indivíduos. A postura, a palavra dita, a presença simples, as atitudes, já não garantiam as praxes: títulos eram necessários, nomes, cartas de apresentação devidamente atestadas, apostas de créditos.

O valor e a virtude, antes associados a si mesmo, passaram a ser como valor nominal, representado e definido em papel e no exercício de papéis. Como a moeda de ouro ou prata, ou bilhete lastrado, divergem, em natureza, dos recursos fiduciários, a ausência de lastro-existencial não conferia mais certeza: as aparências e representações passaram a

40 Constantino I, o Grande (270-337) - sob o seu reinado o império romano tomou a forma de uma monarquia cristã de direito divino, fortemente centralizada e hierarquizada – Igreja, como instituição religiosa de estado.

41 Filha do astrônomo Théon de Alexandria, Hypatia (370-415) filósofa e matemática grega; diretora da grande biblioteca de Alexandria - possivelmente assassinada por uma turba de fanáticos religiosos, partidários incondicionais de Cirilo, então patriarca de Alexandria e Doutor da Igreja.

divergir da realidade. A prática de vida, os afazeres cotidianos não harmonizavam mais com a visão e o entendimento que se pregava, não havia mais uma praxe congruente e real: o que se dizia de patente discordava do que se supunha latente, desenhavam-se projetos de vida mirabolantes, talhados em visões extrapoladas e exacerbadas, no escopo de poderes imaginários, irrealísticos. A capacidade geral, e comunitária, de apreciar e dar valor à vida, ao bom senso, eram raros, deturpados. Multidões ofereciam-se em altares dedicados a deuses mirabolantes e fantásticos, com a promessa de sucessos e glórias futuras, para oferecer a vida em sacrifício, ou a serviço de outrem. O que é e sempre será – contudo, invisível à cegueira puntiforme e retalhada dos duoides⁴² - era imaginado existir além, depois do real, na sombra hipotética e negativa do que é claramente!

O mito oficial, chave do poder de Thanatos, afirmava a novidade de um único e seletivo valor: entender a vida como redenção de dívida, de culpa. Afirmavam-se a realidade, os bens e as pessoas como recursos a serviço do supremo – o imaginário tornou-se sobrenaturalista nas suas aspirações, impulsionado por essa nova forma mitológica, sacrificando o vivo e real em prol de uma vida eterna a ser usufruída num céu futuro, radicalmente alhures. Uma teleologia projetando um futuro como se legislando um passado, prendendo-se ao cumprimento de acordos, em função dessas juras, independentemente do valor real das moedas, dos projetos. A vida passou a acontecer em valores hipotéticos,

⁴² Duoides: neologismo servindo de apelido para os fascinados e fígados pelo sortilégio do mito dualista.

o valor real exilado, raptado, hipotecado como o presente - uma paródia a prazo ou futurista ilusão.

A estética e a ética, a que o mistério filosófico grego em geral corresponde, nunca entraram radicalmente em decadência, contudo, o cultivo da apreensão unitária nas conjunções bem reguladas dos intelectos racionais e sensíveis, intuições correlatas, a essência da sapiência filosófica retiraram-se da orientação educativa geral. Foi nos destroços ainda quentes da civilização original, totalmente cristianizada, que instalou-se o estado de entorpecimento profundo a que corresponde o histórico, mediévico e grave esquecimento da arte filosófica: um forte retrocesso da sensibilidade estética, assombrando o poder de captar e perceber o Belo na imediata clareza e solidez das manifestações da natureza. É idôneo, condizente com uma busca filosófica atinada, evidenciar a natureza dos fenômenos como se manifestam, na sua totalidade e sem véus; o amor profundo à ciência, ao saber e ao conhecimento conduz à compreensão plena do estado-de-ser como ato existencial universal, presença dinâmica e processual sem limites definidos. Mesmo sendo submergida, afundada no turbilhão das opiniões, a compreensão do estado-de-ser, por ser inerente, nativa, tende a retornar na força ascendente de um justo e livre intento de saber – como o capim voltando a crescer. A compreensão intuitiva da natureza una do estado-de-ser é a grande categoria intata e primordial do sujeito lúcido. A sede de saber evoca uma natureza prudente, compassada; o processo da busca em si, como uma viagem que se projeta, apresenta uma configuração natural, coordena e evidencia uma ordem decorrente: é inerente à intenção de saber que o comparecimento do estado-de-ser, em nós, induz à

investigação das ontologias - como uma tomada de posição inicial, a busca de uma localização existencial. No mesmo compasso, a busca aponta, de chofre, uma reflexão em torno da validade da origem, natureza e limites do ato cognitivo, na tentativa de se evitar as veredas potenciais, já intuídas e vislumbradas pelos mais aptos a coordenarem a busca, ao conhecer. Desde o início, apontam-se possíveis distorções, vislumbram-se, claro, que os condicionamentos subjetivos propendem a extrapolar a mais justa equidade no reconhecimento e desenhos de perspectivas; vias premeditadas, aparecendo como preferenciais, atizam duvidosas vacilações entre os realismos (o que é) e os idealismos (o que se gostaria que fosse), ambos, expressões essenciais da dúvida e sonolência existencial. O ensejo de direção, de rumo, implica considerações teleológicas e axiológicas. Não há intenção ou sede de saber sem essa quaternária categoria coordenativa e sábia: o saber é delineado em eixos ontológicos, gnosiológicos, teleológicos e axiológicos, necessariamente, como uma árvore possui raízes, tronco, ramos e florescências, como uma casa possui fundações. Em lugar nenhum a busca foi mais ponderada e justa do que na Grécia dos primeiros filósofos, até, inclusive, Sócrates. Deslocar e desequilibrar a busca - cuja essência, o imo, é a singela aceitação bem humorada do ato impreterível de ser - em apenas dois eixos cardeais, ou categoria dessa sábia quaternidade, seja, a) apelando por um deus, objetificando-se; ou b) perdendo-se nos signos, como se caindo nas entrelinhas da linguagem para buscar um rumo estudando as próprias pegadas históricas e caóticas: são sintomas de fuga, elaborações fisiológicas da angústia e pavor de ser, amedrontada negação de confrontar a

responsabilidade plena e irrestrita do ato primevo e inelutável ancorado entre ser e não ser.

É próprio do intento filosófico reconhecer a fluidez do existir como ato criativo - nascer e morrer para si, de momento a momento. Nessa perspectiva integradora, o vivente atento, depara-se com a dualidade e ambivalência da experiência, com a sua paradoxalidade; ocorrem, no ato do existir, um fluxo contínuo de manifestações, ultimamente e simultaneamente, agradáveis e desagradáveis, satisfatórias e insatisfatórias. Iniciar-se nesse entendimento, procede e resulta de uma filosofia aberta onde o reconhecimento franco do ato criativo (a fluidez existencial e o fundamento paradoxal e ambivalente dos fenômenos) coroa a busca, induzindo a realização de um pleno entendimento. Nesse contexto, a possível satisfação existencial supera a sequência dos sucedimentos, tende a assentar conforto no processo de vir a ser. Enfrentar com coragem, proativamente, o fenômeno existencial, com aceitação bem humorada e cordata, sem negar a luz da razão, nem apelar para esperanças hipotéticas exigindo a negação do que é, configura a arte da superação e da satisfação - superar é comungar com o fluxo, é desapego, fundamento e evidência de serenidade.

Abraçando a vida, aceitando os riscos, reconhecendo a si mesmo como um momento criativo do processo universal, potencialmente ilimitado, em sintonia com o movimento existencial, permite, eventualmente, perceber e sentir-se um só - o início e o fim, alfa e ômega do ato generativo da natureza ou estado-de-ser; natureza personificada renovando-se em ação. Não se trata apenas de uma postura existencial conformada e cotidiana, de uma práxis rotineira, mas de um enfoque autorreflexivo, parte de um esforço meditativo, inserido dentro de um

estado sutil e alargado de consciência; poderia dizer-se: um estado causal, transcultural, universal, de consciência; uma reflexão e entendimento apical relativo ao estado-de-ser, configurando um ponto de vista coordenador, agasalhado de sabedoria passível de saber teórico - do grego *theorein*, ver, contemplar.

Existir, ciente-de-si, implica contemplação como experiência filosófica, insuflada na estrutura viva e simbólica, onde convergem as expressividades do eixo cognitivo-existencial para serem exploradas e trilhadas em primeira mão, realizando a vida: trata-se de ação cognitiva ampla, modelagem profunda dos significados existenciais, apesar da inelutabilidade da circunstância e processo, assim mesmo, configurando a ação mais livre, pessoal e interna, a construção e encontro de um intenso e valioso conceito de si-no-mundo. Uma contemplação, como experiência honesta, íntegra e imediata, na apreensão das grandes referências existenciais: tanto em relação à estrutura transformativa e mutante dessa densidão primeira quanto à totalidade das impressões, incluindo tudo o que se revela, de alguma forma, nas sequências da filogenia e ontogenia, inicialmente, na forma de sensações e imagens, depois de metáforas, lendas e mitos, dados históricos e científicos. Um equilíbrio, um saber devem resultar em praxes, científicarem-se no cotidiano como procedimentos atuantes, permitindo exercitar um estado-de-ser peculiar, do seu ponto de vista, na sua escala, com força e virtude. Conhecer a sua natureza ampla e contemplativa, parte mutante e efêmera do sistema planetário; a sua presença ímpar e única de ser-vivo-consciente, pensante e ativo, assim como a sua inserção na realidade, como uma flor num jardim, uma estrela no céu, permite morar bem nesse fluxo, seguro como numa

fortaleza atemporal, sentindo o evoluir desse vir-a-ser com autonomia, responsabilidade e liberdade. Projeta-se um grande e honroso poder atuante de escolha, presente e inscrito na pauta essencial da vida real – projetos heroicos escritos entre nascimentos e mortes. Esse grande enquadramento filosófico está como uma arca submersa, mas ainda ao alcance cognitivo, no imo dos que coexistem na polis: é no exercício e na prática da convivência que se encontram as oportunidades de afirmar intenção e vontade, ponderar um sentido ético nutridor, um bem definido exercitar, um saber poiético, do grego *poiein*; gerar, produzir, exercitar um saber prático, de práxis - ação. Na realidade onde me encontro desperto, afirmando-me como pessoa, reconheço quão sensato e honroso é participar, compartilhar, tentar firmar a atenção e ações escolhidas, buscar em si mesmo, incluindo no outro eu, na alteridade, a união, o esclarecimento, a verdade e o amor que se necessitam na viagem, nos percursos e debates.

Para que acumular em excesso? Juntar coisas destinadas a ruírem, perdidas de antemão, construir castelos destinados a caírem? Alegrar o momento, embelezar a luz das manhãs, compartilhar virtudes, o eterno tempo novo já clareando são os motivos mais respeitáveis, os atos mais inteligentes e sensatos que justificam o fenômeno existencial. Cuidar-se à luz do bom senso filosófico, cultivar os mistérios de Ísis, agregar essas bolhas comunitárias, compartilhar a espuma arejando no vazio e no mar, como nas bordas do manto de Afrodite, cultivar sentimentos de amizade: a única essência perdurando com leveza, até se dissolver no cerne azul do inefável.

SABER SER

Nessa enigmática circunstância filosófica existencial, o que fazer, como agir e de que maneira, a que dedicar a consumação do estado-de-ser, como aplicar a vontade? A busca da melhor escolha, a partir do ethos reconhecido como estrutura existencial, unitária e específica, configura a realização de uma distinção ética, tributária de uma ciência-de-si. O ser plenamente racional, produto da natureza universal, ciente-de-si como constante atualização existencial, rica e gloriosa, não tem serventia para nada e ninguém. O ser é livre e autônomo exponencialmente, porque pertence ao Universo absoluto, que, não sendo servo de ninguém, não tem serventia; porque é livre para receber e acolher, ou não, o estado-de-ser que se manifesta. A primeira liberdade, coragem, dos que ousam ponderar a sua própria natureza é exercitar a circunstância universal como escolha: anuir com o estado-de-ser, sem extrapolações nem consolos e frontalmente enfrentar a vida. Comprovar e experienciar o belo e o bom como se manifestam na grandeza da natureza, nos seus determinismos e na graça das suas possibilidades. Resulta, dessa anuência ciente, o reconhecimento como sendo bom o que é dado a ser. Confirma-se um parecer existencial, uma afirmação processual positiva. Na concepção existencial assim definida, a melhor opção, a mais inteligente e sábia, é, certamente, a prática da bondade: revestindo e imbuindo de estrutura ética a densidão, na qual se configura a existência. A ética passa a ser existencialmente estruturante e prática, de eficácia imediata. O bem é fruto desse gosto de aceitar ser produto natural da natureza e na natureza, apreciar e amar a vida cotidiana: isso é ética, reflexão de uma boa adaptação ao ethos - bem é estar bem, no lugar que nos cabe e convém à luz da razão.

Não há éticas, há uma ética; as ditas *diversas morais* são pseudo-éticas, extrapolações e excentricidades, formas compartilhadas de iniquidades. É ética peculiar do homo sapiens reconhecer e achar essencial honrar o estado-de-ser dado pela natureza, fazendo dele um estado existencial melhor, o mais sereno possível. Por decorrência, resultam dessa autoconsciência relações e convívios respeitosos, sinceros, igualitários, fraternos e libertos. Aceitando esse destino com boa vontade, é natural e lógico fazer do momento um bom movimento, sublinhando o belo e o bom que se manifesta na grandeza da natureza, nas suas graças e possibilidades.

Tanto a ideia de vida eterna como de um espírito dissociável da natureza, ou a ideia de morte como término radical e absoluto, parecem, igualmente, hipóteses desfocadas à luz da razão natural. Os entes que se manifestam, as pessoas, são únicos e diversos, ímpares, mas o reciclar essencial da natureza, perdura. Logo, somos, paradoxalmente, perdurantes como natureza, mas não como partes organizadas; nesse sentido, existir pode ser intuído como um perfeito processo de seidade⁴³ transmutativa ao ponto de paradoxo, ao mesmo tempo: atual, instantâneo, presente, pessoal; mas, igualmente, impessoal, eternamente efêmero, novo e recriado, multiforme. Viver bem é morrer bem, diariamente, nascer e morrer bem no compasso de uma vida peculiar, apoteose de uma vida lúcida, verdadeira e universal. Vejo a alvorada de uma cultura humana de verdade, uma vida plena,

43 Seidade: neologismo apontando o estado-de-ser genérico – humanidade – e contrastando com o estado-de-ser singular: ipseidade – no pensamento de Duns Scotus – scotismo - (c.1265-1308), o caráter particular, individual, único de um ente, que o distingue de todos os outros; ecceidade, ipseidade [O termo foi recuperado no século XX pelo heideggerianismo.]

vivida como um poema, um ato de construção, um desenho de coordenadas postas em perspectivas e pautas certas, empreendendo um voo. Como a saída de um ninho nuclear, irradiando e expandindo na natureza, para, vindo da luz, ser celestial, ser poeira, água, chuva e planeta. Posso imaginar uma vida coletiva belíssima, liderada sem autoritarismo dogmático, mitos separatistas, manipulação ou instrumentação: um reino de bom senso, concórdia, diálogo e respeito. Nessa comunidade real, ninguém gostaria de possuir nada acima do justo, porque o maior valor seria justamente o conjunto, o todo. Não haveria necessidade alguma de autossacrifício; sacrifício seria manter um estatuto distanciado e divergente dos seres afins; haveria ética eco-humanista, naturalmente.

A estética e a ética revelam ser um caminho em direção à virtude: são o brilho da razão natural. Do ponto de vista filosófico, a razão é necessariamente qualificada, ampla, incluindo uma apreciação estética, uma intuição plena, intelectual e sensível, um senso de proporção e prudência; o bom senso, reunindo um misto de justa e suficiente perspectiva, embasado nas coisas como se sentem ser, a partir da indiscutível evidência de sermos universo, de pertencer por identidade à natureza universal, de acordo com uma focalização estética, típica.

Uma sociedade de homo sapiens, de verdade, é maximamente, em todas as ocasiões possível; dialógica, argumentativa e deliberativa, ciente-de-si como estado-de-ser. Entre nós, nas nossas relações e compartilhamentos, a justiça, a verdade e a bondade resultam do reconhecimento simples e positivo aceitação do estado-de-ser como é. E assim sendo, o estado-de-ser, ciente-de-si, tem a responsabilidade ética de respeitar a si mesmo, ao outro e a todos os seres: tratar todo o

ecossistema como absolutamente valioso, mais ainda o seu próximo; não se deixar dogmatizar por nada e ninguém, nem dogmatizar e iludir. É determinação volitiva adequada, típica da humanidade, pôr-se no seu lugar, no seu ethos; e com maior atenção tentar demonstrar, como parte da totalidade, seja como indivíduo, grupo, nação e espécie, a perfeição natural; tentar viver esse estado-de-ser por inteiro, pleno e desapegado ao mesmo tempo.

Estar no lugar é presença forte, como um totem, ou velo de ouro, fincado na brecha metafísica do estado-de-ser, no centro do império, no coração da interfase mais sutil da ciência e da configuração, no intervalo mesmo onde se dá o surgimento: no ethos, na morada mais profunda de onde se nasce e para onde tende o desfeito, no eco essencialmente conjuntivo do incognoscível. A passagem da inocência à maioria implica superar a tepidez, a negação amedrontada da vida plena, para recolher-se ao centro do jardim, conhecer a si mesmo como árvore da vida, potencialmente, do bem ou do mal; conhecer os frutos brotando de si, e, finalmente, escolher o belo, o bom e o bem, livremente, com inteligência natural e clareza, à luz da razão.

Estar no lugar, com qualidade existencial, converge e assenta na distinção mítico-genésica capaz de justificar a existência sem dicotomizar; incluindo o princípio (*arché*) para ser apreendido de imediato, esteticamente compartilhado nas relações, orientando o ser a partir de si, suscitando atos criativos centrados e em harmonia com a natureza. Reconhecer-se como mistério unitário criativo, qualificar-se positivo e incondicional; é ato existencial supremo de vontade, lucidez e poder; é o selo amoroso da confiança e autonomia; é maioria; é a firme essência do Bom, do Belo e do Bem; é estar no divino. Dessa

unidade complexa e aceita, reconhecida e bem qualificada - razão qualificada na raiz eu+sou - nasce uma tripla aspiração buscando satisfazer o estado pleno de ser: desejo de satisfazer o peculiar, eu; desejo de satisfazer o universal, ser; e o absoluto, a grande conjunção, aspirações resultando em bem estar existencial, por sua vez motivando o zelo e cultivo, com criatividade, do estado-de-ser amoroso.

O ensejo do peculiar emana satisfazendo e respeitando o ímpar, o indivíduo único; afirmado e inserido no centro de uma teia criativa; do seu centro, transbordando conformação - confiança, conforto e amizade – a beleza. O ensejo de universalidade transpassa os próprios limites, perdura no infinito, abrange o abstrato e insondável, une ao outro, à alteridade – festeja a proximidade do Belo. O ensejo de absoluto, dos limites e confins inefáveis, ecoa gratuidade essencial, potente, suprema, aberta a tudo agradecer – o Amor. Esse triângulo evidencia e convoca um estado-de-ser atual e valente, animado em si mesmo, como o ar para uma bolha de ar! Equanimidade plena, vontade-de-ser positiva, exercitando-se graciosamente. Isso, contudo, apenas quando os eixos e enquadramentos decisórios estão ao alcance da cognição, quando, já desperto, o ser recebe o que é: reconhecendo que sensato e honroso é participar, compartilhar, tentar manter a atenção e firmar uma ação criativa e escolhida – refletir a sabedoria imanente nas perspectivas universais.

A CIVÍTICA

*Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.*

Há Metafísica Bastante em Não Pensar em Nada - Escrito por Alberto Caeiro

Antes de tudo, sendo seres vivos, compostos de matéria, pertencemos à natureza, como espécie animal que somos. Sendo seres racionais, atuantes e criadores, pertencemos à história que criamos ao mesmo tempo em que a ela nos vemos expostos – Karl Jaspers⁴⁴.

DO HOMO SAPIENS

Há três pisos no solar da ética: o conhecimento de si como verbo-e-nome, unindo todos os sentidos em dois polos enlaçados - é a base; o segundo piso é como uma sala de visitas, escolhendo compartilhar o que mais possa valer no mundo, a amizade; o grau mais elevado é o dos eternos aprendizes, corrigindo e equilibrando a ação, em busca de um

44 Citado em Cavalho, J. M: Filosofia e Psicologia, o Pensamento Fenomenológico de Karl Jaspers, Lisboa: Imprensa Nacional, 2006 – Capítulo 3, Pág. 162.

gesto mais belo, afirmando um modo melhor de ser, gratuitamente, como o jasmim perfumando o jardim. No exercício e na prática da convivência, encontra-se a oportunidade de orientar um sentido ético de vida, forte e bem definido. Percebendo-se movido pelas próprias escolhas, dialogadas na espessura da natureza, cultura e historicidade, o indivíduo poderá optar por inscrever, com prudência e respeito, uma cota maior de criatividade no sistema societário no qual se encontra envolvido, no caso de percebê-lo desequilibrado por excesso de relativismo moral, rigidez ou conservadorismo.

A criatividade do homo sapiens assenta em uma triangulação, incluindo aspectos *conatos* e *adquiridos*. Conato é estar presente, aceitar proativamente a existência e o convívio - uma confirmação. Elementos adquiridos configuram os demais lados desse triângulo simbólico: 1) a intensidade e gosto da busca filosófica e 2) a qualidade do acervo cultural atuante no círculo comunitário. Esse fenômeno triangula o gênio humano revelando uma vontade, um poder e uma aptidão. Vontade é o ato fundamental, abraçando o estado-de-ser, concordando em participar da comunidade, desse inesgotável potencial. Poder, como disposição energética, a raiz da coragem, reforçada por um âmbito contextual familiar ou comunitário acolhedor e convivial, somado a uma circunstância educacional naturalista e humanista⁴⁵, resultando em uma elevada autoestima e espaço existencial positivo, onde o indivíduo possa sentir-se considerado, inserido na comunidade, na espécie e no gênero. Aptidão é reconhecer a realidade frontalmente,

45 Uma medida suficiente de acolhimento amável, consideração existencial, educação filosófica, naturalista e humanista são necessárias para que a vida humana possa adequadamente se criar e sustentar.

cultivando a estética e a ética, a percepção da interdependência, impermanência, unicidade e polarização complementar de todas as coisas. Um reconhecimento conduzindo ao exercício da virtude: generosidade, desapego, amizade, ponderação, prudência e tolerância. Portanto, uma ética prática, referindo-se a uma realização complexa, ao mesmo tempo naturalista, culturalista e individualista.

A prática da virtude decorre da compreensão da natureza na justa e precisa apreciação do estado-de-ser; na apreensão conhecedora da união, chega-se ao bom, ao belo, à luz da razão. Chega-se à virtude de bem querer ser: a estética se fundamenta no estado-de-ser, realiza-se na comunidade e se aprimora na prática, querendo conhecer. Assim, a ética se origina na maturidade da inteligência, exigindo a necessidade de ponderar a vivência; nesse mister, a justiça, a coragem, a prudência e a temperança são cardeais - regulam, ao mesmo tempo, o desejo, a vontade e a ação. O exercício da virtude, manando da inteligência e ciência-de-si, reflete e confirma a grandeza da perspectiva universal, cosmo-existencial. Dotado desse cruzeiro de virtude, o ser pondera e se reconhece como elo-momento, consciente e fugaz, de um processo inefável. Possíveis vícios totalizadores, vaidades, são sublimados na admiração pelo que é - espanto filosófico. Suspenso como um milagre, num momento efêmero, o homo sapiens se reconhece na sua grandeza e pequenez: a pequenez se valoriza alimentando os desejos peculiares aos ditames da virtude; a grandeza se revela glorificando o universal nas pequenas circunstâncias do momento, onde vence o valor que faz sentido e perdura do começo ao fim: é a união buscando sentido no saber amoroso.

No seio da cultura, onde nasce e cresce, o ser humano é guiado, na sua ação e motivos, nos seus cuidados e prioridades, antes de tudo, pela qualidade da sua consideração autorreferente. Esse grau de autorrespeito é recebido e apreendido, como iniciação, da cultura mais íntima, familiar, para se conferir e se experimentar nas buscas libertas de preconceções metafísicas dualistas e minusvalias metafísicas.

O DAIMÓNION - GÊNIO INSPIRADOR

O ser humano expressa uma natureza viva e simbólica tanto pela sua materialidade e solidez (matéria-energia como investigada pela ciência), quanto pelas suas ideias e abstrações, alcançando o ilimitado e sem fim recorrente das hipóteses, esse eterno regresso, ou, talvez mais exatamente, essa sempiternidade dos mitólogos. Ambas, tanto os frutos da ciência quanto da contemplação, dissolvem-se em silêncio nos limites inefáveis da cognição, imaginação e visão. Como existente-ciente, presença e atualidade insondáveis, sente-se o naturar de uma raiz transcendendo no cerne sem fim, mas oriundo de uma proximidade inalcançável, silente – o olho não enxerga a própria retina, ele é essência retínica, a vida não conhece a sua raiz, é a essência universal.

No silêncio, manifesta-se uma ciência profunda, protoconceitos absolutos e generativos, aptos a revestirem a experiência de graus de inteligibilidade imediata: trata-se dos mitos fundadores, das âncoras batismais geradoras de nexos. Mitos gerenciando os espaços fronteiraços, quase sempre vaporando em metafísicas: eis o apoio absoluto, a base, a fundação mais real da vida, das civilizações e

culturas. É no *core* do mito fundador, como eco vindo do vazio, que ancora e assenta o sentido, o nexos, o motivo e o grande valor. No *core* do mito cultuado, está depositado e guardado o mister do afunilamento e do destino existencial dos indivíduos, sociedades e civilizações; cultuando e respeitando os fundamentos, caminha-se orbitando no prumo, alinhado; ou então, desrespeitando, volteia-se sem destino - experiencia-se a vida como se conhece, reconhece, respeita ou desrespeita.

Nesse mister, beneficiara-se, ou não, de um amparo existencial: a voz interior do *daimónion*, ou gênio inspirador, decorrente do cultivo, desse respeito pleno e sustentado e relativo a si. Um respeito cultivado dos confins míticos à atualidade, junto a uma prática de alinhamento integrando e acordando, cuidadosamente, pensamentos, posturas, atitudes, palavras, gestos e escolhas. Benefício dourado, legítimo, quando o alinhamento sustentado corresponde ao estado-de-ser entendido como: “eu-sou”, verbo e nome em união, celebrando, com consciência, um mito veiculando a perspectiva cósmico-existencial. Assim é, porque o alinhamento afirma congruência prática e solidez, apenas, e tão só, quando se referindo e se reportando ao real, enraizado no que é: o ontológico, evidente de imediato, a forma, a base da pirâmide cristalina do estado-de-ser afirmando: de Sol a Terra, sou daqui, nada sou sem Terra, Água, Ar e Sol. O sossego, a serenidade, o sonho revelador, a voz interna aconselhando, o gesto certo tomando

dianteira, a palavra magistral⁴⁶, todos, resultam dessas congruências e alinhamentos bem ponderados à luz da razão, naturalmente.

A voz que ressoava na consciência do filósofo grego Sócrates, guiando suas ações, atribuída por este, simbolicamente, ao bom ânimo, ou bom gênio inspirador, era, do ponto de vista da análise estritamente filosófica e contemporânea, a resultante ativa da prática de uma máxima congruidade: um metaprocessos cognitivo e decorrente da ordem ética coligada ao mito panteísta, i.e., a prática lúcida de um humanismo sábio e prudente - uma demonstração surreal da beleza e do Belo coligados à prática da virtude. Os pesadelos existenciais decorrem do uso de critérios vagos e inseguros na efetuação dos atos tanto quanto da incongruência inicial da perspectiva filosófica cultuada⁴⁷.

⁴⁶ Aqui, introduzo o inverso do conceito psicanalítico de palavra ou ato falho: a palavra magistral, ou *o ato magistral*; esse conceito, num sentido amplo, refere-se à inspiração do *daimónion*, como expressividade revelando mais, em cascata, em diversos níveis de entendimento, levando a supor uma perspicácia sutil, promovendo inclusão no discurso de diversos níveis de acuidade, aspectos conhecidos e verdadeiros, captados no plano do conhecimento imediato, conotados, mas, habitualmente, não verbalizados. Ato falho: interferência, num ato intencional, de um outro acidental e aparentemente sem propósito; ou aparecimento, na linguagem falada ou escrita, de termos inapropriados, supostamente produzidos pelos mecanismos de um desejo inconsciente, cuja intenção primária é levar a cabo essa realização acidental; os atos falhados remetem para conteúdos ou desejos recalçados referentes ao objeto, à pessoa ou ao fato em questão. Podem resultar de incongruências, desencontros, inseguranças, de estados de ânimos desorientados ou desorientadores.

⁴⁷ Nas religiões dualistas, o anjo mau, gênio ou representação do mal, espírito maligno ou das trevas, Lúcifer, Satanás, Satã ou o Diabo (que, tendo se rebelado contra Deus, foi precipitado no Inferno procurando a perdição da humanidade), pode igualmente ser compreendido como o ânimo desorientado e desorientador, resultante da profunda incongruência cognitiva coligada à conjuntura de imaginar pertencer, essencialmente, a um lugar radicalmente diverso do configurado, todavia, apreciando viver nesse lugar errado, apegado, lutando em busca da defesa

O RESGATE DA ÉTICA

A dimensão semântica do termo ético tem raiz tão precisa que a problemática mestra, pelo conceito evocado, revela-se em todos os livros a esse tema dedicados. Exemplifico tomando o livro: *ÉTICA – Adélia Cortina & Emilio Martinez*; Edições Loyola, São Paulo, 2005; abro ao acaso, como se fosse mergulhando num lago discursivo; após um segundo, as folhas passando, percuto, com o dedo, a superfície conceitual do trecho locado nas coordenadas “págs. 126 e 127”: nesse ponto, em algumas olhadas dinâmicas, descubro e compreendo essas linhas:

A referência a uma autoridade moral não tem motivo para ser aceitável por qualquer interlocutor, já que em questões morais não existem nem pode existir uma autoridade semelhante à autoridade política ou religiosa. (...) A argumentação baseada na heteronomia supõe um menor grau de maturidade moral que o da pessoa que é capaz de enfocar de modo autônomo – a partir de princípios racionais – a justificação de suas próprias ações. (...) A consciência não é infalível; ao contrário, muitas vezes se recorre a ela para justificar o próprio capricho ou para seguir cegamente os ditames de certas autoridades que tiveram influência no processo de socialização da pessoa. (...) Em consequência, os ditames da consciência precisam ser submetidos à revisão (...) é preciso averiguar até que ponto é racionalmente válida (não confundir como sociologicamente vigente) a norma que se

de mais vantagens e confortos, em vez de pôr em execução, radicalmente, o mais crucial plano de saída.

aplicou ou se pretende aplicar. Para isso temos de recorrer a alguma das teorias éticas (...) e adotar uma para justificar racionalmente nossa escolha, e desse modo nos encontramos de novo no terreno da argumentação ética.

Como se pode imaginar fundamentar a ética em meio a um declarado e desfocado relativismo? Usar o método científico? Pesquisando as ações julgadas éticas por consenso de especialistas ou critérios? Tentar classificá-las para extrair um denominador comum racional? Tentar compreender, através do estudo da estrutura lógica, as ações declaradas morais por diversas bancadas de examinadores especialistas, ao sabor das suas diversas teorias? Coletando substrato – matéria prima - para o melhor desenho e esboço de estruturas conceituais de diversas linhas de pesquisas éticas? Em meio a esse confuso relativismo a “racionalidade ética” será poluída de retórica argumentativa, discurso em defesa de opinião, recursos justificadores em busca de convencimento. É a ética da filocracia⁴⁸, do idealismo dogmático: a ética dos indivíduos seduzidos pelas distinções mítico-genésicas que rompem os processos criativos, a criatividade, em fonte criadora e criaturas. É o reflexo descendente da mitificação

48 O termo filocracia aponta a divergência entre: 1) o poder da verdade comunitária assentada em bases filosóficas; 2) ou das ilusões societárias assentadas em ideologias, filocracia e vontade reativa de poder. Uma racionalidade processando-se, deslocando-se, de um lado a outro das diversas relações e nuances conceituais, sempre progredindo, aderindo às acepções e significados vantajosos, alinhados a um “céu”, ou “paraíso”, já traçado, é, na terminologia aqui exposta: uma “filocracia”. Uma filosofia pré-desenhada em estruturas conceituais dogmáticas é filocracia; tanto quanto o uso abusivo do método científico é cientismo – é evidente que filocracia, de linhagem mediévia e escolástica, o cientificismo espúrio, e os dogmatismos, em geral, encarceram a subjetividade, tornando-a obtusa e cega às verdades filosóficas.

paradigmática do teísmo-dualista, separando um nível diretor e supremo, criador, da casa das criaturas comuns, e, nas sequências político-míticas, a *casa dos nobres* versus a *casa dos comuns*. Nessa caótica e confusa agremiação societária global, nesse mosaico geopolítico global, movido por ideologia idealista e dogmática, é certo, evidente, que a perdição moral não pode ser resgatada olhando para o alto, para os lados, contemplando abstrações teórico-societárias, enfim, se esquivando, buscando longe em perspectivas já sem focos e desviadas, ou procurando entender as próprias pegadas, vagueando nas areias movediças da insanidade societária.

Não é analisando o popular fantasma mediático e político, revestido de acinzentada mediocridade e mesmice, que se pode chegar ao que faz um homo sapiens ser humano, comportar-se com humanidade. O dito “etnocentrismo liberal” é uma versão laica da ética do camelo e do carneiro: é a elevação, o estatuto modelar, da mediocridade submissa, covarde, consensual, imperando nos esquemas societários cronicamente superestratificados por homens lobos; dominadores rústicos. Não se pode compreender a si mesmo, a sua livre direção e sentido, sua escolha, pesquisando, assustado, seus próprios rastros. Nas definições regulares do termo ética, como no livro acima citado, lemos: “estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente a determinada sociedade, seja de modo absoluto”. Inicialmente, cabe corrigir a irresponsabilidade profunda dessa agremiação de indivíduos ditos civilizados, sempre transferindo, de acordo com seu mito líder, a autoridade própria ao grupo ou ao chefe; a *sociedade*, como coletivo abstrato, nada opera diretamente; muito

menos emite juízos de apreciação. Para manter o foco, a frase exige a substituição do vocábulo sociedade pelo termo indivíduo. Simplificando a definição, indo com prudência, por partes; começando do mais local, do mais concreto, reformulo, ética: *estudo dos juízos de apreciação, referentes à conduta, e suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, relativamente a determinado indivíduo*. Sendo assim, talvez seja melhor seguir passos iniciais semelhantes aos de Descartes, tentando auxiliar a humanidade a sair da idade das trevas: imagine que o demônio da desvirtude e desinformação tivesse posto tudo pelo avesso, que nada mais fosse confiável, nenhum jornal, nenhuma revista, imprensa falada e escrita. Nesse caso, não haveria mais outro recurso a não ser fechar os olhos e ouvidos, adentrar na intimidade da sua cognição, no domicílio indominável do estado-de-ser, vir ao centro do seu coração e razão e constar por si mesmo:

“Estou inquieto, duvidando; mas sendo supremo no centro do meu ser, agora estabeleço o silêncio; afasto a amargura e a turbidez da desinformação e sossego. Respirando tranquilo, reato a ligação do estado-de-ser com a lucidez da razão natural, da compreensão sem subterfúgio da minha própria natureza, da sua grandeza e fragilidade, da sua efemeridade. A partir dessa ciência, em mim mesmo, encontro o fundamento onde fincar o marco zero da minha mais reta orientação. Bem no intervalo, entre o verbo e o nome, na densidão da matéria-energia, finco a minha bandeira e afirmo: isso sou eu!”.

O contrário do relativismo moral, o autoconhecimento é claramente cientificado por cada um; pode até ser ofuscado, excêntrico, desacreditado, mas não de todo anulado enquanto o indivíduo ainda fizer jus à definição *sapiens*, i.e., for, com efeito, dotado de inteligência

e alguma ciência-de-si. Todo homo sapiens sabe, diretamente, em algum grau, o que é ser si-mesmo. *Ciência-de-si* é um termo filosófico composto, objetivando delinear o estado-de-ser humano como imediatamente⁴⁹ sensorializado e intimamente conhecido. É, por causa, um termo sistêmico, ou orgânico, composto da agregação harmoniosa de diversos conceitos imperfeitamente definidos; contudo, na agregação dos signos, construindo, apontando e identificando o significado: *categoria existencial humana*, categoria latente no exercício do viver, que todos percebem, em conformidade com a sua concentração, inteligência e atenção, e, todavia, persistindo inefável frente a sua grandeza, diversidade, riqueza e complexidade - em termos, uma filosofia! Alguns dos conceitos principais, cuja agregação aponta na direção do significado do termo “ciência-de-si”, do seu ethos, poderão ser apresentados na forma nominal do verbo como:

Existindo: fenômeno integrando um processo mutante, em fluxo e impermanente, de partes conexas e interdependentes. *Reconhecendo*: o caráter especulativo e ontologicamente incognoscível do fenômeno existencial, ser sujeito e objeto de si mesmo, vivo, integrado em um Universo-sujeito, absoluto onde todos os elementos possuem originação interdependente. *Aderindo*: sem acréscimos hipotéticos a esse estado-de-ser como pode ser entendido com razão, considerando os limites naturais do intelecto. *Enfrentando*: com virtude e coragem o desafio do estado-de-ser, perfazendo um ciclo existencial passageiro, compassado na espessura do espaço-tempo, delimitado pelo

49 Imediatamente: não no sentido “rápido”; sim, no sentido “oposto a mediato”, i.e., “direto”, “sem permeio”.

nascimento e morte, isto é, limites sem referências plenamente experienciáveis. *Aceitando*: que estar-ciente implica uma dinâmica existencial que emana a virtude natural da liberdade. *Regendo*: o processo como sujeito absoluto, não objetivado, sem serventia fundamental; como parte destinada a se dissolver e morrer, desde o início gloriosamente abastado, por nada ter a perder. *Anuindo*: por estar vivo lendo essas linhas, aceitando assim ser, abrindo mão do seu direito de veto, deixando acontecer o ciclo proposto pela natureza, esse destino manifesto, e isso, de boa vontade, plenamente, dizendo: sim! *Honrando*: o estado-de-ser como dado, fazendo dele um estado existencial melhor, desenhando um rumo, um bom movimento, o mais sereno possível. *Experienciando*: o que se manifesta na grandeza e beleza da natureza, nos seus determinismos, e, igualmente, na graça das suas possibilidades, apreciando e conferindo, provando e influenciando com prudência. *Amando*: a vida cotidiana, cultivando o gosto de apreciar ser-natureza. *Confiando*: nos seus recursos, com prudência, tomando consciência dos limites e da eficiência do seu saber. O autoconhecimento pode ser envolto de espessas ilusões, mas dificilmente será totalmente soterrado; até mesmo em meio a essa embriaguez tempestuosa de relativismo imoral, escuta-se e denota-se, vagamente, em lampejos, estertores de lucidez:

“(...) Em questões morais não existe, nem pode existir uma autoridade (...); maturidade moral é ser (...) capaz de focar de modo autônomo – a partir de princípios racionais – a justificação de suas ações (...); revisar os ditames da sua consciência (...)”.

É necessário, todavia, entender, claramente, essa necessidade da razão de “revisar os ditames da consciência”; o que se deve revisar é a

debilidade da consciência admitindo *dever* ontologicamente. Traição à sapiência, à espécie, ao homo sapiens, é imaginar que se deva reconhecer e aguentar, como legítimas, as normas prescritas e ditadas; é espantosamente absurdo, é a essência da antiética. A clamorosa traição ética já é, de certa forma, denunciada na frase: “(...) que em questões morais não existe nem pode existir uma autoridade semelhante à autoridade política ou religiosa”. Sendo o conceito adequado e lúcido, numa verdadeira comunidade humana e ética, de homo sapiens de verdade: não existe autoritarismo, seja político ou religioso! A consciência falível a que “muitas vezes se recorre (...) para justificar o próprio capricho ou para seguir cegamente os ditames de certas autoridades que tiveram influência no processo de socialização da pessoa”, não é consciência própria nem digna de um homo sapiens ciente-de-si. É inconsciência, debilidade, ou algo intermediário, evoluindo sonolento e desfocado, hibridismo equidistante entre consciência “camelo e carneiro”⁵⁰ e a consciência humana. A política e religiosidade do homo sapiens, digno do epíteto, não podem ser autoritárias, tanto quanto não o pode a ética. Conviver em sociedades não comunitárias, não profundamente deliberativas, de religiosidades e políticas autoritárias, comprova imoralidade societária e mediocridade geral. Estruturas societárias, agremiações racionais, artificiais, hierarquizadas, matematicamente lógicas, porém sem ânimo, sem viço: artificios destinados a se engessar sob o peso das normas, da burocracia, do cientificismo, sobre o custo operativo dos fiscais das normas, do fiscal dos fiscais, dos computadores computando tudo até o

50 Expressões nietzschianas.

infinito absurdo. Infinitos argumentos lógicos, discursos querendo trazer na forma de conceitos intelectuais e prescrições normativas o que só é verdadeiro demonstrado no plano do estado-de-ser e da vida prática, das evidências espontâneas e atos, manando de dentro. Ética só pode ser autoconhecimento, claro e bem definido: ser capaz de fazer face diretamente e sem fantasia ao estado-de-ser integrando a natureza, estar evoluindo perfazendo um ciclo existencial natural estendido numa espessura espaço-temporal, assentada e presente entre um nascimento como estado de fato e uma morte garantida. Tirar a conclusão inteligente de que, nesse contexto liberto de quaisquer serventias, mais vale passar o tempo sossegado, cultivando um ambiente de liberdade, fraternidade, igualdade – i.e., de respeito e amizade, de eutimia. Aplicar esse conhecimento e escolha com boa vontade constante, zelosa e manifesta; implementando a praxe salutar dessa convivência nas relações vigentes; assim regulando as atitudes e comportamentos nos diversos âmbitos da polis. Decididamente, com inteligência e respeito, sábia e livremente, escolhendo sempre estimular a defesa da ética, em todos os níveis, de acordo com esse autoconhecimento; estabelece-se um círculo virtuoso, confirmando e tornando explícito o que, na origem, é evidente à luz da razão natural aplicada ao conhecimento de si, à natureza própria; o estado-de-ser tende a se tornar participante de uma graciosidade sempre renovada: o bem, o belo e o bom.

Uma vez estabelecido um princípio ético universal, retornar a argumentos como os contidos no estudo da “evolução histórica, cultural, da consciência moral das sociedades democráticas” representa uma reversão ilógica de nível conceitual. Um retrocesso que transforma

e degrada o sentido filosófico do termo universal. Universal no sentido ético e filosófico, além do sentido patente, paradigmaticamente, significa: *real, legítimo, original, natural*, enquanto que universo-societário significa *globalizado, aceito por consenso, democrático*. O que me parece evidentemente diverso. O autor antes mencionado⁵¹, num capítulo sobre a fundamentação ética, cita a teoria de Habermas sobre a evolução da consciência *moral*⁵² das sociedades; de acordo com essa teoria, a evolução da consciência das sociedades democráticas percorreu três níveis no que diz respeito ao aprendizado sobre o que consideramos justo (explicitamente no contexto da busca de moralidade) : a) o nível pré-convencional no qual se julga o justo com critério de egoísmo e medo do castigo; b) o nível convencional no qual se consideram justas as normas da comunidade concreta a que se pertence; e c) o nível pós-convencional no qual aprendemos a distinguir as normas de nossa comunidade concreta de alguns princípios universalistas, princípios que levam em conta toda a humanidade, de modo que a partir desses princípios possamos questionar também as

51 CORTINA, A. *Ética*. São Paulo: Edições Loyola, 2005 – pág. 143

52 Sou da opinião que os termos “ética” e “moral” são sinônimos. Os que constroem diferenças – como reservar um dos termos para os “discursos a respeito das práticas” e o outro para as “práticas decorrentes dos discursos” – não se entendem na escolhas dos termos e terminam por dizer: aqui nessa escola usamos dessa forma! Pois, não havendo real diferença a não ser na mudança da língua: de grego para latim, uso o termo mais antigo para tudo: ética. Ademais, não sinto necessidade de estabelecer “níveis lógicos” como o nível dos “enquadramentos essenciais” (ultimamente estatístico, dogmático e a cargo “dos especialistas”) e o nível e campo dos “conceitos gerais” como se fossem “populares”. Aqui não estabeleço uma “Ética” com maiúsculo contrastando com “ética” em minúsculo: só vejo uma ética. Nessa discussão, e parágrafo, uso o substantivo abstrato “moral” – no lugar do termo “ética” respeitando as citações dos autores.

normas de nossas sociedades concretas. A partir dessa perspectiva, podemos afirmar que embora grande parte dos cidadãos das sociedades com democracia liberal encontrem-se em um nível pré-convencional, ou convencional, ainda assim, os valores que legitimam as instituições democráticas dessas sociedades são próprios do nível pós-convencional. “Os valores que legitimam as instituições democráticas são próprios do nível pós-convencional”: mas como? Com que milagre? O arcaico efeito das ideias vindo de cima? O efeito da “coisa-em-si” divina operando categoricamente através dos líderes eleitos – braços tomistas e kantianos da vontade suprema *in excelsus*? O efeito místico da dialética de Hegel? Mas que lógica é essa? Democratismo líbero-cultural absoluto e, necessariamente, trans-etnocêntrico?

Primeiro e por princípio, lembrando a expressão kantiana posta no imperativo, “trate-me como algo absolutamente valioso: não me instrumentalize!”, um lugar no qual, como dito acima, “julga-se justo com critério de egoísmo e medo do castigo”, não pode relacionar-se com critérios éticos algum, com ou sem convenção, trata-se de um nível consensualmente amoral! Segundo, um lugar no qual se consideram “justas as normas da comunidade” – caracterizando o segundo nível de moralidade de acordo como Habermas – poderá, ou não, ser moral, embora sendo convencional. Será moral caso seja regrademonstrada estarem os habitantes satisfeitos e contemplados em relação à aspiração suposta e estabelecida - serem tratados como absolutamente valiosos - não sendo o caso, essa sociedade específica, mesmo de consenso e convenção será, igual e basicamente, imoral à luz da razão. Terceiro, continuando a crítica e citando de novo, “distinguir as normas de nossa comunidade concreta de alguns princípios

universalistas levando em conta toda a humanidade, de modo que a partir desses princípios possamos questionar as normas de nossas sociedades concretas” poderá ou não direcionar para uma sociedade moral: o que só se demonstrará no caso de estarem os habitantes satisfeitos e contemplados em relação a uma pretensão ética, universalista, sábia e justa (sendo reconhecidos como absolutamente valiosos). Não sendo o caso, essa sociedade, embora de consenso e convenção, não será nada mais do que uma gigantesca imoralidade, renitente, pertinaz e global, como bem parece se comprovar nos títulos e manchetes dos jornais.

Um princípio, um critério, um juízo de apreciação, para ser realmente, pleno e sem reservas, universal, há de ser capaz de distinguir com clareza e radicalmente, o objeto que pretende distinguir - sem reservas, sem limites restritivos e sem parcialidades. De acordo com o autor (*ib. nota 18 – pág 140*) e segundo Kant, em busca de um critério ético absoluto, universal:

“Existe moral porque há no universo um tipo de ser que tem um valor absoluto, e por isso não devem ser tratados como instrumentos, existe moral porque todo ser racional é fim em si mesmo, e não meio para outra coisa; existe moral, porque as pessoas são seres absolutamente valiosos”.

Esquemáticamente, para Kant, existe moral, porque: 1) há no universo um tipo de ser que tem valor absoluto; 2) porque as pessoas são seres absolutamente valiosos; 3) porque todo ser racional é fim em si mesmo, e não meio para outra coisa; logo, por isso não devem ser tratados como instrumentos.

Resumindo ainda mais, há no universo um tipo de ser racional - as pessoas - que têm valor absoluto, ou são universalmente valiosas, porque todo ser racional é fim em si mesmo; 1) a chave dessas afirmações kantianas é que “existe moral porque todo ser racional é fim em si mesmo”; e que 2) os qualificadores determinantes, no caso “universal, absoluto e final”, são tributários ou convergem para a racionalidade.

Precisando um pouco a afirmação kantiana: 1) o valor atribuído, ou qualificando um tipo de ser, depende do tipo ou qualidade da razão; um valor “absoluto, universal, e final” implica uma razão, como potência efetiva e exercitada, igualmente “absoluta, universal, e final”; 2) que a moral decorrente de tais atributos existe na vigência dos mesmos; 3) decorre que pode existir moral apenas na vigência de uma racionalidade ou *razão qualificada universal*, i.e., irrestrita em qualidade e comum a todas as pessoas implicadas; 4) finalmente, a evidente carência do critério implica não existir moral, nem razão nas nossas sociedades – o que evidentemente se comprova.

A racionalidade, é para Kant algo fenomenal, interno, ou referente ao sujeito-racional, com forte inatismo [i.e., sendo para ele “transcendental”, interna, na distinção transcendente-transcendental]; Kant entende o atributo “*absolutamente valioso*” com referência às pessoas - as pessoas são seres absolutamente valiosos, atribuídas de razão em que a consciência é do mundo e o mundo para a consciência. Mas à luz dos novos conhecimentos referentes à organização

autopoiética⁵³ e à ecológica – rompendo, dramaticamente, a distinção kantiana fenômeno/númeno e invalidando o conceito de coisa-em-si; tudo, no universo, é absolutamente valioso, não apenas as pessoas; é inteligível que, à luz da razão natural, operando conceitos mais amplos e mais abrangentes de que os do setecentismo, o Universo é absolutamente valioso, nele mesmo, e por ele, como um todo; é que, até provar em contrário, o Universo não tem serventia alguma, *qua universo*, não é recurso de nada ou ninguém: é sujeito absoluto universal. Uma ética depositária de um critério aspirando à excelência existencial - ao bem, à vitalidade, ao bom, ao belo, i.e., ao ânimo divinal personificado como Eros pelo intelecto mítico - só pode ser real sendo referência universal, não apenas referente às pessoas; é evidente que os conceitos qualificativos absolutos, universais e finais, associados aos termos moral ou ética, hão de reportar ao que bem determinam, ao todo, ao ser e meio interdependente, como processo ecológico, autopoiético e eco-humanista; caso contrário, expressam um caso simples de abuso de linguagem, ilusório e fictício⁵⁴.

53 Conceito definido em Maturana H e Varela F; A árvore do conhecimento; Editorial Psy II – 1995; p. 88

54 Recolocando a análise no seu próprio contexto kantiano, dualístico, o trecho não passa de uma opinião elevada ao grau de razão. Em todo caso, difícil é coligar os conceitos de “racionalidades e valores absolutos, referidos às pessoas e ao ‘tratamento’ que devem receber”, embasando, e justificando, o “absolutismo” dessa racionalidade num imperativo categórico cuja necessidade, ultimamente, resulta de um a priori teístico cujo absolutismo original, de alguma forma vertido nas pessoas e no mundo como potencial, é, rigorosamente, embasado em crenças - construindo hipóteses, gerenciando além do “não saber socrático”, não evocando racionalidade, mas opiniões. “Absolutamente racional” dificilmente poderá ser embasado num imperativo irracional e normativo, principalmente na presença de alternativas filosóficas antigas, profundamente “clássicas”, como: 1) não pressupor ser a sua insatisfação frente ao que é (impermanência, mutabilidade, permutação em escalas infinitas), em relação ao que se

O ser plenamente racional, produto da natureza universal, ciente-de-si, como explicado acima, não é servil, não é instrumento, é absolutamente valioso, porque é livre e autônomo e isso duplamente, porque é do Universo que não tem serventia, e porque é livre para aceitar o estado-de-ser que manifesta, ou não. O bem é fruto desse gosto de aceitar ser da natureza e na natureza, de apreciar e amar a vida cotidiana pela vida em si. A boa ética dimana do bom ethos: começa com estar bem, no lugar que naturalmente convém. Um princípio, um critério, um juízo de apreciação para ser princípio e juízo universal, há de reconhecer o objeto da sua distinção sem reservas, sem limites restritivos, sem parcialidades, e assim sendo, conotamos que: ética, sendo depositária de um critério aspirando excelência existencial, só pode ser universal, e para isso não admite um conceito ou cosmovisão sectária, restringindo, dogmaticamente, a amplitude, abrangência e universalidade da razão – como ao recorrer a conceitos positivistas imaginando a razão como algo investigador e separado do investigado, ou ainda conceitos fideístas

gostaria que fosse - ou ao que se acredita ser por ter sido educado e condicionado a crer - evidência um limite na capacidade de conhecer/experienciar o essencial; 2) não fazer de um conceito hipotético de originação ou gênese o ponto inicial e final do que se pode pensar; 3) aprender a reconhecer o essencial, essencialmente, i.e., por inteiro, na forma na qual se apresenta ao intelecto geral, incluindo o sensório; 4) conformar-se em ser o que se é, incapaz de penetrar logicamente o mistério essencial (nem relativo à origem, nem à existencialidade em-si), mas apto a admirar e experienciar, plenamente, “absolutamente”, na escala condizente, a sua realidade manifesta, reconhecendo: a) o que existe se justifica em si, magnificamente, esteticamente, b) irradiando e refletindo sentidos diretamente, c) sugerindo e evidenciando, naturalmente, a verdadeira ordem etológica e ética aos dotados da virtude de saber contemplar silenciosamente, sem deixar as hipóteses turvarem as belezas das evidências, não acrescer desejos, nem preconceitos ao que, claramente, se denota e manifesta in natura – o “tremendo e fascinante numinoso”.

antepondo a fé à razão, no processo de tentar considerar e cogitar “valores absolutos”.

Decorre que uma sociedade, dificilmente, poderá pretender vir a ser ética, aplicando delimitações intelectivas, cientificistas, mítico-teológicas sectárias, nos fundamentos basilares da aptidão distintiva, rompendo a universalidade da razão: novamente, a questão ética converge na primeira distinção mítico-genésica. Enfatizo: na mitológica filosófica, a distinção genésica justifica a criação sem separar, ou dicotomizar, o princípio (*arché*) é incluso, compartilhado nas relações e apreendido de imediato na apreciação da beleza, deixando o estado-de-ser orientado na via estético-filosófica, suscitando atos criativos centrados e em harmonia com a natureza. Na mitologia órfica, teísta, religiosa, a distinção separa criador e criatura, o princípio (*arché*) é excluído, convertido em algo incompreensível e inalcançável, deixando o estado-de-ser sem integração imediata, sem rumo, suscitando irrealismo sectário e irracional, idealismo dogmático. Merece igualmente salientar que não existe moral por alguma razão necessária, mas sim porque o agente responsável quer, quando universalmente racional, dotado de razão universal, agir eticamente, advindo ser, universalmente benéfico, sensato e razoável: digno de um estado-de-ser definindo-se *sapiente*, caracterizando-se *racional*. Aponta-se dessa forma a lucidez dos antigos filósofos pagãos, como Sócrates, que afirmava “ninguém pratica o mal consciente, mas por ignorância, pois a sabedoria e a virtude são inseparáveis”; assim como a possível superioridade moral do ateísmo, quando os que recusam romper a universalidade da razão humana, como os denominados pagãos, ou mais especificamente, ateus, escolhem a eticidade como critério de

ação: claramente dispensando quaisquer convencionalismos teológicos no exercício da sua eticidade, comprovando mais autonomia e lucidez eco-humanista.

A *razão*, para ser geradora de ética real, transcendendo os convencionalismos, por isso ética “absoluta, universal”, há igualmente de ser exercitada até o fim, ser final, não podendo pretender alcançar abrangência ética, operando em convenções, ou enquadrada em limites convenionados. A postura racionalista, propriamente dita, positivista, cientificista, fisicalista – na qual: 1) o universo é estudado como se fosse objeto separado; 2) pelo sujeito cientista como se fosse espectador e dotado de poder de isenção, delimita uma distinção convenionada e artificial, fortemente desafiada na sua lógica, sendo tal racionalidade avessa à demonstração e estabelecimento de critérios morais. A postura teísta, enxergando as pessoas como ignorantes, dependentes da revelação, da graça e da fé, de modo similar, entende a inteligência, ou razão absoluta, como exclusiva de um ser ultimamente apartado da sua criação, estabelecendo o mesmo tipo, porém invertido, de distinção: dessa vez separando a inteligência absoluta do universo e da pessoa. Demonstra-se que apenas um relacionamento posicionando a razão no compasso universal, entendendo-a como sendo “processo” em vez de “o grande-espírito portador dos dados”, poderá equilibrar, dialogicamente, as distinções basilares, fazendo jus a uma ética universal. O mito condizente com um conceito lúcido de ética é o mito panteísta, enxergando o Kósmos, na sua totalidade e nas suas partes, como divino. O possível receio de um possível sentimento de solidão, da responsabilidade? O possível receio de trocar a convicção dogmática e hipotética pelo espanto filosófico, responsabilidade, maioria e e

autonomia, é eventualidade passageira, evolutiva, decorrente de ainda carecer do dom pleno e suficiente para em apreciar a grandeza e beleza infinita da natureza.

A TEORIA DO SER SIMPLES

Ser *ciente-de-si*, como conceito filosófico, é ser capaz de fazer face, diretamente, sem fantasia ou extrapolação ao que é. Uma capacidade naturalmente singela, indígena, associada à simplicidade dos começos – bem ser o que justamente se é. Existir advém dos segredos e mistérios da natureza, perfazendo um ciclo profundo, compassado entre uma fecundação e uma dissolução. É reconhecimento evidente que somos, paradoxalmente, perdurantes como natureza, não como partes organizadas. A partir da evidência de sermos expressões universais, a arte da filosofia, estética e ética, implica acolher esse estado-de-ser, abraçar o que somos. O sentido estético coexiste com a confiança, no cultivo da certeza de que tudo tenderá sempre a estar da melhor forma nas circunstâncias dadas; intuindo que cultivando o reconhecimento e apreciação da verdade existencial, humanista e sábia - i.e., exercitando a arte da ética - ou melhor, como uma seta, poderá, certamente, devir nas formas cognitivas⁵⁵ e comunitárias, trazendo seus prodígios de acordo com a estrutura da natureza. Presume-se que o *homo sapiens*, adequadamente orientado e instruído, filosoficamente esclarecido, apto a duvidar e pensar⁵⁶, poderá, sem distorção, desenhar uma cidade harmoniosa e verdadeira - a *polis*. Conota-se que essa humanidade, autêntica e genuína, aflorou em diversos potenciais e estados de realizações nos campos existenciais, tanto na Jônia antiga

55 O termo “formas cognitivas” refere-se tanto às ideias, quanto aos sentimentos e à visão mítica, configurando o intelecto mítico, junto com o intelecto racional e o sensível.

56 Um *homo sapiens* quase extinto, possível apenas quando emocionalmente centrado, sereno, altivo, cognitivamente mestre e senhor de si – mas, agora, em geral, estressado, emocionalmente perturbado, carente e amestrado.

como em tribos de racionalidade mais modesta. O exercício filosófico que identifica existência-e-consciência sem dicotomia manifesta o estado-de-ser lúcido que se vivencia, presente e imediato; é um estado lacrado, hermeticamente, em consciência e estrutura⁵⁷; sela em união estatuto existencial e autoconsciência. O talento filosófico, seu constante exercício, gera uma profunda empatia, fortalece a sensibilidade, a apreensão do Belo como unidade. Invertendo os postulados da metafísica tomista, alinhada à perspectiva transcendente-transcendental e igualando o estado-de-ser ao pensamento, a perspectiva cosmo-existencial afirma: que o “ser” é a essência da existência à qual corresponde porque ali se manifesta. Existência é a unicidade e verdade do ser-sujeito e objeto, é a espantosa união sujeito-objeto, estado-e-ser.

O reconhecimento ponderado da mais genuína e honesta maneira de existir e viver a partir dessa unicidade estrutural fundamente a estética e a ética embasada no ethos. O bem é fruto desse apreço cordato em reconhecer-se prodígio legatário, ponto vetorial dos éons evolutivos da trama universal. Bem apreciar sua realidade à luz da razão, eis o sentido profundo de *amor fatti*: amar e prezar o real. Estar ciente é conhecer e experienciar o estado-de-ser dado à existência com virtude, respeito e amor; simultaneamente estética e ética prima.

Praticar ética é exercitar a liberdade de deliberar boas escolhas cognitivas e comportamentais (no sentido pleno e contemporâneo do termo cognição) à luz da razão natural fundamentada em uma ciência-

57 Afirmar “a metafísica não é sujeita à experiência, não há experiência metafísica” é pregação opiniosa, kantiana, escolástica e contraditória: é afirmar algo sem sentido – é não ser capaz ou ter receio de sentir profundamente a experiência de ser.

de-si esteticamente palpável; trata-se de criar um saber-viver compartilhado e ecumênico, aberto para o mundo inteiro, exercitando uma *razão qualificada*⁵⁸; razão sensível, genuína e criativa, desenhando bom senso existencial, um estar bem, est-ética plena; essa prática, como vocação criativa e específica, manifesta pela natureza através do ser humano. Nesse sentido existir pode ser intuído como perfeito na sua atualidade e misterioso nos seus limites.

A teoria do ser simples permeava a antiguidade como modo regular de apreender e pensar; a sua investigação e perscrutação desbravadora pertenceu aos sábios que habitavam o espaço-tempo inicial do nosso processo civilizacional. O Cosmos, na sua insondável totalidade, se compreende como sujeito-objeto absoluto e incausado, não pode ser atribuído *in totum*, de finalidade ou objetivo; mas no âmbito das nossas escalas, medidas, margens e pontuações, o que se discrimina é finito, efêmero e apto a suportar percepções relativas e sensatas de origens e fins. Assim sendo, o Universo parece um conjunto aberto e indefinido de parcialidades relativas, logo, um estado-de-ser essencialmente paradoxal e inefável. A indagação “qual a finalidade do ser?” surge a partir de um estado-de-ser experimentável; problematiza-se o conceito de finalidade no surgimento mesmo da consciência de ser. “Ser”-recíproca-“estado”: é fenômeno específico, senciente, um estado-de-ser ciente, a luz própria da razão natural. A consciência de ser depende de um estado-de-ser definido, trazendo conceitos finalistas, a ideia de fim, como percepção, abrangência precisa e justa: o plano conceitual é

58 Razão Qualificada, como já definido, é termo denotando o uso pleno do intelecto entendido como, simultaneamente, racional, sensível, e mítico.

coligado ao estado efêmero “ser humano”. Transformar-se é a ordem do estado-de-ser, transmutativo em todas as suas partes: nascer, cientificar-se, manifestar a sua natureza, para dissolver-se, transmutado, determina o destino do ser humano. Apesar da dificuldade inerente, o surgimento de uma conceituação finalista na esfera da reflexão parece inevitável e a pergunta que surge nos mecanismos reflexivos da razão é: “por que e para que, com que fim, eu existo, especificamente?”. Subjetividade sem substrato, reflexo indagador do cogito, sombra destituída de sentido estético. A pergunta ilusória e fictícia induz um antagonismo frente ao estado-de-ser que se manifesta como parte relativa e atuante da totalidade. A resposta deve estar em harmonia com o estado-de-ser, sem preocupação recursiva nem antagonismo, lúcida: ser livre, sem “propósito” é a finalidade de existente, simplesmente; natureza e ciência universal. Ser não é coisa necessariamente fácil para quem é consciente de ser: exige uma anuência constante que permeia as eventualidades do dado-a-ser, harmonizadas com essa fluidez espontânea, antecedente às vontades típicas do ato-de-ser, junto com a capacidade de não confundir o momento, sua força estética, com representações e reflexos, sombras ideológicas. Apenas a partir de uma base existencial firme, vontade incondicional, pode-se existir, simplesmente, modulando opções de atividades, exercitando um modo direcional em linha e com o fluxo da vivência - fluindo.

A HARMONIA ESTÉTICA

A apreciação da harmonia estética é fascinante; a força simbólica de uma flor é espantosa. Lembro ter visto no jardim um lírio azul com listras amarelas na conjunção central das pétalas, desenhadas como raios de sol. Era ainda criança, a flor acima do nível dos olhos; o céu azul, o sol nas alturas; foi quando o lírio empossou-se de uma sublimidade universal, como um vórtice, uma espiral multicolorida e sem fim, conectando meus sentimentos e pensamentos ao infinito. Mergulhar nessa vivência simbólica fascina e induz uma lucidez que culmina num repouso silencioso, uma oscilação vibrante de onde se regressa, sem realmente saber se houve ressurgência ou acordar, voltando-se a enxergar uma simples flor destinada a murchar.

Estaria-eu saindo de casa para o jardim e voltando todos os dias, acordando e dormindo como uma flor abrindo e fechando, anoitecendo e raiando todos os dias junto com a passarada? Com que fim? Há quanto tempo, por quanto tempo? Perguntas fantasiosas de poetas, artistas e filósofos querendo conhecer e sentir o Belo. A unicidade é um sentido estético noticiado naturalmente, congenitamente, não é o que se apreende em reflexões metafísicas sobre a unidade. A raiz da unicidade pode ser conhecida de imediato, esteticamente, sendo o que se é - é a experiência mais fronteiriça de estado-de-ser. Essa é a expressão mais direta e simples da verdade: é a verdade dada para se conhecer e sentir no estado-de-ser, que é o que é.

A presença viva - agora lendo - imediata e sossegada no momento, na atualidade, destacando-se na linha virtual dos pontos neutros das sensações possíveis, sentindo essa plenitude incidente, bem perceptível nos intervalos entre as fases da respiração, sela em consciência

existencial a unicidade do ato e do substrato, da energia e matéria, da existência e do ser. A vida diretamente acessada, confirmada, é ponto dado e estrutural de unicidade e verdade; é coisa para se sentir, irradiando do centro e guardado debaixo de sete chaves: os cinco sentidos, o pensamento e o sentimento - agregado de sentidos repensados, novamente sentidos e repensados. O estado-de-ser é o imediato fundamento da unicidade e verdade - não se identifica com o pensamento, pode ser pensativo.

Igualar o estado-de-ser ao pensamento, como se imagina na estrutura metafísica tomista e diversas derivadas kantianas, afirmando: “o ser é sempre e desde sempre si mesmo, e o pensamento é sempre e desde sempre a manifestação desta identidade”⁵⁹, é entender o que se refere à presença existencial de modo sofisticado, peculiar e atípico, insensível e já dissociado. Um entendimento defraudando a intimidade imediata e primeva do estado-de-ser, de acordo com ideias a priori idealísticas, fabulações destituídas de lastro e realidade, estruturadas a partir de interações sofisticadas de conceitos – exercícios filosóficos esboçados a partir das novas escolas pré-socráticas e pós-pérsicas⁶⁰ - as escolas Jônica Nova, Eleática, Itálica, ou Pitagórica - e, na sequência, apenas como jogos descomprometidos de retórica, praticados pelos sofistas e céticos.

59 MOLINARO, Aniceto, *Metafísica*. São Paulo: Paulus, 2ª edição 2004; 5.2.1 O princípio de identidade.

60 Cyrus II (580-529 a.C.) imbuído dos preceitos zoroástricos - seita órfica recém-fundada preceituando a antítese “mal-bem” como princípio absoluto, transcendental e determinante, condicionando a vitória do bem à obediência a normas e prescrições reveladas - iniciou um grande movimento de conquista, controlando, derrotando, a Jônia a partir de 546 a.C.

A esquisita modificação da busca filosófica ontológico-metafísica, incorporada aos fundamentos naturalistas da imaginação sensível, em elucubrações idealísticas conferindo ao pensamento, com seus agregados mnemônicos de conceitos e entendimentos, o estatuto de “entidade-suprema” ou transcendente, configura um desvio pressupondo um contágio com a doutrina órfica e seus desdobramentos.

Sem esse desvio doutrinário de identidade, parece absurdo que alguém possa entender o ato existencial como pensamento; ou seja: a) um “espírito-singular e peculiar, transubstancial-imaterial”, b) suportado-representado por intermédio de conceitos, ou ideias, c) acasteladas em logicismos como o princípio lógico de não contradição.

Tais elucubrações ocorrem depois do desentendimento, ou ruptura, do estado-de-ser simplesmente ciente, ou lúcido; depois da síncope, desvio da razão, atraída pelo cantar de *sereias mito-teológicas*, apelando e garantindo “vida eterna”, individual e objetiva no pós-morte para um “espírito-ser” desencarnado e sem estado. A redução, ou reabsorção ascética, do estado-de-ser sensível, vivo e real, a uma forma pensada e imaginada como *espírito* desencarnante, desloca o debate “ser ou não-ser” dos sofistas, nos vapores da metafísica teológica, transformando o ponderado ânimo filosófico grego, do início até Sócrates (entendido como cético silencioso e reverente perante o silêncio deificado) em preâmbulo para um mundo de fantasias e terrores. A redução-reabsorção órfica, dualista e obsessiva, da esfera existencial à esfera do pensamento, permite supor a realidade, antes evidência imediata e estética indubitável, como reflexo de um grande “espírito sobrenatural” além e distante (como o olho no topo da pirâmide). Por que a verdade

haveria de ser circunscrita a esse ideal dogmático revelado de acordo com elaborações sacerdotais? O Olimpo, com todos os deuses, incluindo o conceito de “Deus Absoluto”, de “aleluia!”, emana simplesmente e sem acréscimos da fonte primordial que é si mesmo, como existência, e a existência é a manifestação dessa identidade viva na espessura do estado-de-ser original, transmitindo-se e renovando-se, ressurgindo naturalmente em atos essenciais de amor, atos estéticos, honrando a beleza em busca do Belo. Os conceitos refletidos no pensamento emanam desse fundamento imediato de unicidade e verdade, do estado-de-ser em nós e por nós existindo - o que se é, gerador até mesmo do conceito de divino; expressões reflexivas desse senso vivo e real da unidade que se revela no real.

A unidade irradia no início, como um despertar, um nascimento progressivo, logo como impressão de grandiosidade; depois, como imagens de herói, deuses e deusas; divino sendo aquele que é: Cosmo, estado-de ser transmutante e ilimitado; um momento carregado de perenidade, mas efêmero nas suas estruturas; estado-de-ser leve e perfeito, na justa medida. Horizontes gloriosos transmitindo-se como rosas florando num jardim, estrelas brilhando no céu.

DO ENCANTO DO BELO

Nesses fenômenos existenciais, para chegar-se a uma apreciação esclarecedora, há de se considerar os desdobramentos e as direções, por os termos em certos ordenamentos, mesmo se provisionais. A beleza é muitas vezes tendenciosa, querendo vida, saúde, satisfação, fugir do caos; o Belo é trágico, primordial, vindo da unidade

indiferenciada como farinha bruta e integral, sem a brancura dos refinamentos. O belo é neutro, profundamente ecológico, a beleza, na outra mão da via estética, é rica de predileções antropológicas; no surgimento progressivo da autoconsciência, a beleza deixa de ser simplesmente “bela”, lentamente, revestindo-se de “beleza-filosófica”. O Belo, tão logo se vislumbra, reveste-se de saudade, a sua estrutura é tensão e desejo de ser pleno, ou não ser existencialmente solitário - fechar a separação é como um dever ansioso e fascinante do estado-de-ser. A beleza, muitas vezes, pode ser metrificada, canto evocando o Belo, quer seja poema ou discurso, dança ou pintura, arquitetura ou escultura: modos de chamar o Belo, querendo legislar um namoro de trágico destino - apesar de todos os avisos apregoados nos museus e mausoléus. A beleza comenta e reporta o caminho em busca do Belo, interpreta o esforço e a paixão do artista na sua luta simbólica e concreta com os elementos, em busca de dominar, ou ser dominado pelo Belo, mas, sem querer, nem mesmo saber, evocando a morte - como esses toureiros nas arenas. Artistas deixando obras de artes como sinais gloriosos, apontamentos e intentos; bandeiras fincadas nas ondas e preamares de uma escalada utópica, peculiar, contudo bem sucedida. Querer enquadrar o Belo em definições, normas e regras, é tentar arquitetar estruturas com ar. Será que se chega plenamente ao Belo? Aproximamos: ele parece se dissolver no contato. É um caminho prenhe de dialógica, vindo dos primeiros impulsos criativos, do rugido caótico dos mares aos desfechos trágicos das ondas, passando pelo espanto contemplativo; reunindo na mesma estrutura, sensório e expressão, sensação e cognição, arte e filosofia; enlaçando no mesmo processo a beleza da feiura e a feiura da beleza, o assombro fascinante,

o pavor e horror dos trovões, da larva incandescente e fumaça mortífera dos vulcões; desgostos e deleites, tudo se esvaecendo em silêncio inaudível; vida e morte. “Desgosto” é o pavor das informas dissoluções, do cansaço e da morte; “deleite” é como as ordens e estruturas nutridoras da vida, o que emerge do mar. O filósofo a escrita, pena e tinta; o artista usa quaisquer elementos; o artista-poeta usa a vida cotidiana: os três, exercitando a circunstância até o fim; até mesmo os filósofos e os artistas são recursos do Belo, canções de sabiás.

No estudo do Belo, das suas relações com a virtude, é premente a necessidade de lembrar o aviso da pitonisa aos atenienses: afirmando ser a sabedoria mais extrema e conclusiva, o reconhecimento final, espantoso e reverente, da inefabilidade. O Belo vislumbra-se por meio do estudo, mas suprema é a sintonização harmoniosa que emudece o estudioso. Como poderiam esteticismos, criativamente dispostos, garantirem não arrastar, nos seus vetores, cálculos abarrotados de idealismos, projeções escolares, singulares e típicas, mas objetivadas e carentes de universalismo e neutralidade? Do outro lado, de que forma, ser dado a comprazer-se de imediato, com exuberância, imprevisibilidade e sem critérios normatizados, poderia afiançar a ausência de possíveis excessos reativos ou cultismos não evidentes? Em nenhuma outra condição que a estética é tão necessária a prudência; com efeito, a beleza e seus esteticismos evaporam nas curvas do tempo; de repente, quanto apostada onde não se devia, até se transmutam em feiura. No jogo das escalas e mudanças de perspectivas, o que inicialmente parece feio, pode, num átimo, se tornar belo, depois horrendo. Como julgar a não ser com reticências? Como não se

conscientizar que beleza é o que, no momento, parece para mim. Beleza de pigmeus e zulus, indígenas, orientais, ou caucasianos? De pagãos ou cristãos; beleza do norte, ou do sul; do leste, ou oeste; beleza angelical ou beleza da besta defendendo a cria, do bem-te-vi fazendo o ninho na espinheira? Belezas das batalhas, das tempestades e da fúria, ou belezadas meninas brincando com bonecas? Beleza dos tesouros dos reis e dos papas, ou belezas encontradas nos bolsos dos meninos? Beleza dos loucos, ou dos santos? Dos santos loucos, ou dos loucos lúcidos? Como enquadrar numa teoria, sem notas, cores, sabores e toques, justaposições suaves e harmoniosas, ao lado de contrastes fortes e repentinos, mudanças dissintônicas e assustadoras; em que perspectivas justas delimitar as harmonias maiores, cósmicas, além dos apegos antropológicos?

Perspectivas e eixos diversos alocam a beleza nas coisas, nas estruturas, nos gestos e movimentos, nas abstrações e mediatrizes, podendo se destilar ainda mais longe, ao sabor de anseios teleológicos: ecos tão distantes e burilados que já não apontam quase nada, apenas coisas sem efeitos, vindos do além dos portais da comunhão perceptiva. Não acredito, nem me comovo com essas “belezas verticais” a serem apreciadas de olhos fechados, beldades enraizadas no além, separadas e distantes, em algum território projetado, guardado e reservado: é céu nebuloso, gerador de desavenças - santas ou não. Não sou sensível a essas belezas elitistas; a minha apreciação do belo tem fundamento cívico, pertence ao plano horizontal, como apontado por Sócrates que afirmava serem o bom e o útil dimensões necessárias e vitais do Belo. Um belo cristalizado, apartado em brancas nuvens, é feio para mim que sinto ser daqui, mas, talvez, não devia ser para Platão. Para ele *arché*

era uma beleza planando, inefável e acima, no mundo das ideias; um mundo além, de imobilidade perene, idealidade seduzida pelas promessas radicais de uma forma de orfismo enraizada nas normas da religiosidade pérsica, já profundamente adentrada no âmbito dos helenos. Só um deus poderia definir o Belo a contento. Ou então o Belo é essencialmente trágico, sempre presente, mas disfarçado: aquebrantado entre definições e contradefinições? Ou presente, aguardando ser desvelado por todos os olhos, para então brilhar onde deve, mostrar-se como é, fazer-se valer na glória do seu esplendor e no alvorecer da máxima harmonia, na instalação do reino da criatividade amiga e virtuosa entre os humanos – imagino que sim.

AMOR FATTI

Um ser humano incapaz de ver as coisas *sub specie aeternitatis* carece de imaginação; a existência é um ciclo continuado de estados de seres, de unidade e alteridade. A passagem da inocência à maioridade implica chegar ao centro do jardim, conhecer a si mesmo nas suas dimensões eternas, provar as frutas brotando de si, escolher o belo, o bom e o bem livremente, por pura inteligência e clareza. Abusar da razão para crer, contra o bom senso existencial, que o essencial é alhures e não no ethos onde se apresenta e comprova, é ser irracional exponencialmente: condenar-se a aceitar que a experiência perde o homem, que o conhecimento imediato e profundo colhido no cerne do estado-de-ser não supera os pronunciamentos tribunais; é a apologia conjunta da ignorância e de uma cega e ofuscada obediência; haverá salvação para tal desvio? Só o milagre do entendimento filosófico.

Honrar o Belo dado a ser no cotidiano é atender às necessidades, às eventualidades e aos detalhes contingentes ou suscitados pelo estado-de-ser, numa fluidez aceitadora, constante e corrente; criativa. A melhor ação deve estar em harmonia, sem preocupação recursiva nem antagonismo. A partir dessa base poder se modular opções de atividades, exercitar um modo direcional em linha e com o fluxo da vivência. Ser criativo é aceitar testemunhar o estado-de-ser sem medo nem pavor, tranquilo, eutímico. Ser simplesmente é uma disciplina filosófica, cultuando, com bom senso, o estado-de-ser. Dorme-se o suficiente, acorda-se ativo, trabalhando concentrado, de acordo com o que for necessário, repousa-se silencioso. Olha-se uma flor, outras belezas, tocando, apreciando. Desfruta-se o que tiver sido preparado, renovando as forças e a vida. Assim, atende-se ao estado-de-ser como é; a realização de um projeto deverá processar-se respeitando esses mistérios do ser, sem perturbar a natureza, direta ou indiretamente - não deslocando o fulcro da vida na direção do reino de Thanatos.

É certamente mais convivial, espontâneo e ingênuo, cultivar um bom senso existencial à luz da razão natural e prática, da virtude, num jardim epicurista ou num mosteiro Zen, de que numa sociedade insana onde tudo é recurso para não sentir e reconhecer a natureza, para fugir do momento presente, esperando encontrar a perfeição nas despolarizações da morte. Em que a espontaneidade, o bom senso, a luz da razão, o reconhecimento íntimo da sua natureza, podem ser menos norteadores do que revelações milenárias, peculiares e singulares, ampliadas, divulgadas, ditas, escritas e repetidas, como notícias e boatos. Conota-se um esquema societário onde as pessoas são muitas vezes alugadas como instrumentos geradores de metas lucrativas, o

lucro investido para se proteger e distrair do reconhecimento evidente, que só se é sendo, vivendo agora, juntos, em harmonia, nunca num futuro incerto, depois do rendimento das poupanças e aposentadorias. O âmbito societário geral não é insano por orientar e estimular a busca de benefícios próprios; é insano porque é dirigido em busca de lucros insensatos, dedicados e acumulados no intuito de se resguardar de vir a se conhecer e saber existir de maneira profunda e simplesmente. Uma busca de lucro sem fim, alimentando uma angústia sem fim - agitar insano destinado a terminar num desastre. Viver em uma sociedade insana exige reunir os cuidados e a sabedoria das escolas antigas, de Epicuro, Epíteto e outras, talvez, manter-se mais distante, na orla dos campos, das florestas ou das águas, aprender a diferenciar o natural e necessário do que não é, distinguir o que está em seu poder, do que não está – tentar permanecer sereno, apesar dos abusos constantes, das exigências dos que querem controlar, para si mesmo e seus mentores, em nome de todos.

Honrar o estado-de-ser à luz da razão natural exige proatividade, demanda autodisciplina, autorespeito e sinceridade. Ser bem-sucedido exige a prevenção dos desvios mais vulgares da razão (cientificismo, hermetismo ou esoterismo, emocionalismo e egoísmo), o favorecimento das ponderações decisórias cooperantes, integrando uma dialógica interna e externa. Evita-se o cientificismo cuidando não extrapolar o método especial e exclusivamente racional da ciência para todas as ponderações; supera-se o hermetismo, ou esoterismo mágico, desafiando hábitos cognitivos dogmatically tutelados, confiando na sua própria capacidade de conhecer e decodificar mitos e símbolos; vence-se o emocionalismo dominando, modulando e

adaptando as pulsões singulares e gregárias; atenua-se o egoísmo lembrando a originação interdependente de todas os existentes. Favorecem-se ponderações cooperativas considerando o conjunto das habilidades cognitivas, exercitando um dialogismo interno, integrando funções como racionalidade, sensibilidade, intuição, imaginação e memória experiencial; acrescido de um dialogismo externo, ou intersubjetivo, profundo e respeitoso entre os partilhantes dos eventos privados ou comunitários. Exercitar essa natureza com zelo em busca de um saber centrado, sensível, bem ponderado e provisional, é ato ético. Essa é a natureza delineada pelo ânimo grego original, pelas comunidades mais lúcidas.

Portanto, a passagem de criatura instintiva a uma maioria cocriadora implica em dupla vitória: ser simples e honrar a luz da razão natural⁶¹; confiante nos modos e recursos da natureza selando em união o estatuto existencial com a consciência-de-si. Essa afirmação existencial e processual é uma confirmação natural; gera um desígnio nas relações e compartilhamentos: conhecer a si mesmo como sujeito e fonte possível de bem e de sabedoria; escolher livremente e criativamente afirmar o belo, o bom e o bem, por inteligência, clareza e conveniência. É reta intenção e boa vontade da humanidade ciente, inteligente e corajosa valorizar e viver um estado-de-ser positivo, pleno e desapegado ao mesmo tempo. Uma sociedade de homo sapiens é

61 Existe dois tipos de esoterismo, 1) o mágico e teleológico, imaginando um acesso a segredos sectários e cultos “transmitidos” por “iniciados” com relações privilegiadas a uma “verdade” recheada de sobrenaturalismos exorbitantes e infundados, 2) o esoterismo místico propriamente dito, ou alquímico, a comprovação experiencial e psíquica profunda da união mística.

aberta, dialógica, diretamente deliberativa em todas as instâncias e ocasiões possíveis. A ética é fonte ativa e criativa de virtude, jorrando e persistindo em direção ao respeito e igualdade, justiça e paz, ao amor: é o brilho da luz da razão. Uma comunidade ética permite manifestar liberdade, reconhecendo amplamente, promovendo o valor próprio e o do outro. Essa liberdade é proporcional ao grau de respeito mútuo compartilhado ao longo da história privada, singular. Dominar, subjugar, impor, mandar, ordenar, forçar, induzir, iludir, monopolizar, reservar, confiscar, obrigar, invadir, decretar, praticar sectarismo, partidarismo, mercantilismo, sinecurismo etc. são ações essencialmente antiéticas, mesmo se legalmente sancionadas, estranhas ao ethos mais basal, reto e singelo, eco-humanista⁶². Postular-se portador privilegiado de conhecimentos fundamentais, teleológicos, relativos à origem e fim da humanidade, esoterismos mágicos, é manipular e ofuscar os mais ingênuos, atrasar a sua autonomia, insultar a sua inteligência. Supersticiosidade e credulidade sobrenaturalista são resultados tardios da violência, dos primitivismos mais incultos, das extrapolações e deslocamentos éticos crônicos.

A prática cotidiana da ética se torna fácil quando exemplificada na tradição comunitária; aprender a transcender interesses exclusivos em favor de objetivos mais amplos e genéricos é ser razoável, demonstra, efetivamente, um elevado grau de liberdade. É comprovar não ser escravo dos seus medos e receios, dos seus impulsos e pulsões, das suas circunstâncias culturalistas, societárias: é demonstrar estar no domínio

62 A conexão entre a ética e o eco-humanismo assenta-se no mistério do estado-de-ser, que é a identificação unitária, natural (universal), da existência-e-consciência: é a verdade e unicidade de ser-sujeito e objeto, Arché/Physis.

dos seus limites e da sua visão, ser aberto ao universal, saber legislar em perspectivas amplas, à luz da razão natural-universal. Estar ciente é conhecer o estado universal de ser, igualmente dado à existência em cada singularidade, com virtude e respeito; isto é, compreender a unidade entre-nós: é *amor fatti*, ética apontando o Belo como estado-de-ser unitário e amoroso.

Grandes dificuldades éticas são estranhas nas circunstâncias mais propícias, mas são proporcionais aos desvios cristalizados na historicidade, singular e coletiva, na forma de desigualdade e autoritarismo. Se a política, a economia fiduciária e a tecnocracia societária são elaboradas reservadamente, a cargo de grupos restritos e distanciados da comunidade, isolados e protegidos em arquiteturas pétreas, cercadas de barreiras e defesas, é porque vivemos em sociedades sem ethos, desprovidas de ética, fora do respeito humanista - agremiações societárias desviadas.

As distorções assentam numa extrapolação crônica e generalizada como uma doença: a longa repressão dos saberes filosóficos e a manutenção do hábito filocrático a favor das tradições, do poder, das hierarquias. Um hábito promovido e sustentado pela educação estatal, pelos usos e costumes, pelo cultivo do conformismo: decorre que nada pode ser feito de positivo, congruente, no plano político, sem uma mudança radical dos modos de vida e da cultura atualmente generalizada. Uma mudança dessa ordem não opera através de revoluções (recolocando recursivamente o domínio nas mesmas estruturas organizacionais, violentas, impositivas e diretivas), mas sim através da evolução e educação não violenta, praticada, exemplificada. Aconselha-se sempre rever e revisar as suas próprias atitudes, tratando dos seus medos e

pavores, buscar o diálogo, compreender e superar os seus limites. Trabalhar no sentido de compartilhar as suas ideias e projetos em vez de decretar; de pedir em vez de ordenar; mantendo-se acessível às experiências, explicitando os seus conceitos sem apegos, aberto a mudar à luz de razões mais abrangentes e lúcidas. Buscar antes de tudo a concórdia, sem por isso desprezar a si mesmo ou submetendo-se às vontades imponderadas de outros; reconhecer a necessidade de, judiciosamente, não se omitir, sem por isso gerar reações contraproduzidas são cuidados a operar no dia a dia, exigindo uma inteligência atenta e prudente, que se fortalece à medida que se estuda e exercita a filosofia, no âmbito da existência e da vida. Assim, lentamente, com talento e prudência, chega-se cada vez mais perto do centro, do ethos, da postura ética e do respeito.

O CAMINHO DOS ESTETAS

*E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.*

Há Metafísica Bastante em Não Pensar em Nada - Escrito por Alberto
Caeiro

HORIZONTES E PERSPECTIVAS

Seculares ausências de eticidade e estética em prol de desvios metafísicos idealísticos e positivistas, resultam em desencontros profundos com o mundo real, acidentes graves e dramáticos⁶³, o que põe na necessidade emergencial de despertar e sair do estado-de-torpor, de inércia, em busca de afirmar o estado-de-ser, sentir, conhecer e criticar com rigor os grandes símbolos civilizacionais, os mitos.

63 Como sonâmbulos envoltos em atividades inconscientes, arregimentados, operando passagens brutais, acendendo alucinadas fogueiras inquisitivas, promovendo “guerras santas”, atômicas, ou de “alta tecnologia”.

Exponencialmente obtuso é cogitar que a ética possa ser capturada em plebiscito, encontrada nas análises da linguagem, absurdo é imaginar a ignorância média, a mediocridade computada, ser fonte segura de ordem-progressiva: o homo sapiens não pode cogitar adequadamente, como se não fosse humano, mas máquina ou fantasma. É necessário colocar os eixos e os planos existenciais em alinhamento com prolongamentos universais de caracteres naturais e metafísicos. Alinhando os eixos do olhar-pensar e do sentir, como uma reta traçada para assinalar o infinito, até o ponto eternamente criança, silenciosamente respeitado, de onde arrebenta todas as impressões: trata-se de um intento poético-filosófico por excelência, de acordo com a ciência e operando em muitos versos - como esses de F. Pessoa:

*A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.*

Estrofe de “Num Meio Dia de Fim de primavera” - Heterônimo Alberto Caetano

Na via estética, moldam-se e cultivam-se três artes: à arte existencial corresponde o cultivo de uma comunidade amiga e virtuosa, honrando a sua humanidade; à arte filosófica ou mística, a vivência extática da união, na floração e alargamento da consciência-universal - assim naturalmente vindo o Belo ao mundo, no encontro frontal do vivente com o estado dado a ser, na direção presente, avante. Uma união acontecendo no âmagô e entusiasmo do que chamo *razão qualificada* – conceito sensível em sintonia, mas num grau escalar mais abrangente,

ao que Ortega y Gasset denomina de *razão vital* - buscando uma realização viva e focada no ponto central do coração sensível, realizando e expressando, como numa epopeia, um processo vital e panteístico, honrando um estado-de-ser jubiloso e festivo, imediatamente virtuoso, florescendo no confronto do presente em que se vive, sem abstratores teleológicos orbitando em extensões teológicas, talvez, consoladores para uns, mas irracionais e, indubitavelmente, revistando a história de antiga a recente, perigosíssimos.

Divino não é um somatório de ideias desprovidas de emoções: é a Natureza, o Universo, o Cosmo, conhecido, sentido e apreendido no âmago do estado-de-ser; divino é a primeira força original e primitiva. O conceito “deus” corresponde à natureza selvagem, imprevisível – Kósmos: em toda a sua força e potencial de temibilidade e jubilação. Universo-deus, Kósmos, é a beleza alvorecida, o esplendor da noite; a força ciclônica da tempestade, o rumor comovente das trovoadas; é o pavor do maremoto, do terremoto e a ira dos vulcões. Divina Natureza manifestando rebentos incontáveis, como as gotas de orvalho, eventualmente, flor e fauna, até aqui, bem nesta hora, junto com tudo o que se pode saber, conhecer e expressar, abrigando e gestando o ser humano em vínculo pleno, fluxo existencial e estado-de-ser universal: somos a estrutura presente e transmutante, estado-de-ser-vivo, inteligência ciente-de-si, inclusa e engastada, como forma e matéria do mundo. Universo e humanidade configurando um imenso binário unitário, como se existir acontecesse numa estrutura em anel, ou fita,

viva de Möbius⁶⁴, mas sem mensuração definida: ser multidimensional de um lado único e de uma borda só.

DA VISITAÇÃO DO BELO

A congruência da unidade do “ser” e do “estado” configuram uma existência, um “estado-de-ser”. A impressão de isolamento, a grande solidão, tanto quanto o sectarismo, objetivo e separatista, conotam abstrações hipotéticas, secantes e dicotômicas, como hábitos mentais ou gramaticais, desvios da atenção nas grades condicionadoras do pensar apoético. Hipóteses desfocando a vida em esquisitas e disruptivas crises existenciais, idealismos insubstanciados ou petrificações objetivistas, reduções metrificadas. São polos exorbitantes e transtornos de atenção, de vitalidade escassa, mas ainda suficientes para sustentar algum alento de vida, por um tempo, algumas gerações. Nações inteiras e coletividades se sustentam nesses desvios; basta lembrar o enredo dramático dos conceitos medievais, da Índia antiga e contemporânea, seus anacoretas, suas castas; o (neo)positivismo, fisicalismo e cientificismo típicos dos administradores sociais da moeda fiduciária e dos RH: todos, à sua maneira, fazendo da vida uma organização de mosteiro, quartel e agora de armazém, administrada por especialistas perdidos em cálculos utópicos e cíclicos, desarrumando o planeta já transformado em casinha de lorota e papel. Vidas fantasiosas, assombradas, sem congruência e autoridade, mas

64 Möbius A. F (1790-1868) astrônomo e matemático alemão; desenvolveu um dos primeiros aspectos do cálculo vetorial e inventou uma superfície de um só lado.

todas, vidas possíveis, apesar de desfocadas, até uma eventual e brusca despolarização, desmoronando estruturas fundadas em areia movediça. Mas o Belo, pertinaz como convém a um deus, continua visitando o estado-de-ser, no encontro convergente e cocriativo entre as ideias e as coisas, entre os sentimentos e os conceitos, o “eu” e o “tu”, o “outro”.

O Belo pode também se revelar em gestações acessórias e apendiculares, elaboradas nas construções de amenidades, tais como adornos musicais, gráficos, pictóricos, esculturais, teatrais e arquitetônicos, enfeitando e alegrando, com todos os adereços, a vida e a natureza. O Belo é a fonte de onde nasce e surge a arte, o artista e a obra. A arte filosófico-existencial maior é, com certeza, um profundo respeito à natureza, uma comovente confiança no vazio - o grande enigma que nos circunda, de onde brotamos e que ninguém tem o poder de legislar.

As práticas e dedicações artesanais mais belas são: primeira, a arte magna da *civítica*, a arte de viver como cidadãos-irmãos nos campos e estruturas do estado-de-ser; segunda, saber fazer do momento que nos condiz uma ode de beleza e bonança; terceira, aprender a suportar o ciclo das estações por onde se nasce, floresce e fenece, sempre louvando e honrando a natureza. O primeiro mestre do artista filósofo é o vazio, o segundo é a natureza. Não existe arte que seja só corpo, estrutura oca de ânimo e ideias, ou então dissociada em uma universalidade referida e sugerida, como por procuração, através de significados clássicos, tradicionais, papéis e etiquetas. A arte real, digna do ser humano, é a presença viva, ativa e saudável. Estado que só pode bem ser, belo e saudável, participativo e mutante, íntegro e definitivamente aberto à renovação, aos ensejos criativos dos artistas existenciais, dos filósofos e

místicos. Não há, nem pode haver, artes belas e verdadeiras, probióticas e produtivas, vivas, eutônicas e comunitárias, nas esferas artificiais, deportadas e ectópicas como as apontadas pelas religiosidades sobrenaturalistas; nem tampouco pelas ciências objetivistas, produtoras ilusórias de naturezas mortas, subjetivas e apêndiculares, embora, certamente, merecedoras de seus reservados mercados, ofícios e encartes: coleções privadas e bem guardadas – artes em tudo dignas dos melhores museus e mausoléus, de uma civilização sem dimensão civítica.

BOM HUMOR E SUBSTÂNCIA DO SER-AMOROSO

Ponto luminoso de vida ciente, o homo sapiente enxerga-se como decurso transitório e efêmero de um processo sempiterno: nessa conjuntura misteriosa, de profunda textura, mutante e radicalmente incerta, reconhece-se a intenção inicial como equacionada entre: 1) possibilidade de desistência, extinção simples, ou 2) consentimento. Depois de abrandar o espanto, reconhece-se que vivendo nessa condição humana, radicalmente incerta, a postura mais acertada é uma rendição irrestrita ao estado-de-ser, uma anuência existencial confirmada na busca de um estado-de-ser virtuoso, essencialmente, valioso, amoroso – sendo e querendo ser, então que seja Belo! A anuência e rendição devem ser radicais, confirmadas na aplicação continuada de todo os talentos e virtudes em busca de cativar um bom e melhor estado-de-ser. Em relação ampla com os contextos, senão em sintonia extra, os humores reproduzem e refletem o “tempo emocional”, como um clima adentrando no mundo próprio: ora

sombras pesadas e tristes, raras vezes tempestades, ira, e, serenando, brisas; ora manhãs cristalinas, tardes gozosas, noites serenas e pacientes - repousos e luars. A inconstância da natureza, às vezes intempestiva, manifesta no fluir da vida própria, como os movimentos ondeantes do temperamento. Nesse fluxo existencial, eventualmente acompanhado das mais estranhas e destoantes apreciações cognitivas e culturais, como exaltadas manchetes de jornais, não há como não sentir a justa alegria e plena satisfação de certos momentos, climas e circunstâncias, evidentes gratificações existenciais. Esses dons não são privilégios, mas expressões graciosas e cristalinas do estado-de-ser confirmando as relações da natureza e do bom senso e tempo existencial; são manifestações boníssimas e belíssimas de bem estar, como ar puro, brisa refrescante, serena. Esse divino estado, visitando e surgindo na humanidade, no alinhamento de infinitas circunstâncias, intenções e juízes cognitivos, configura um chamado forte emanando do coração e um desígnio esperado pelo ser ciente. Amores divinos, expressões de deuses e deusas, não estão além, nem aquém, tampouco subjetivos ou objetivos, são ânimos fundamentais: amor é a substância buscando ser.

A substância amorosa, como ondulação noévia, apresenta-se livremente, oriunda da imensidão e da fluidez, é o modo primevo de provir e derivar do fluxo cósmico: na origem, como uma tonalidade vibrante, matrimônio de *arché* e *physis*, ela brilha, fecundando vida, festejando uma renovação de formas psicofísicas. Em seguida, em algum lugar da historicidade, a substância e ânimo originais vertidos nos corpos, emoções, pensamentos e sentimentos, espertam ao sabor dos encontros, nos talantes e caprichos da vivência. Esse fluxo

ondulante, vital, aparece nas praias da vida que se tem manifestação da expressividade unitária: havendo bom senso, o prazer de ser-amoroso pode reeducar-se, crescer. Um dia, fortalecido, nutrido em mil avocações, cuidado com confiança, renovado e confirmado a cada gole de água que se bebe, convocado, o bom estado-de-ser torna-se capaz de conduzir o destino, livre e responsável, assenhora-se da totalidade do ser e da vida; é quando o divino se manifesta: ser-amoroso substancial, visível, evidente. O amor é, na perspectiva Universal dos humanos, a única evidente e possível unção cimentando a unidade: a sua linguagem original é o sentimento. Realiza-se o sentimento amoroso através de sinais, recebidos e moldados com razão qualificada, com inteligência sensível. Os sinais principais da operação do ser-amoroso são ativos como o verbo alegrar, conjugando júbilo, êxtase e harmonia. As texturas patentes como denominações e nomes próprios indicam paz, serenidade, confiança, segurança e força. As acentuações e reflexões marcantes, qualificadas como adjetivos, demonstram: gentileza, leveza, suavidade e paciência. Nessa prosa poética, gravada no ânimo de estado-de-ser, estrutura-se e vivifica-se o ser unitário, igualmente, psicofísico, sensível e conceitual: o ânimo é o verbo alegrar, o corpo é o nome paz, o gesto é amigo. O amor, como atestam os prudentes, é inebriante, extático como um vinho fervilhante de inteligência sensível e jubilosa, mas qualquer desatenção, tentativa leviana de querer reger a sutileza amorosa, buscando normalização, ordenação analítica, enquadramento ou domínio, distorce os sentimentos desejáveis. Os desatentos e arrogantes, mesmo se tocados pelo ser-amoroso, não reconhecem, profundamente, essa unção na sua grandeza sagrada e unitária, não conhecem a arte de cultivar e cativar o ser-amoroso;

acham-se imbuídos de um poder irresistível tão logo sintam o perfume precursor do amor, querendo conquistá-lo, metodicamente, como se fossem superintendentes - os bons sentimentos se perdem em fadigas, exaltações, rechaçados em conflitos e miséria moral. O amor é força e luz universal: só abordável com abnegação, devoção e delicadeza; ele paira, flutua, nesse mundo em organização, tentando chamar, direcionar o foco de luz da razão na ordem perceptiva e criativa do silêncio mais pleno e imponente.

DOS DESAMORES

Nessa busca encampada num processo civilizatório esquizoide, metafisicamente dividido no plano mais basilar, a seguir, em cascata, por todas as decorrências e escalas, trágicos desencontros são triviais. A esquisita e longa ruptura do tecido mítico unitário, com as carquilhas e dobraduras subsequentes em todos os níveis, religiosos, nacionais, sociais, étnicos, históricos, administrativos, educacionais, de gêneros e status, obriga a cultivar o ser-amoroso, em busca da unidade perdida, de forma estranha e surpreendente. O ser-amoroso manifesta-se nas frestas, aos pedaços: com certas amizades compartilham-se carinhos, abraços sinceros, trocam-se coisas do coração, flores, com essas outras se intercambiam inspirados conceitos, estabelece-se uma união de pensamento: não é mais comum conseguir estabelecer, num só tempo, numa só legitimidade e contexto, um espaço amplo para o advento inteiro, pleno e realizado de um ser-amoroso mais perfeito e completo, nos diversos aspectos. Nas confrarias mais fechadas, avessas ao reconhecimento eco-humanista da grandeza e beleza via estética, o

cultivo evolutivo e progressivo da harmonia não se pratica e nem mesmo se cogita; a luz da razão não é mais natural, mas um desvio cultuando fragmentos como se fossem princípios unitários, tudo tende a desnaturar-se em recorrentes e escandalosas corrupções.

Nos meandros da vida societária, a via estética, com frequência, embaraça-se de padrões e modismos. No caminho da estética e ética autêntica, como apreensão sábia, o conhecimento não deixa dúvidas, impedindo confundir o que honra a natureza do estado-de-ser, o bom senso existencial na sua dimensão íntegra, com aquilo que apenas tenta justificar critérios configurados aos pareceres de cânones e normas – criteriologia como deveres e direitos instituídos através da dominância, estratificação e superestratificação, como incidindo ao longo da história. O padrão, ou critério societário incidentalmente vigorando, tende a atender uma expectativa, seja clássica, *fashion*, moral, em conformidade às perspectivas culturais dominantes, no fluxo das contingências políticas; pondo-se, na mesma condição e transitividade, o estado-de-ser amoroso verdadeiro com movimentos e modismos estéticos e jogos de poder: parecendo, nesse caso, adequado se falar de política, até mesmo de ditadura da beleza.

A autoridade inscreve as suas predileções, com tenacidade e vaidade, nos padrões culturais gerais, morais e estéticos das sociedades normatizadas; os gostos dos poderosos são propagados, comentados, exemplificados, até padronizados: ditando como se deve comportar, comer, vestir, saudar, fazer a corte, decorar os lares e receber. Padrões estéticos e morais incidentais massificados em regras e protocolos; um compacto circumspecto de normas e estilos incorporando uma legitimidade de aparato, como um laquê, promovendo o culto à

etiqueta, a uma estética rígida semelhante à arte nacionalista imposta pelas ditaduras. A etiqueta é, com frequência, a junção feneçada, grotesca, da moral e da moda; é uma vereda da via estética, ou uma forma degenerativa da beleza verdadeira, sustentando uma globalidade estranha, um molde bitolado numa medida só, igualmente obsoleta e iníqua. Essa legitimidade espúria do padrão estético se fundamenta nas mesmas estratégias relativas ao padrão-moral: patrocínios definidos, afirmados, delimitados e regidos como direito positivo; amparados em “leis” arbitrando poderes e tradições, usos e costumes arranjados entre partes; proporções repartidas e negociadas na força dos gostos e sabores rondando os âmbitos dominantes. Uma carência crônica de criatividade, maturidade, sensibilidade não permite que sejam diferenciados os procedimentos mimetizados por intermédio de apreciações normatizadas e padrões, etiquetas populares, dos verdadeiros movimentos unitários aspirando ao encontro do Belo. Nos compassos dos hábitos e costumes que vicejam na esfera de influência das rotinas societárias, mesmo aspirando um encontro autêntico com o Belo, poderá enveredar-se por caminhos estéreis onde se confrontarão desenlaces que não refletem as perspectivas fundamentadas nas intenções. Os desejos, confirmados em vontade e boas intenções, não são mais suficientes nessa terra já estranha, ferida e deformada, para garantir o encontro de circunstâncias e contextos propícios a uma celebração da beleza e do Belo. Modos de operar sem lucidez, tanto na intimidade, maneira de assimilar e introverter as apreciações, quanto na extroversão das ações e atitudes, levam a movimentos confusos, frustrantes. Poderá demorar-se uma vida para, sufocado em etiquetas, perceber encontros afetivos, germinados de simpatias iniciais,

envelhecerem sem caracterizar um aprofundamento empático em busca da beleza central, do Belo. No fluxo dessas aproximações inábeis, surgem sensações de minusvalia, irritação e desconfiança. Tais sentimentos, frequentemente mal elaborados, rechaçados como manifestações gerais de falta de equilíbrio e saúde estética, não têm as suas raízes claramente detectadas. Providencialmente, a constante intenção e vontade reta, aspirando se encaminhar em busca de um encontro unitário permite, apesar da ofuscação do intelecto, a manifestação ocasional de atitudes e comportamentos espontâneos que salvaguardam o acesso ao Belo, favorecendo a exposição, descoberta e correção de laços inférteis. Observações, comentários e gestos acontecem forçando o aparecimento de enganos e de distorções, um pouco como certos sonhos trazendo à luz fenômenos intrapsíquicos ainda parcialmente conscientes.

O índice mais certo de que a procura dedicada à celebração da substância unitária esteja canalizada por vias férteis e produtivas é o surgimento de sensações e sentimentos benéficos em todas as instâncias do estado-de-ser: percepções físico-corporais, afetivo-cardíacas, psíquico-intuitivas positivas, suaves. A facilidade, tranquilidade, riqueza espontânea sincrônica e engrandecedora de tais encontros, quando férteis e felizes, proporcionam, na vigência de um bom-senso existencial, autonomia e atenção, orientações e diferenciações suficientes, independentes das normas e imposições culturais. Nesses eventos, a beleza se exemplifica, muitas vezes, em desacordo com os padrões, mas harmonizando congruências e acordos cuja perfeição, de algum modo, sobrepuja; é quando se cultivam jardins atípicos, arranjos conviviais que não se conformam e enquadram com

os usos, costumes, ideias e tradições do grupo em que se vive. A diversidade dos eventos, entidades e circunstâncias refletem-se na diversidade e riqueza dos contextos; a vida se desuniformiza recuperando a riqueza e versatilidade genuínas, a exuberância extática e criativa; a arte, de gótica e elitista, torna-se naturalista e horizontal, presente.

DA ARTE COMO PROCESSO REGENTE

O entusiasmo vital dos artistas e poetas é tanto que fazem arte ou poesia em todos os momentos, não, necessariamente, esses poemas, palavras-cruzadas de metrificações rígidas, muitas vezes carentes de força e afeto, como alguns artesanatos bonitos, mas que não transitam força. Para outros, igualmente tocados pelo ânimo da arte e da poesia, a criação tende a acontecer nos momentos de grande júbilo, ou pesar: a verba artística se exterioriza no início de um encontro com o ser amoroso, ou no apogeu de uma decepção. Nesses processos, a arte torna-se tanto um instrumento expressivo e multiplicador do entusiasmo amoroso quanto um modo terapêutico e aliviador, processando os sentimentos frustrados em horizontes e conceitos libertadores. A arte entusiástica abrange o talento de agregar a totalidade do intelecto: unindo o lado sensível com o racional.

Nesse diálogo, o sentimento se reformula e ressignifica em harmonia com a visão e projeto de vida. Quando, apesar de uma positiva e elevada intenção, alguma configuração, ainda embaraçada em automatismos e influência societária, submissões ou oposições, resulta num desses caminhos estéreis, levantar-se-ão ondas de tristeza;

reconhecer-se-ão os enganos, as falsas esperanças: somar-se-ão sofrimentos na contabilidade existencial. É quando uma onda de niilismo poderá induzir a imaginar a fatalidade vivencial de um balancete zerado no fim da contabilidade vital. Há de se remover a pedra filosofal, ímpeto nuclear em busca do Belo, desses estranhos entulhos e desencontros. Mas a instrumentação poética da arte a serviço do Belo, do ser amoroso, da estética e ética, permite transpassar os ápices rigorosos, escalar e percorrer todas as vertentes, sombras compridas e trágicas, até levar o ânimo a platôs serenos, firmes e pacíficos. A transposição dos ímpetos e sentimentos poéticos mal sucedidos, mas, claramente, imbuídos de ser-amoroso, como odes retrabalhadas e transpostas em honra a outras circunstâncias, permite reorientar o sentimento estético por caminhos novos e mais promissores: dessa forma sanando e eliminando a tristeza, até, eventualmente, encontrar-se uma linha unitária jubilosa, um planalto desobstruído, livre – sereno. A arte bem dirigida orienta a busca do Belo em direções harmoniosas, onde musas corporificam.

DA TENACIDADE DO AMOR

O amor é fonte de vida, essência e luzeiro transcendente por onde a vida se transmite, persiste e ressurge. O dia em que os arautos da “metafísica racionalista”, sondando o além em elucubrações solitárias em busca de um ser-amoroso ideal em planos duvidosos, do anverso da essência, dedicarem as suas práticas a uma busca realística e presencial, à luz da razão natural, surgirão os sinais, entre outros:

* escolas de filosofia serão mais numerosas de que igrejas;

- * sacerdotisas celebrarão rituais e o celibato dos sacerdotes será revogado;
- * a estética e a ética serão estudos fundamentais em todos os graus escolares;
- * professores abrirão espaços e anfiteatros para falar de cívica e amor;
- * a ciência será uma busca a serviço da comunidade;
- * o sistema de troca voltará a ser de domínio popular, lastrado em bens e valores reais;
- * o mundo urbano se tornará horizontal, as casas distribuídas em jardins;
- * todos os viventes, de quaisquer origens, terão nacionalidade planetária.

Um novo mundo estará realmente nascendo, ético, mais lógico e belo do que quaisquer reinados, como um tapete de flores preenchido de canteiros circulares. Uma criança, nascida na glória e presença unida do ser-amoroso, erótico, amigo e poético, granjeará a benção do divino num único tempo: alegria, paz e amizade - terreno fértil e propício ao germinar prudente da sabedoria e bom senso existencial. Considerado ou não, nada é mais importante que o cultivo do ser-amoroso que se manifesta na natureza: tudo cai, rompe, sendo sujeito ao desgaste, menos o amor vital que sempre se refaz. Aguardemos os sinais.